

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CÁSSIA FRANKENTHAL QUINLAN

O PERFUME DE NARCISO
Uma análise da ausência de Eros na formação da identidade

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

CÁSSIA FRANKENTHAL QUINLAN

O PERFUME DE NARCISO

Uma análise da ausência de Eros na formação da identidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Luisa de Oliveira.

SÃO PAULO

2009

Para meu tio.

*A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá*
(Chico Buarque: Roda Viva,
2006).

AGRADECIMENTOS

A meus pais, por tudo.

A minha vó, pelas revisões e lições de gramática, de concatenação de idéias e de vida.

A meus tios, Renato e Márcia, pelo suporte por todo o caminho.

A minha irmã, Priscilla, pelo eterno carinho.

A minha “madrasta”, Carmen.

Às grandes amigas, Bárbara e Giuliana, pela companhia nas tantas trilhas percorridas.

A meu namorado, Caio, por me amar e agüentar mesmo nos piores dias.

À Amanda, Ana Flávia, Ana Maria, Cristiane, Igor, Naira, Thais e Victor, por ultrapassarem a barreira que existe entre o coleguismo e a amizade.

À Cirano por me emprestar um livro que eu já tinha em casa e não sabia.

À Luisa de Oliveira, pelos eventuais, e às vezes necessários, puxões de orelha e ao grupo de orientação pela companhia e ajuda ao longo deste último ano.

Ao Dr Rodney Taboada, pela disponibilidade para acrescentar a este trabalho a sua experiência e por possibilitar novas reflexões.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo analisar a psicodinâmica de Grenouille, personagem do romance “O Perfume: história de um assassino”, de Patrick Süskind (1985). Para analisar Grenouille, contamos sua história levantando as partes mais importantes para compreendê-lo. A hipótese original aproxima a história de Grenouille do narcisismo; esta relação é aprofundada e ampliada: a psicopatia e o trauma precoce também são levantados como hipóteses para a análise, que se dá com base na teoria da Psicologia Analítica. Grenouille é abandonado pela mãe logo que nasce, passa por novas situações de abandono até que cresce e desenvolve um objetivo ambicioso: fazer o melhor perfume do mundo. Para isso, ele mata vinte e cinco jovens, extraindo delas sua essência aromática.

Palavras-chave: “O Perfume”, narcisismo, psicopatia, trauma precoce, psicologia analítica, Eros.

SUMÁRIO

1 Introdução	7
2 O caminho de pesquisa: objetivo e método	10
3 O Perfume	12
3.1 Infância	12
3.2 Adolescência	13
3.3 Vida adulta	15
4 Narcisismo	29
4.1 O mito de Narciso	29
4.2 Personagens	31
4.2.1 Céfiso	31
4.2.2 Liríope	34
4.2.3 Tirésias	36
4.2.4 Nêmesis	39
4.2.5 Eco	42
4.3 A dinâmica do narcisismo na Psicologia Analítica	45
5 Psicopatia	53
5.1 A psicopatia por Robert Hare	53
5.1.1 Histórico	54
5.1.2 O diagnóstico	55
5.1.3 A diferença na socialização	58
5.1.4 O cérebro e os psicopatas	59
5.1.5 As causas	63
5.2 A psicopatia pela Psicologia Analítica	65
5.2.1 A invalidez como arquétipo	65
5.2.2 Eros	66
6 Trauma Precoce	68
6.1 A dissociação como alternativa	69
6.2 O sistema de auto-cuidado	69
6.2.1 O aspecto diabólico do sistema de auto-cuidado	71
6.2.2 O aspecto salvador do sistema de auto-cuidado	72
6.3 O desenvolvimento psíquico quando há trauma precoce	72
6.3.1 A auto-retraumatização	75
6.4 O preço do trauma: a Individualização	76
7 A fórmula do perfume	78
7.1 Infância	79
7.2 Adolescência	87

7.3 Vida adulta	92
7.4 Lysis	98
8 Discussão	100
9 Considerações finais	103
Referências	106

1 INTRODUÇÃO

[...] as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração. Com esta, ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas (SÜSKIND, 1985, p. 162-163).

As histórias fazem parte da vida humana desde tempos imemoráveis. Sejam contos de fadas, anedotas, fábulas ou romances, a literatura interessa a sociedade, pela distração, pela diversão ou como meio de conhecer outras e novas culturas.

Um livro bem escrito é capaz de atrair o leitor para dentro da história, como personagem ou como espectador, dependendo do envolvimento e da capacidade imaginativa do leitor.

Quem estuda fatos sociais deve saber que obras de arte são uma fonte rica de informação, pois elas são manifestações psíquicas, individuais e coletivas, e extensões de quem as produz e de quem as admira. A psicologia é uma lente que auxilia seu estudo (SALLES, 2002).

“O Perfume: história de um assassino” conta a vida de Jean Baptiste Grenouille, um rejeitado que se torna um assassino em série com um objetivo ambicioso: fazer o melhor perfume do mundo. Esse livro, junto com outros, me foi recomendado e emprestado por um amigo com quem a troca de livros é uma constante. Não sei por que escolhi esse livro e não outro, mas dei início à leitura na época de buscar um tema para o TCC.

Achei o livro absolutamente fascinante! Eu me senti na França do século XVIII e quase conseguia sentir os cheiros que o autor descreve tão bem, embora ele admita, muito modestamente a meu ver, que descrever cheiros não é tarefa fácil, ainda mais com as nuances da sensibilidade de Grenouille.

Pouco antes de lê-lo, li um livro de Ilana Casoy (2002), no qual ela faz um levantamento do que hoje se sabe sobre assassinos em série e no qual ela relata alguns casos famosos dos EUA e do Canadá. Enquanto eu lia o romance, lembrei do caso de Paul Bernard, cujo diagnóstico foi de transtorno de personalidade narcísica. E me veio a dúvida: seria este o caso de Grenouille?

Busquei conhecer esse transtorno, o narcisismo e o mito de Narciso. Ao longo da pesquisa, porém, compreendi que o transtorno de personalidade narcísica – como todas as patologias do DSM-IV, guia diagnóstico da Associação Americana de

Psiquiatria – faz parte da Psiquiatria Descritiva. Isso significa que o transtorno é definido por características específicas que, se presentes num indivíduo, configuram o diagnóstico. Dessa forma, meu objetivo seria relativamente simples: eu precisaria verificar se Grenouille tem as características descritas no transtorno de personalidade narcísica. Foi então que entendi que meu interesse não estava no diagnóstico, mas sim na compreensão de Grenouille e de sua dinâmica interna.

Como sugerem Gordon (1980), no subtítulo de seu artigo “Narcissism and the self: who am I that I Love?”, e Ribas (1991), em sua dissertação de mestrado, a compreensão do narcisismo tem início na compreensão do objeto de amor do narcisista, isto é, ele próprio. O narcisismo resulta de um distúrbio na formação da identidade: por diversos motivos, com relevância em cada caso, há distúrbios no desenvolvimento da consciência e da identidade. O narcisismo é, então, um recurso do indivíduo para compensar a falta de identidade e de auto-conhecimento: agir e sentir-se como melhor e superior aos outros é uma maneira compensatória de lidar com o desconhecimento de si.

O narcisismo é um quadro clínico que pode estar associado a outros. E, embora eu mantivesse minha hipótese original, ainda que modificada – que Grenouille é narcisista – achei que outras hipóteses enriqueceriam a compreensão de Grenouille. Pensando em seu histórico, levantei como hipóteses a psicopatia e o trauma precoce.

A psicopatia, segundo Hare (1999), é um conjunto de características que ele divide em duas categorias: a vida emocional/interpessoal e o estilo de vida. Na primeira categoria encontra-se uma característica que, para mim, é das mais importantes: a falta de empatia. Na segunda categoria, a ruptura com leis e normas é uma das características mais conhecidas dos psicopatas. Assim, temos como figura superficial do psicopata a de um indivíduo que faz o que quer sem pensa nos outros e nas conseqüências de seus atos.

O trauma precoce se caracteriza pela vivência de afetos intensos que o ego, ainda não formado e/ou estruturado, não é capaz de elaborar. Como forma de superar esse obstáculo, a psique dissocia o evento traumatizante e os afetos a ele associados do resto de seu conteúdo.

Esses três quadros têm em comum uma configuração interna de certa forma pobre: o narcisista tem poucos objetos bons internos; quanto ao psicopata, não sabemos se tem um mundo interno e, se tem, não sabemos o que lá reside; o indivíduo traumatizado, para sobreviver, bloqueia o acesso a alguns de seus conteúdos internos.

Para compreender as circunstâncias que levaram Grenouille a seguir a trilha dos assassinos, organizamos o trabalho da seguinte forma:

O Capítulo 2 se refere ao caminho da pesquisa, ao objetivo e ao método de pesquisa.

O Capítulo 3, “O Perfume”, é o resumo do livro com foco nos dados mais importantes para a compreensão de Grenouille. Não foram incluídas informações adicionais sobre personagens secundárias porque sua compreensão foge ao escopo deste trabalho.

O Capítulo 4, “Narcisismo”, está dividido em: 4.1, “O mito de Narciso”, resumo do mito, 4.2, “Personagens”, baseado na análise simbólica que Cavalcanti (2003) fez das personagens do mito (Céfiso, Líriope, Tirésias, Nêmesis e Eco) e a relação dessas personagens com o narcisismo, e 4.3, “A dinâmica do narcisismo na Psicologia Analítica”, que centrou-se em como autores junguianos, como Neumann (1995) e Montellano (2006), compreendem o narcisismo.

O Capítulo 5, “Psicopatia”, se divide em duas partes: 5.1, “A psicopatia por Robert Hare”, trata de como Hare (1999) compreende a psicopatia e aborda o histórico, o diagnóstico, a diferença na socialização, o funcionamento cerebral e as possíveis causas da psicopatia, e 5.2, “A psicopatia pela Psicologia Analítica”, que discorre sobre a compreensão de Guggenbühl-Craig (1980), analista junguiano, da psicopatia, com o conceito de invalidez como um arquétipo e, ainda, uma breve discussão sobre a influência de Eros no quadro.

O Capítulo 6, “Trauma Precoce”, refere-se ao trauma precoce como compreendido pelo analista junguiano Donald Kalsched (2004) e está dividido em: 6.1, “A dissociação como alternativa”, que explica a saída que a psique encontra em casos de trauma precoce; 6.2, “O sistema de auto-cuidado”, que discorre sobre o funcionamento da psique em caso de trauma e sobre os aspectos diabólico e salvador deste sistema; 6.3, “O desenvolvimento psíquico quando há trauma precoce”, que apresenta as intercorrências do desenvolvimento infantil e o funcionamento do adulto que passou por trauma precoce e 6.4, “O preço do trauma: a Individuação”, que apresenta as conseqüências do trauma precoce.

O Capítulo 7, “A fórmula do perfume”, se refere à análise de Grenouille e está dividido em 7.1, “Infância”, que analisa os eventos importantes da infância de Grenouille, 7.2, “Adolescência”, que analisa os eventos importantes da adolescência de Grenouille, 7.3, “Vida adulta”, que analisa os eventos marcantes da vida adulta de Grenouille e 7.4, “Lysis”, que fecha a análise e o capítulo.

Os capítulos 8 e 9 tratam, respectivamente, da discussão e das considerações finais do trabalho.

2 O CAMINHO DA PESQUISA: Objetivo e Método

O objetivo desta pesquisa é compreender as circunstâncias que levaram Grenouille a seguir a trilha dos aromas em direção aos assassinatos. Trata-se de uma pesquisa teórica de cunho qualitativo, por ser este o método que melhor atende ao objetivo de compreensão e de interpretação de fenômenos psíquicos e sociais (PENNA, 2003).

Para a análise, a leitura do romance teve como foco os símbolos que ele contém. Para a Psicologia Analítica, o símbolo é “a ponte epistemológica entre o conhecido e o desconhecido, é o meio através do qual a transformação do material inconsciente em material conhecido é viável” (PENNA, 2003, p. 149). O símbolo é um fenômeno psíquico que pode ser “apreendido pela consciência e será compreendido quando elaborado” (p. 153).

[...] o sinal indicativo da presença de algo que tem valor simbólico para a consciência é uma sensação de inquietação, um sentimento de curiosidade e estranheza; trata-se de uma experiência mobilizadora de energia que atrai a atenção da consciência [...]. Via de regra, um evento com alto valor simbólico é considerado, pelo menos, significativo, que faz sentido tanto para um indivíduo, no caso de símbolos individuais, como para uma comunidade, no caso de símbolos coletivos (PENNA, 2003, p. 179).

Para compreender melhor o símbolo é importante entender seu processo de formação: ele é fruto da tensão intrapsíquica para trazer regulação via integração de conteúdos inconscientes, recurso que procura diminuir a tensão ao ampliar a consciência.

A leitura simbólica tem por objetivo elaborar o símbolo, traduzindo-o para a consciência, de modo a amplificá-la, tornando consciente cada vez mais conteúdos inconscientes.

A perspectiva simbólica da realidade e do ser humano é o ponto de vista a partir do qual a compreensão do fenômeno se realiza. A visão simbólica dos fenômenos considera o fenômeno psíquico como uma expressão da conjunção entre o arquétipo e a experiência existencial. (PENNA, 2003, p. 183)

A amplificação simbólica era usada principalmente na interpretação de sonhos, como meio de encontrar os significados arquetípicos dos símbolos contidos num sonho. Atualmente, entretanto, ela não é mais tão restrita; a amplificação também é usada com símbolos coletivos e culturais, que fornecem entendimento da situação atual da coletividade. Quanto ao uso na pesquisa, Penna (2003, p. 198) afirma que “o processo amplificatório produz uma compreensão objetiva do material simbólico, uma vez que estabelece conexões simbólicas com a esfera arquetípica da psique”.

A amplificação se baseia no método associativo e no pensamento não dirigido, apoiando-se, também, na hipótese do “significado pré-existente do símbolo, ou seja, seu caráter arquetípico” (PENNA, 2003, p. 194). Ela é, ainda, um tipo singular de procedimento metodológico aplicado ao material com o objetivo de favorecer a tradução simbólica. Para Pieri (2002), a amplificação é o desenvolvimento em intensidade e amplitude das expressões inconscientes para possibilitar sua leitura psicológica.

O processo de amplificação simbólica é realizado para ampliar e enriquecer a compreensão do símbolo por meio de associações e analogias, com o objetivo de favorecer a tradução e a interpretação do material inconsciente contido no símbolo. Seu objetivo central é encontrar o núcleo arquetípico do símbolo, buscando neste formas gerais coletivas nos símbolos individuais.

Penna (2003, p. 202) afirma que a amplificação simbólica é um modo de compreensão das manifestações simbólicas e, portanto, constitui um método de abordagem dos fenômenos. Com o material simbólico, faz-se uma “leitura amplificatória dos símbolos”, pensando simbolicamente no material, procurando por analogias e semelhanças para alcançar o tema arquetípico comum entre os elementos.

A partir da compreensão e da interpretação simbólica e da teoria analítica sobre o narcisismo, sobre a psicopatia e sobre o trauma precoce, pudemos compreender a dinâmica interna de Grenouille e as circunstâncias que o levaram a se tornar um assassino.

3 O PERFUME

3.1 Infância

Paris. Século XVIII: uma feira foi construída sobre um terreno que havia sido um cemitério, isto é, um depósito de cadáveres. Em 17 de julho de 1738, numa barraca de peixes, nasce Jean Baptiste Grenouille. É a quinta gravidez de sua mãe. Dos que não nasceram mortos, nenhum sobreviveu em meio às vísceras de peixes e, principalmente, ao abandono. Para a mãe, este não seria diferente.

Ela começa a sentir as dores do parto. Agacha na barraca, espera que “aquilo” nasça e corta o cordão umbilical com uma faca. Talvez devido ao calor e ao mau-cheiro, ela desmaia e lá fica. Há certa comoção e a polícia aparece. Depois de um curto interrogatório sobre a faca e o sangue, ela levanta e vai se lavar. Neste momento, contra toda e qualquer expectativa, o recém-nascido começa a chorar e a gritar. O bebê é encontrado e levado a uma ama. A mãe é presa, condenada e, algumas semanas depois, é decapitada.

O bebê troca de ama algumas vezes. Todas reclamam que ele come demais e que se sentem sugadas pelo bebê. Ele é levado para o convento de Saint-Merri, onde é batizado, recebe o nome de Jean Baptiste Grenouille, e é entregue a uma nova ama. Poucas semanas depois, a ama volta ao convento para devolver a criança. Como as outras amas, ela diz que o bebê come demais e que ela se sente sugada. Na conversa com o padre, diz, ainda, que Grenouille não tem cheiro de criança e que estaria com o demônio no corpo. Depois de uma breve discussão, o padre percebe que, de fato, a ama não cuidaria mais da criança e a dispensa. Vendo aquele pequeno pedaço de gente, indigna-se: como poderia ter algo de demoníaco nele?

Fica um tempo a balançar a cesta em que a criança se encontra. Até que o bebê acorda. O padre sente que o bebê o examina, mas não com os olhos, ainda inaptos. Com o nariz. Não se trata apenas de sentir o cheiro; o padre se sente desnudo, invadido, como se aquele pequeno pedacinho de gente pudesse saber o que se passa dentro dele, apenas pelo cheiro. O padre, extremamente incomodado, quer livrar-se daquela coisa, que agora começa a chorar. Ele se lembra de uma senhora que cuida de crianças, e que mora bem longe. Ele levanta-se, pega a cesta com a criança e se dirige à casa, do outro lado da cidade. Larga lá a cesta com a criança, paga um ano adiantado e se vai.

Grenouille é levado para a casa de Madame Gaillard. Quando criança, Mme Gaillard apanhava do pai e, numa dessas sessões, o pai lhe acertou o rosto, um pouco acima do nariz; desde então, ela ficou insensível ao calor e à frieza humanos, a qualquer paixão, na verdade. Mme Gaillard cuida de tantas crianças quantas

necessário para realizar seu sonho: morrer em casa, e não num corredor de hospital com inúmeros desconhecidos.

Talvez justamente por sua falta de paixão, Mme Gaillard é extremamente justa com as crianças. Nenhuma recebe um cuidado a mais. É nesse ambiente que Grenouille cresce. Sua sobrevivência aí é tão misteriosa quanto foi sua sobrevivência ao nascimento. Por diversas vezes, as crianças do orfanato tentam matar Grenouille. Mas ele, ao dar aquele primeiro e inesperado grito após nascer, fez sua opção: é a favor da vida, mas contra o amor.

Por causar desconforto em todas as crianças desde o dia em que chegou, Grenouille não faz amigos: porque as crianças não conseguem sentir seu cheiro, temem-no. Mas nada o perturba. Grenouille bem parece um carrapato, que sobrevive por anos com um pouco de sangue. Com sua pequena forma esférica, o carrapato diminui a área de contato com o exterior, permitindo que pouco de si saia para o mundo, e espera que algum animal passe por perto para alimentá-lo. Assim é Grenouille, sempre à espera de tempos melhores.

Seu desenvolvimento é lento: começa a andar aos três anos e a balbuciar algumas palavras aos quatro. Estranhamente, ele só fala o nome de coisas que lhe chamam a atenção olfativa. Ninguém percebe isso. E é assim que Grenouille cresce: conhecendo as coisas, as pessoas e os lugares pelo cheiro. Para brincar, mistura cheiros que conhece para criar cheiros novos.

Quando Grenouille completa oito anos, Mme Gaillard deixa de receber o pagamento pelo menino. Isso lhe causa alívio, porque ela quer livrar-se dele. Por quê? Mme Gaillard teme Grenouille e o leva para o curtume de Grimal, onde é necessária mão de obra barata e onde ninguém sentiria falta, caso ele morresse.

Como neste ponto abandonaremos Mme Gaillard, gostaríamos de contar seu fim: ela vive muito ainda e, em 1797, durante uma revolução, o dinheiro moeda foi trocado por dinheiro papel, porque o primeiro já não valia muito, Mme Gaillard perde o que tinha. Desesperada, tenta vender sua casa, mas esta também já não vale muito, porque todos querem vender suas casas. Ela se muda para um pequeno quarto, pago com os trocados da venda da casa e é, então, acometida de um tumor na garganta que lhe tira o apetite e a voz, tão necessária para protestar quando a levam para o hospital, onde morre depois de três semanas dividindo uma cama com outras mulheres desconhecidas.

3.2 Adolescência

De volta a Grenouille: o trabalho no curtume é perigoso e, normalmente, os trabalhadores têm um tempo de vida muito reduzido. Mas não Grenouille, com sua

carapaça de carrapato. Porém, um dia ele é acometido por uma inflamação no baço, com risco de vida. Ele sobrevive e reconhecem-lhe o valor e lhe proporcionam algumas regalias: aos doze anos, ele passa a ter metade do domingo livre e, aos treze, uma hora por dia, à noite, após o expediente, para fazer o que bem entender: conhecer olfativamente a cidade de Paris. Até então, Grenouille não distingue o bom odor do mau odor e nem é este seu objetivo. Ele quer conhecer e possuir todos os odores.

Aos quinze anos, ele vai, em Paris, a uma comemoração pelos quarenta anos da coroação do rei. Ele busca novos odores e, em meio à multidão, sente especialmente um. Este cheiro não apenas prende sua atenção, mas também seu coração. Este é o cheiro que o orienta em todos os outros, é o início e a base de sua classificação odorífera.

Fareja-o entre os populares, procurando alcançar a origem: uma jovem, alva, ruiva, de olhos verdes, a limpar nectarinas. Para Grenouille, a vida não vale mais a pena se não puder se apropriar deste aroma, para inebriar-se vida afora. Aproxima-se para cheirá-la, e ela nem percebe. Atrás da moça, Grenouille a cheira. Ela sente um calafrio, como se houvesse uma corrente gelada atrás de si e, quando se vira, Grenouille a estrangula e a deita no chão, rasgando seu vestido e inundando-se no aroma da jovem.

Ao sentir este cheiro, Grenouille sente-se vivo pela primeira vez; descobre que é um gênio e que tem um objetivo na vida: ser criador de perfumes. Não apenas mais um criador de perfumes, mas sim, o maior perfumista de todos os tempos. Nas semanas seguintes, Grenouille começa uma rígida classificação dos odores que já possui, construindo sua biblioteca odorífera pessoal, sempre tendo como referência o aroma da jovem das nectarinas.

Que tudo isso tenha tido início com um assassinato, é indiferente para ele. Na realidade, após inebriar-se com o cheiro da jovem e voltar para casa, já nem se recorda dela. Apropria-se e preserva o melhor dela: a essência de seu perfume.

Um dia, Grenouille é encarregado de fazer uma entrega ao Sr. Baldini, um dos clientes de Grimal. O Sr. Baldini é um renomado, embora decadente, perfumista italiano em Paris. Grenouille, na verdade, esforça-se para poder levar a camurça para Baldini em sua casa, que também lhe serve de loja, no *Pont au Change*. Atrevidamente, Grenouille pede a Baldini que o aceite como aprendiz. Obviamente, Baldini recusa. Grenouille, porém, prova seu talento. Baldini crê que o menino é a salvação de sua ruína e o compra de Grimal por uma alta quantia. Grimal pega todo o dinheiro da venda e o gasta em bebida. Depois de alguns dias, ele é encontrado morto, boiando no rio.

Baldini põe Grenouille a produzir novos perfumes e lhe ensina a arte da perfumaria. Fórmulas, misturas e destilação, uma das formas de extrair o aroma de

flores. Durante as longas horas de espera no processo de destilação, Baldini beberica vinho, conta sobre Grasse, a capital dos perfumistas e algumas anedotas suas.

Grenouille passa bastante tempo criando novos perfumes para Baldini e aproveita, também, para fazer alguns experimentos próprios, como tentar extrair a essência de aromas diferentes: maçanetas, pedaços de vidro, madeira. Quando seus experimentos fracassam, Grenouille cai mortalmente doente.

Embora Baldini tenha um livro com mais receitas do que consegue fazer, teme a perda de Grenouille e cuida dele. Um dia, acreditando que seria o último de Grenouille, Baldini senta-se perto dele. Ouve Grenouille balbuciar algo: ele pergunta sobre outras formas de obter a essência aromática das coisas. Baldini, imaginando tratar-se de um delírio terminal, responde e Grenouille pega no sono novamente.

Inacreditavelmente, Grenouille começa a melhorar e, gradualmente, volta a trabalhar. Pede, então, para Baldini que lhe conceda o grau de auxiliar. Baldini a princípio se recusa, mas negocia com Grenouille prometendo que em três anos, ele terá o grau, contanto que trabalhe ainda mais nas fórmulas.

3.3 Vida adulta

Aos dezoito anos, Grenouille parte em direção a Grasse, onde pode aprender mais sobre a obtenção de essências por outras formas. Na noite da partida de Grenouille, a casa de Baldini desmorona e cai no rio que passava por baixo dela.

Enquanto caminha em direção a Grasse, Grenouille percebe que prefere expirar a inspirar. Na estrada, Grenouille se sente aliviado por deixar para trás o excesso de cheiros de Paris e aproveita a zona rural. Aproveita ainda mais as estradas quase vazias. Sente, então, que é possível viver agradavelmente no mundo: é só ficar distante das pessoas.

Ele altera sua rota original para Grasse, evitando grandes cidades e pequenas aldeias. Na realidade, Grenouille evita qualquer local que percebe ser minimamente contaminado pelo cheiro humano. Aos poucos, Grenouille se afasta da sua meta, a cidade de Grasse, e passa a andar à noite, somente quando percebe que não encontrará ninguém em seu caminho. Durante o dia, se esconde no meio da mata, cobrindo-se para dormir.

Ao fugir do odor humano, Grenouille se dirige às partes mais remotas do país. Ele sobe uma montanha, atinge seu cume e põe-se a cheirar. Para sua surpresa, ele se descobre a um ponto equivalente de distância de qualquer cheiro humano, em qualquer direção.

Põe-se, então, a se ajeitar: acha um fino córrego d'água na montanha que, lambendo pacientemente por uma hora, tem sua necessidade de água suprida. Para

alimentar-se, bastam pequenas cobras e lagartos decapitados. Como acomodação, Grenouille encontra uma galeria estreita perto do córrego, onde só consegue ficar de pé se curvado. Para ele, basta. Mais do que basta, é o que sempre desejou. Grenouille sai de sua galeria à noite apenas para caçar, beber, urinar e defecar. Em sua escura galeria, basta-se a si mesmo.

Não é possível comparar Grenouille a tantos outros homens que escolheram viver em solidão: estes, normalmente, buscam uma aproximação com Deus; Grenouille vive em solidão para estar mais próximo de si, banhando-se em sua própria existência, sem se desviar disso.

Banha-se, também, em seu império interior, em suas lembranças olfativas: as mais remotas – e também mais repugnantes. É assim que aflora sua ira contra todos os cheiros que ousam ofender seu distinto nariz! E, então, se imagina diluindo todos estes cheiros insuportáveis, como quem realiza uma doce vingança. Em seu império interior, regozija-se constantemente.

Em seu império, o Grande Grenouille passeia pelo prado, semeando odores, fazendo chover vinho e crescer e florescer seus cheiros queridos, que banham seu reino. Cansado do trabalho, o Grande Grenouille se retira, e o simples Grenouille volta para seu castelo, repleto de salas, adegas e bibliotecas. Ele pede a seus serviçais invisíveis que lhe sirvam de um ou outro odor que aprecia enquanto lê outro, recém-trazido de sua biblioteca de odores, rememorando épocas passadas, transcritas em odores. E assim, ele se embebeda. Nunca cai bêbado de sono, sem antes beber um pouco do melhor cheiro: o da jovem a descascar nectarinas. Mesmo tolerando pouco a intensidade daquele cheiro, Grenouille toma a garrafa inteira. Adormece feliz e exausto em seu castelo, para acordar na galeria escura e sair às pressas e a muito custo para saciar sua fome e sede. Volta tão rápido quanto pode para seu canto na galeria, respirando fundo para acalmar o coração e novamente cruzar portões adentro em direção a seu castelo.

Assim passam sete anos. Grenouille passaria todos seus outros anos da mesma forma se não fosse aquele horrível acontecimento que o fez voltar para o odiável mundo fora de si. O que se dá é um golpe terrível, cuja consequência é o fechamento definitivo dos portões de seu castelo.

Lá está ele, embriagado após uma extravagância: duas garrafas do seu melhor cheiro vazias. Grenouille cai num sono profundo como a morte, mas, mesmo assim, sonha. Sonha que é envolto por uma névoa que se avoluma até que não há mais espaço a seu redor que a névoa não tenha, ainda, ocupado.

Esta névoa, como não poderia deixar de ser, é um cheiro, e Grenouille sabe que cheiro é: o seu próprio. O que mais angustia Grenouille é que mesmo sabendo que

aquela névoa é seu cheiro, ele é incapaz de senti-lo. É mais provável afogar-se na névoa que conseguir cheirá-la. Tomado de imensurável angústia, Grenouille grita como se fosse queimado vivo. E seu grito destrói seu castelo, seus prados, bibliotecas e adegas, até que ele acorda com o próprio grito; e, se assim não fosse, mais provável é que morresse afogado naquela névoa.

Grenouille tenta recuperar-se, mas já tem uma certeza: teria de mudar sua vida, de forma que nunca mais viesse a sonhar. Ele sai correndo da galeria e encontra um início de dia. Agacha-se frente à entrada e se sente bem com o sol a aquecer-lhe as costas. Conclui, por fim, que talvez a existência do mundo exterior não seja tão ruim, mesmo que sirva apenas como fuga. Seria horrível se lhe restasse apenas aquela terrível névoa a seu redor.

Passado o nervoso, Grenouille se põe a cheirar-se. Mãos, braços, axila, sexo, pés. Nada. Ele, capaz de sentir um cheiro a quilômetros de distância, é incapaz de sentir seu próprio cheiro. Reconforta-se: talvez cheire, mas de tão acostumado que está com o próprio cheiro, estaria agora insensível a ele. Acredita que, se conseguir isolar-se do próprio cheiro por um tempo, será capaz de senti-lo. Para isso, tira as roupas, as amontoa no chão e sobe ao topo da montanha para que seu corpo capture o cheiro da paisagem. Horas depois, desce e se aproxima das roupas. Mesmo com tudo que aprendera com Baldini sobre como cheirar odores, não sente o seu. Sente tudo o que há nas roupas, que lhe parece um diário dos últimos sete anos, mas nada do seu próprio cheiro.

Escurece e Grenouille está na frente da entrada da caverna. Resolve fazer um teste final, pois agora é tomado pelo medo de não saber sobre si, oposto a tudo que sabe dos outros. E, assim, resolve confrontar seu medo. Entra novamente na caverna, lutando contra a lembrança do sonho e contra o medo do que está prestes a descobrir. A galeria é escura, mas Grenouille conhece cada pedaço seu. Segue até alcançar o local onde passou os últimos anos deitado. Se algum lugar do mundo tem o seu cheiro, é aquele. Lembra-se do cheiro que lá sentiu no dia em que chegou e se agacha para cheirar novamente. Passado um bom tempo, Grenouille levanta, sai da galeria, veste as roupas e desce a montanha, indo para a direção sul. Não sentiu cheiro algum, além daquele do dia em que chegou.

Em todo o percurso até a cidade mais próxima, Grenouille causa medo naqueles por quem passa: seu cabelo, sua barba e unhas estão enormes. Quando chega à cidade mais próxima, é objeto de curiosidade. Procura pelo prefeito e mostra sua carta de artesão. O prefeito aceita a história que Grenouille inventa e redige um relatório, que é enviado ao Marquês de La Taillade-Espinasse, senhor da cidade que há muito desistira de viver na corte para dedicar-se à ciência.

O Marquês está estudando a relação entre a proximidade da terra (solo) e a força vital. Sua tese é que a vida precisa de distância da terra, pois ela produz um gás letal, o *fluidum letale*, que mata aos poucos. É devido a este gás que os seres vivos almejam crescer: para distanciar-se da terra e de seu gás mortal. Quando o Marquês fica sabendo da história de Grenouille ordena sua presença para examiná-lo e poder comprovar sua teoria. Oferece-lhe um tratamento e recompensa financeiramente.

O Marquês dá uma conferência, mostrando Grenouille extremamente afetado pelo fluido letal, comprometendo-se a, dali a uma semana, mostrar um ser humano renovado. Nos dias seguintes à conferência, Grenouille fica numa câmara alta, recebendo o ar mais alto possível, que o purificaria. Ele é alimentado apenas de animais e vegetais que vivem a certa distância da terra. Cinco dias depois, Grenouille é banhado. Tem as unhas, o cabelo e a barba cortados, alfaiates e sapateiros lhe preparam roupas e sapatos. Foi uma metamorfose.

Ao contrário dos dias anteriores, ao andar pela rua, ele se mistura aos outros. Olhando-se no espelho, Grenouille percebe o quanto, de fato, está diferente. Por fora. Por dentro, sente-se o mesmo e, assim, conclui que a tese do Marquês não é, necessariamente, correta. O que diferencia o Grenouille da semana anterior e o Grenouille de agora é o banho, as roupas, os cosméticos que lhe cobrem as cicatrizes no rosto e o perfume de violeta.

No dia seguinte, durante uma aula de etiqueta, Grenouille finge um ataque causado pelo perfume de violetas do Marquês. Em uma jogada brilhante, ele se mostra adepto da tese do Marquês e diz que, sendo auxiliar de perfumista, tem o nariz muito sensível e, justamente aquele odor de violetas – aquelas belas raízes – o faz piorar terrivelmente. Pede, então, ao Marquês que lhe arranje um laboratório de perfumista para produzir um perfume com componentes tão distantes da terra quanto possível.

O objetivo de Grenouille é simples: produzir um perfume que carregue um odor humanamente simples e outro perfume - este sim, muito mais parecido com um perfume de verdade - baseado no primeiro, com um “quê” de sedução. Grenouille se perfuma com o primeiro e vai embora do laboratório, levando consigo frascos de ambos os odores.

Receoso daquele cheiro que usa pela primeira vez, Grenouille testa sua criação passeando pela cidade. Até então, toda vez que saía à rua, ele não era notado pelos outros transeuntes. Não por falta de consideração, como imaginara, mas simplesmente porque nunca se havia feito perceber, afora esbarrões acidentais. E, mesmo neste caso, a pessoa esbarrada olhava-o incrédula: embora visse a sua frente Grenouille, era como se ele não estivesse lá.

Agora, porém, é totalmente diferente: Grenouille é notado por onde passa. Não porque chame a atenção, mas justamente pelo oposto: porque agora é como os outros: ele tem um cheiro minimamente perceptível.

Ele é, falsamente, como as outras pessoas. Mas isso só ele sabe. Ele se sente recebido e aceito. E assim, explode em Grenouille um júbilo, negro e maldoso. A sensação de triunfo é tão intensa que ele precisa se conter para não deixar escapar o que passa pela sua cabeça: ele não os teme mais, não os odeia tanto quanto antes; menospreza-os, isso sim, com tanto fervor que mal pode se controlar. Todos são burros, incredivelmente burros, deixando-se enganar por ele. Eles não são nada, enquanto ele é tudo!

Longe da multidão, Grenouille se sente tão contente quanto em suas solitárias orgias na montanha. Se, com recursos mínimos, acertara tão bem o odor humano, do que não seria capaz com mais recursos? Ele se enche de confiança e segurança.

Ele, agora, quer criar um odor não meramente humano. Não. Criará um odor sobre-humano, angélico, que enfeite qualquer um: quem estiver sob efeito de seu perfume vai amar, de todo coração, aquele que porta o odor. Eufórico por dentro, mas calmo por fora, Grenouille chega a se perguntar a razão deste plano. Pura, absoluta e derradeira maldade.

Exatamente uma semana após a primeira conferência do Marquês, uma nova se dá para ver o resultado da experiência. Todos estão não só impressionados, mas maravilhados. Embora o Marquês e todos os presentes acreditem que a euforia que os domina é devida ao resultado da experiência, Grenouille sabe que, na verdade, é consequência do seu perfume sedutor.

Grenouille passa mais algumas semanas com o Marquês. Num início de manhã, assim que os portões da cidade abrem, Grenouille parte secretamente. Mais tarde, quando o Marquês ordena uma busca, os guardas do portão lhe informam que o homem das cavernas não passou por eles, pois com certeza o notariam. Como Grenouille não usou qualquer perfume, foi fácil passar despercebido.

O Marquês manda avisar a todos que a partida de Grenouille fazia parte de um acordo entre eles. Por dentro, porém, ele se inquieta, pois deseja fazer uma turnê para divulgar sua teoria. Mas a turnê se torna desnecessária. Em pouco tempo sua teoria se torna conhecida e conquista muitos adeptos. O Marquês resolve, então, subir a montanha mais alta da França e voltar como um jovem de vinte anos. Porém, ele não volta nunca e nem vestígios seus são encontrados.

A primeira parte da viagem de Grenouille durou sete anos, mas a segunda é feita em menos de sete dias. Ele não mais evita passar por cidades e aldeias ou estradas movimentadas: agora ele tem um cheiro, dinheiro, auto-confiança e pressa

para chegar a Grasse. Esta é a cidade que, há muito tempo, é considerada a metrópole da produção e comercialização de todo o tipo de substância aromática. Segundo Baldini, ninguém que não passe por Grasse pode ser considerado um perfumista. Para Grenouille, pouco importam estes critérios. O que o atrai a Grasse são as técnicas de obtenção de aromas; e não há lugar melhor que Grasse para isso. Ele precisa destas técnicas para seu propósito.

Ao avistar a cidade, ele pára e passa seu perfume de odor humano. Pouco depois, entra na cidade. Almoça num albergue e vai conhecer a pequena e suja cidade que não pára. Grenouille se sente preso a uma casa. Curioso, fecha os olhos e se concentra nos odores que emanam dela. Ele cheira muitas coisas da casa e do jardim. É quando começa a sentir um maravilhoso odor novo que talvez tenha sentido uma única vez. Ele precisa se aproximar dele. Ele contorna os muros para tentar encontrar o jardim e se aproximar do odor.

Fecha novamente os olhos para se concentrar no odor entre as flores. Grenouille está tão excitado quanto assustado. Uma onda de calor corre-lhe o corpo e o domina. Por um momento, sente-se perdido no tempo e volta àquela noite de celebração em Paris: o odor que vem deste jardim é o mesmo que vinha da jovem das nectarinas. Reencontrar este odor é algo que lhe mareja os olhos de felicidade, mas pensar que talvez não seja real é-lhe mortalmente assustador. Grenouille se agacha apoiado ao muro e se prepara para sentir o odor em inspirações mais curtas. Concentrando-se, nota que, embora muito parecidos, este odor e aquele de Paris não são, de forma alguma, iguais. Este vem de uma menina que ainda é uma criança. Embora menos maduro, é infinitamente mais fino, mais natural que o odor da jovem de Paris. Em um ano ou dois este odor se desenvolveria e a jovem será dona de um encanto e fascínio sem igual.

Grenouille quer a posse daquele cheiro. Não da mesma forma que obteve a fragrância da jovem de Paris. Daquela forma, acabou por matar sua fragrância. Ainda não sabe como conseguir apropriar-se da fragrância da jovem atrás do muro, mas tem alguns anos para descobrir. E, de qualquer forma, não deve ser muito diferente da extração da fragrância de uma flor exótica. Ele se levanta e segue seu caminho. Decide não voltar mais lá, antes da hora. Ele se excita demais. Além disso, a fragrância se desenvolverá sem que ele precise fazer nada. O que lhe cabe é ampliar seus conhecimentos e aperfeiçoar suas habilidades artesanais para estar preparado à época da colheita.

Num outro ponto da cidade, Grenouille descobre um ateliê de perfumista e pergunta se há trabalho. Acontece que recentemente o patrão faleceu e a viúva, Mme Arnulfi, leva os negócios adiante apenas com o auxílio de um aprendiz. Ela tanto se

queixa da falta de condições para sustentar outro aprendiz quanto do excesso de trabalho. Diz que não pode abrigar mais um auxiliar, mas que há uma cabana próxima onde Grenouille pode ficar. Ela diz não poder arcar com mais duas refeições quentes por dia, além de um bom salário. Como nada disso importa para Grenouille, eles chegam a um acordo. A madame então chama o outro auxiliar, de nome Druot. Grenouille logo percebe que este homem enorme, cheirando a esperma, partilha da cama da madame e que ela não toma certas decisões sem consultá-lo. Após uma rápida averiguação de um possível rival, Druot acena com a cabeça, consentindo na contratação de Grenouille.

Grenouille recebe um jantar frio, um cobertor e a chave da cabana e, no dia seguinte, inicia o trabalho. Conhece agora uma nova forma de obtenção da fragrância de flores. É época de narcisos. Para extrair sua essência, é necessário aquecer um enorme caldeirão com gordura e jogar aí as flores, mexendo constantemente. As flores são em enorme quantidade e o processo dura dias inteiros e seguidos. Quando a gordura satura e não absorve mais o aroma, o fogo é apagado e a grossa sopa é colocada numa louça onde rapidamente se solidifica, transformando-se em uma pomada aromática. Para que nada do aroma se perca, o resto das flores é passado em água fervente, transformando-se em um óleo suave. O trabalho é pesado e Druot quase não ajuda, mas Grenouille não se importa. Todo aquele processo o encanta.

Quando a produção está pronta, Mme Arnulfi aparece para examinar, rotular e registrar o produto. Depois, procura comerciantes e um bom negócio. Caso não consiga, pede a Druot que submeta a produção a uma lavagem, transformando-a em *essence absolue*. Este processo consiste no reaquecimento cuidadoso da pomada, agora misturada com fino espírito de vinho. Quando re-esfria, a gordura e o álcool se separam e todo o odor fica no álcool que, então, é filtrado e destilado, chegando ao resultado que Grenouille conhece: o puro óleo de flor, sua essência absoluta, forte e vigorosa. Apenas uma gota diluída em álcool é suficiente. E, todo este processo gera apenas poucos frascos de essência extremamente valiosos.

Embora trabalhe quase como um escravo, Grenouille procura ter certeza de não deixar escapar nada do aprendizado. Aprende a reconhecer pelo cheiro quando a banha está quente demais, ou quando o álcool evapora. Aprende, também, a contar isso a Druot sem que este se sinta ameaçado. Assim, ganha a confiança de Druot e, cada vez mais, ficam a seu encargo algumas decisões. Mesmo com o trabalho dobrado, prefere trabalhar sozinho e fazer algumas experiências de vez em quando.

Conforme as estações passam, novas flores são trazidas. E assim Grenouille aprende novos meios de capturar fragrâncias: espalhar as flores sobre uma chapa pincelada com gordura fria ou envolvê-las frouxamente em panos embebidos em óleo,

adormecendo por dias até que liberem sua fragrância. A quantidade de pasta feita deste modo é ainda menor do que a outra, mas é tão fina quanto a outra, ou talvez mais.

Em pouco tempo, Grenouille se revela melhor que Druot, que lhe passa tarefas cada vez mais importantes sem perceber. Druot se acredita superior a Grenouille pois este não parece notar o próprio talento. Grenouille, por sua vez, faz o jogo de Druot para não pôr em risco sua autonomia. Ele passa todo o tempo possível no laboratório, com a desculpa de inventar uma nova receita de água de colônia, quando na verdade, produz um arsenal de perfumes pessoais: um que lhe permite existir, outro que lhe dá um ar de importância, um de piedade e um que repele, usando-os de acordo com a necessidade ou a vontade.

Grenouille dá continuidade às experiências e aprimora suas técnicas: ele captura o aroma de objetos inanimados. Ao contrário do que aconteceu com o método que aprendeu com Baldini, Grenouille consegue capturar a essência destes objetos e combina-os em perfumes que só ele percebe e dá valor.

Grenouille passa, então, a experimentar as novas técnicas com animais. A princípio, os resultados não são muito satisfatórios porque nem sempre eles colaboram, escapando dos panos engordurados ou oleosos nos quais Grenouille os envolve. Ou, quando colocados no caldeirão com gordura quente mexem-se tanto que acabam por estragar a gordura. Grenouille percebe que precisa destes animais imobilizados e, de preferência, subitamente, para que não sintam medo ou ofereçam resistência, o que provavelmente alteraria seu cheiro natural. É preciso matá-los. Sua primeira tentativa é com um filhote de cachorro. Coloca-o na chapa e dissolve a gordura no álcool: está lá, inconfundível, ao menos para ele, o cheiro do pêlo do filhote.

Ele precisa, agora, capturar a essência humana. Espalha pela taverna da cidade paninhos embebidos em gordura e óleo. Alguns dias depois, retira e analisa estes paninhos: o cheiro da cozinha, do vinho, do tabaco e do suor daqueles que passaram por lá. Sua segunda experiência em capturar o odor humano se dá na igreja local, colocando seus lenços debaixo dos bancos entre os dias 24 e 26 de dezembro. Está lá, impregnado, junto com inúmeros outros odores, o odor das diversas pessoas que por lá passaram.

Sua primeira experiência com o odor humano puro acontece com um lençol de um interno do hospício, recém-falecido, que ele rouba. Enquanto odor, é terrível, mas representa uma enorme vitória para Grenouille, dando-lhe a sensação de poder sobre a aura de outrem. Como teste final, paga a uma mendiga muda para que passe um dia com diversos pedaços de lenço embebidos em diferentes fórmulas e, assim, descobre a fórmula perfeita para captar o odor humano. Agora, ele está pronto para dar início ao

seu trabalho. Ele já pode possuir a essência de qualquer um. Mas qualquer um não lhe importa. Grenouille se interessa pela essência de pessoas que emanam odores que inspiram amor. Estas pessoas serão suas vítimas.

Mais ou menos um ano depois da chegada de Grenouille, madame Arnulfi e Druot se casam, mas isso pouco muda a rotina dos três. Grenouille aproveita a época para visitar sua maravilhosa fragrância e ver como ela se desenvolve. Sente-a mais madura do que no ano anterior, mas ainda não madura o suficiente. Como numa jura de amor, promete buscá-la dentro de um ano. Alegre e esperançoso, volta para casa.

À noite, deitado em sua cabana, Grenouille não resiste à tentação e convoca a lembrança da fragrância, embebedando-se. Pouco antes de adormecer, ele perde o odor maravilhoso e se assombra: o que seria dele quando sua fragrância acabasse? Por quanto tempo conseguiria mantê-la? Ele pensa em abandonar tudo e voltar para sua galeria, na longínqua montanha, e esperar pela morte. Mas resiste. Possuir aquela fragrância, mesmo que isso implique em perdê-la, é melhor do que jamais possuí-la. Já renunciara a muitas coisas, mas agora ele se recusa.

Aos poucos, ele se acalma e volta aos planos originais, com mais volúpia. Mais relaxado, volta a deitar-se heróico em sua cama de palha. Tem agora outro problema: como fazer aquela essência durar o máximo? Irritado consigo mesmo por não pensar nisso antes, Grenouille decide que, para manter sua fragrância por um período mais longo, ele deve misturá-la a outras fragrâncias mais duradouras. Mas, como não se trata de um perfume comum, estas fragrâncias não podem ser simples. É preciso algo muito especial.

Alguns meses depois, o corpo de uma jovem é encontrado numa plantação. Suas roupas e cabelo haviam sido levados. Suspeitam dos ciganos, mas não há ciganos por perto. Talvez os trabalhadores italianos temporários. Mas estes ainda não chegaram. Acusam peruqueiros, judeus, maçons, padres e até um marquês. Nada é provado. As roupas e os cabelos da jovem não são encontrados. Quando chegam os italianos, por precaução, já que a mão-de-obra é indispensável, as mulheres e filhas dos camponeses empregadores são proibidas de ter contato com eles.

Pouco depois, mais dois corpos são encontrados: ambas jovens, sem as roupas e os cabelos. A notícia logo se espalha, mas antes de conseguirem acusar os italianos, descobrem que as duas jovens eram filhas de um trabalhador genovês.

Uma onda de terror se espalha. Os moradores de Grasse se unem e abrigam os trabalhadores em seus celeiros. De nada adianta. Na semana seguinte, outro corpo é encontrado nas mesmas condições que os anteriores.

As autoridades, embora pressionadas pelos cidadãos, pouco podem fazer além de aumentar ainda mais a vigilância durante a noite e impedir a saída de jovens

quando escurece. Mas essas medidas são insuficientes. A cada semana, nos meses seguintes, encontram outros cadáveres, com o mesmo padrão de ataque e de vítima.

Em breve os corpos não são mais encontrados só no campo, mas também no meio da cidade e até mesmo dentro das casas. O assassino parece ser inatingível e incorpóreo, como um espírito.

A revolta da população aumenta a cada assassinato. Todos são suspeitos. E a indignação aumenta ainda mais quando, por ordem do delegado, os corpos são analisados e se descobre que todas estavam intocadas. O estupro seria motivo para as mortes, mas se não havia esse interesse, o que motivaria o assassino?

Depois de meses seguidos de assassinatos e depois de vinte e quatro moças em idade de se tornarem mulheres terem sido mortas, o assassino pára de atuar.

Alguns meses depois, numa cidade próxima começam a aparecer corpos de moças sem roupas e com os cabelos arrancados aos tufo. Os moradores de Grasse se sentem aliviados porque o assassino não está mais entre eles e a vida em Grasse volta ao normal. A única pessoa que não está aliviada com isso e nem ao menos acredita que o assassino tenha ido embora de Grasse é Antonie Richis, o burguês mais rico de Grasse. Num *insight*, Richis junta algumas peças do quebra-cabeça e conclui que o assassino persegue algo belíssimo - embora mórbido - e pressente que sua querida e única filha, Laure, agora com a idade das jovens assassinadas, é seu objetivo principal.

Feliz por se antecipar ao assassino, ele planeja como evitar que sua filha caia nas mãos do assassino. Ele manda seus servos arrumarem a bagagem para partir tão logo possível para a mesma cidade dos últimos assassinatos. Mas isso não passa de uma farsa: é intenção de Richis chamar a atenção, principalmente do assassino, para o suposto destino da jovem. Ele pretende levar a filha para um convento distante, enquanto apressa seu casamento.

Na mesma manhã, Grenouille acorda animado pois se prepara para juntar aos vinte e quatro frascos com as auras das jovens assassinadas, o coração de sua fragrância. Durante o trabalho, sente que algo no ar parece errado: ele não sente mais a fragrância. Desesperado, cala o grito que quase lhe escapa da garganta. Druot chega da taverna e conta da caravana de Richis e de seu suposto destino. Grenouille corre até os portões de Grasse por onde passou a caravana, onde o guarda afirma que foram para o norte. Mas o nariz de Grenouille aponta para o oeste. Grenouille volta para a cabana, reúne o material que precisa e se dirige para os portões da cidade. Não segue a informação dada pelo guarda, e sim a que seu nariz transmite. Segue a estrada e sente cada vez mais forte - e, portanto, mais próximo - o cheiro da caravana

de Richis. Consegue alcançá-los, alojando-se no estábulo da hospedaria em que ficarão Richis e Laure.

Ao chegar na hospedaria, Richis se certifica de que são os únicos hóspedes. O dono da hospedaria informa que além deles há apenas um artesão que dorme no estábulo. Richis arruma uma desculpa para ver o artesão. Quase não o vê, mas acha que ele não oferece risco para sua filha. Após o jantar, Richis leva Laure para o quarto e tranca a porta pelo lado de fora. Está feliz com seu plano, que parece ir muito bem. Nesta noite dorme como há muito não dormia.

Grenouille se levanta, seguro de que Richis nunca o vira. Ele pega o lençol, a espátula e a gordura. É uma tarefa adorada. Naquela noite escura de lua nova, junta o restante do material e sai do estábulo. Todas as luzes da casa estão apagadas. Ele pega uma escada e entra pela janela do quarto da moça. Acerta-lhe a nuca com o porrete, rasga sua camisola e embala seu corpo no lençol engordurado, cuidando que não sobre parte alguma descoberta. Corta seus cabelos rente à raiz e enrola-os na camisola, fazendo uma trouxa. Arruma o lençol na cabeça e senta esperando durante as próximas horas. Essa espera é plena satisfação. Ele lembra da trajetória até aquele quarto, se sente abençoado e agradece a si mesmo por ser como é.

Quando os pássaros começam a cantar, Grenouille desembala a jovem, cuidando em levar todo o seu odor consigo. É só depois de extrair sua essência que, para Grenouille, a jovem está morta, fenecida, murcha e apagada como um resto de flor. Ele termina de arrumar as coisas para ir embora e decide olhar pela última vez para a jovem, desnuda, na cama. Seu corpo em nada lhe interessa; o que dela deseja está em seus braços.

Richis acorda de um sono reparador. Abre a janela e observa o belo dia que raia. Atravessa o corredor para alcançar o quarto da filha. Bate de leve algumas vezes, mas não obtém resposta. Abre a porta cuidadosamente e, quando entra no quarto, a claridade no quarto o cega. Quando abre os olhos novamente, vê sua filha deitada na cama, nua, morta e com os cabelos cortados.

A notícia corre rápido por Grasse e todo o desespero esquecido retorna com mais força. As autoridades de cidades vizinhas se reúnem para encontrar o assassino e, dessa vez, têm pistas: três testemunhas viram o artesão sumido misteriosamente. Estranhamente, nenhuma delas sabe descrevê-lo. Um guarda dos portões de Grasse conta do incidente em que uma figura insignificante havia lhe perguntado sobre o paradeiro de Richis. Ele jamais lembraria disso se não tivesse visto a mesma pessoa na perfumaria de Druot e Arnulfi.

O laboratório e a cabana de Grenouille são revistados. Aí encontram a camisola e os cabelos de Laure e, com um pouco mais de procura, o porrete usado para matar

as jovens, bem como suas roupas e cabelos. Grenouille é reconhecido e preso. O processo corre rapidamente, já que há provas irrefutáveis e o próprio assassino assume ter matado as vinte e cinco moças. Em 15 de abril de 1766, é realizado o julgamento e a sentença é lida: dentro de quarenta e oito horas ele será levado para a praça de Grasse e amarrado numa cruz. Receberá nas articulações doze pancadas com uma barra de ferro, ficará exposto até a morte e será enterrado com os animais.

A cidade parece preparar-se para uma festa. Apenas Richis acha toda a movimentação asquerosa. Proíbe seus criados de comentar sobre o acontecimento. Ele só quer ver aquele rosto novamente quando estiver prestes a receber as pancadas e sentará ao seu lado dias a fio se precisar, esperando que o assassino de sua filha morra.

Depois de uma longa espera, Grenouille finalmente chega numa carruagem fechada. Quando desce, algo, que poderia ser descrito como milagroso, ocorre: embora saibam que é aquele o odiado assassino, parece impossível crer nisso. Há nele uma aura de inocência. Todos são tomados por um sentimento de simpatia. Todos amam aquele pequeno homem. Aos poucos, todos passam a desejá-lo. Todos se sentem por ele atingidos e dominados em seu ponto mais sensível: seu centro erótico. E, o que deveria ser a execução de um dos assassinos mais abomináveis, acaba se transformando numa enorme bacanal.

Com toda a sua inodora e triste vida, nascido em meio a peixes mortos, rejeitado a vida toda, Grenouille consegue fazer com que o amem, com que o venerem!, e deve isso a ninguém mais além dele mesmo. É maior que todos, inclusive Deus! É o Grande Grenouille! Mas, o que deveria ser o triunfo de Grenouille, acaba se tornando sua maior decepção. Porque ele não pode gozar deste momento.

Quando Grenouille desce da carruagem, sente seu perfume e o efeito dele nas pessoas, volta a sentir nojo por elas. Ou seja, o momento em que triunfa, fazendo com que todos o amem, torna-se insuportável, pois ele não ama aquelas pessoas, ele as odeia! É neste momento que ele percebe que jamais encontrará satisfação no amor, mas tão somente no ódio.

Seu ódio permanece sem eco. Quanto mais odeia a todos, mais eles o amam, inebriados que estão com sua máscara, com seu perfume. Grenouille quer, agora, eliminar todos. Quer que sintam seu ódio e que o odeiem de volta. E, de todos os dias, este é justamente aquele em que isso é impossível pois sua ausência de cheiro está mascarada pelo maravilhoso perfume. Ele começa a sentir-se mal, com a névoa voltando a cercá-lo. Começa a sentir-se sufocar pela densa névoa de seu cheiro, que não tem cheiro nenhum. E, ao contrário do que ocorreu na montanha, dessa vez não é

fantasia, e sim a pura realidade. E, sendo assim, não há grito que o salve. Principalmente porque tem o que sempre quis ter: o poder da sedução.

De todos os presentes, é Richis quem há de reconhecer o cheiro da filha em Grenouille. Pelo menos é o que Grenouille espera. Assim como espera que Richis o mate. Mas Richis, aos prantos, o abraça e pede perdão.

Grenouille sente a névoa transformar-se em líquido, que o invade e inunda, prensando-o contra a sua parede interna, sem qualquer saída. Grenouille busca qualquer forma de sair para não se afogar em si mesmo. Porém, não tendo saída, cai e perde a consciência. Acorda deitado na cama da filha de Richis, com este a seu lado, segurando sua mão. Fortemente emocionado, Richis diz a Grenouille que ele se parece muito com a filha e que quer tê-lo como filho. Grenouille acena positivamente com a cabeça e finge voltar a dormir. Mais tarde, acorda e sai sorrateiramente da casa e da cidade.

Todos os outros moradores acordam embaraçados e de ressaca. Reúnem seus familiares e pertences e nunca mais falam sobre o ocorrido. Em alguns, é tamanha a vergonha, que esquecem o que aconteceu.

O Conselho da cidade se reúne e decide pôr um fim ao caso G. Prendem Druot, já que foi em sua propriedade que encontraram os pertences das jovens assassinadas. Druot confessa sob tortura e, no dia seguinte, é enforcado e enterrado. O caso está resolvido e arquivado.

Grenouille volta a viajar como antigamente, somente após escurecer e evita cidades e pessoas. No caminho, passa pela montanha onde morou outrora, mas voltar a viver na caverna não o atrai. Mas viver com outras pessoas também não. Ambas as idéias o sufocam. Quer ir para Paris e lá morrer.

De tempos em tempos coloca a mão no bolso e segura o pequeno frasco de perfume. Com ele, passaria até mesmo por Deus. Ele tem suas mãos o poder de fazer as pessoas amarem. Só de uma coisa o priva este poder: que Grenouille sinta seu próprio cheiro. Por mais que possa, graças ao seu perfume, parecer Deus perante os outros, isso de nada vale se não pode cheirar a si mesmo e, assim, saber quem é.

Ponderando, Grenouille conclui que ninguém no mundo é capaz de alcançar a perfeição de seu perfume, a não ser ele mesmo. Os outros sequer sabem tratar-se de um perfume. O único ciente disso, e imune à sedução do perfume, é ele próprio; o único para quem isso não tem sentido. Ao vê-lo sob aquela máscara, as pessoas o desejam.

Em 25 de junho de 1767, Grenouille chega a Paris. A cidade continua terrivelmente fétida. Grenouille, sem saber, fica em frente ao cemitério sobre o qual

nasceu¹ e vê que, durante o dia, as pessoas evitam aquele lugar fedido; após o sol se por, assiste aos coveiros realizarem seu trabalho e, depois da meia noite, vê uma orda de ladrões, prostitutas e mendigos tomarem conta do local. Eles acendem uma fogueira para cozinhar e para dissipar o mau cheiro. Grenouille aproveita da ausência de cheiro e se aproxima do grupo.

A primeira lembrança é de um pequeno homem de jaquetão azul destampando uma garrafinha e borrifando-a inteira em si. Depois disso, tudo que vêem é uma beleza radiante, da qual se afastam inicialmente. Mas o recuo serve só de embalo para entrar no fluxo que emana daquele anjo. Em pouco tempo, forma-se em volta de Grenouille um círculo de cerca de trinta pessoas querendo aproximar-se cada vez mais dele.

Quando não há mais espaço, lançam-se em direção ao anjo, agarrando e arrastando-o. Todos querem uma parte dele. Debruçam-se sobre ele, arrancam-lhe as roupas, o cabelo, a pele. Enfiam suas unhas e dentes na carne do anjo, tentando rasgá-la. Em pouco tempo, adagas, machados e machadinhas surgem para partir carne e osso. Quando cada um tem seu pedaço, dispersam-se para satisfazer aquele louco desejo de possuir o anjo. Em trinta minutos, não há mais qualquer sinal de Grenouille.

Quando terminam, juntam-se ao fogo, sem se olhar. Todos lá já cometeram algum crime, mas jamais pensaram ser capazes de devorar um ser humano. Foi muito mais fácil do que imaginavam. Embora o estômago estivesse um pouco pesado, seus corações estavam leves. Em seus rostos, um brilho de donzela. Aos poucos, conseguiram trocar olhares, com um inevitável sorriso. E orgulho. Pela primeira vez, fizeram algo por amor.

¹ Süskind (1985) não explica a transição feira-cemitério no livro.

4 NARCISISMO

“Quem de dentro de si não sai vai morrer sem amar ninguém” (Vinícius de Moraes: Berimbau, 2009).

O primeiro uso do termo *narcisismo* se deu em 1899 por Paul Nacke (*apud* FREUD, 1969a), designando um estado de auto-erotismo no qual a pessoa toma o próprio corpo como objeto de interesse e de gratificação sexual.

Freud (1969a), num primeiro momento, declara que o narcisismo é uma fase básica e intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, na qual o sujeito toma o próprio corpo como objeto de amor. Para ele, o narcisismo é um direcionamento da libido, presente em quadros de perversão, como eram compreendidos o narcisismo e a homossexualidade. Para ele, o narcisismo é um “complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto-preservação” (p. 90).

Freud (1969a) passa a compreender o narcisismo como um estado primitivo da psique, atribuindo ao termo uma noção ampla, porém dupla: pode tanto tratar-se de uma etapa normal do desenvolvimento humano (narcisismo primário) como pode tratar-se de um estado regressivo, uma fixação numa etapa do desenvolvimento (narcisismo secundário).

O narcisismo primário é parte do desenvolvimento da psique humana, porque compreender a própria existência como a mais importante é uma forma de auto-preservação. A patologia do narcisismo secundário, segundo Freud (1969a), está na transposição do ego para a posição de objeto sexual.

Para Freud (*apud* SCHWARTZ-SALANT, 1995), num primeiro momento, as desordens narcísicas são intratáveis, porque a barreira de defesa narcísica impede o estabelecimento da transferência. Quando se descobriu que as relações transferenciais nos quadros narcísicos são fortemente estabelecidas, mais elementos do narcisismo passaram a fazer parte dos estudos e da literatura psicanalítica. O termo passou, então, a ser associado à questão da identidade, uma vez que as defesas narcísicas constituem uma defesa contra os danos de uma identidade fraca.

4.1 O mito de Narciso

Uma forma de começar o estudo do narcisismo é compreender o caráter de Narciso, cujo mito insere a etiologia e a possível transformação do caráter narcisista (SCHWARTZ-SALANT, 1995).

Os mitos constituem fontes de acesso à alma humana e uma inesgotável fonte de pesquisa e de saber e permitem uma infinidade de leituras e interpretações. Eles decifram processos psíquicos humanos, visto que descrevem desdobramentos do desenvolvimento com impasses e soluções para que o ciclo desenvolvimental se

complete: para Kalsched (2004, p. 6, tradução nossa), a mitologia “é onde a psique ‘estava’ antes de a psicologia torná-la objeto de investigação científica”. Consideramos que cada mito foca um aspecto do desenvolvimento humano.

Cavalcanti (2003) compreende que todo o mito carrega o potencial tanto da doença quanto da cura: qualquer parada no estágio de um mito corresponde a uma etapa estagnada do desenvolvimento psíquico, uma doença, entendida pela autora como uma distorção do processo natural e como fixação do movimento de individuação.

O mito de Narciso ilustra o problema da união dos opostos, e tanto o mito como o conceito desenvolvido a partir dele tratam da aceitação e do relacionamento com o outro e da importância de vínculos na formação da identidade. O outro atua constantemente sobre os estágios de desenvolvimento, contribui para a formação da identidade e está presente desde as relações objetais mais primitivas até o relacionamento com o outro transcendente, o Self (CAVALCANTI, 2003).

São falhas no processo de formação da identidade que constituem os distúrbios narcísicos, em suas várias expressões. E é na construção do conhecimento criativo entre o eu e o outro que se encontra a condição necessária para a formação da identidade e para a vivência do processo de individuação.

No mito de Narciso, o foco está no fim do estado de “indiferenciação com o Self, [n]a estruturação da consciência, [n]a gênese do eu e da identidade e [n]as dificuldades encontradas no caminho para o processo de individuação” (CAVALCANTI, 2003, p. 18). O mito narra o nascimento, o desenvolvimento e a ampliação da consciência no processo de conhecimento de si e do mundo.

Para melhor compreender a perspectiva da Psicologia Analítica sobre o narcisismo, é importante conhecermos o mito, cuja versão aqui apresentada se baseia em Ovídio (2003).

Narciso é filho da ninfa Liríope, raptada e estuprada pelo deus-rio Céfiso. Ele nasce incrivelmente belo e sua mãe, preocupada com tamanha beleza, pergunta ao sábio Tirésias, se o filho viverá muito, ao que o sábio responde que sim, contanto que ele não se veja. Ele cresce cada dia mais belo, arrebatava corações de mulheres, homens e ninfas, mas rejeita todos.

Quando adolescente, Narciso vai caçar na floresta, mas se perde do grupo com o qual caçava. Sem saber, era seguido, de longe, pela ninfa Eco, apaixonada pelo belo Narciso. Mas Eco é incapaz de iniciar uma conversa, embora possa responder, repetindo as últimas palavras ditas pelo interlocutor.

Quando Narciso percebe que se perdeu, pergunta “Há alguém aí?”, ao que Eco responde “Aí”. Ele fica feliz ao saber que está acompanhado e pede “Venha até mim”, e

Eco, ainda escondida, responde “Até mim”. Quando Narciso diz “Vamos ficar juntos”, Eco sai correndo do esconderijo para abraçar seu amado.

Quando Narciso se sente abraçado, diz “Fique longe de mim! Eu morreria antes de lhe dar uma chance”, e ela, triste, responde “Lhe dar uma chance”. Eco, ferida, mas ainda apaixonada, se retrai e, de tão triste, seu corpo seca, até que lhe ficam só os ossos e a voz: o eco.

As outras ninfas, irritadas com o orgulho de Narciso e com a dor que ele causara a Eco, pedem à deusa da justiça, Nêmesis, que puna Narciso: que ele sofra a dor de um amor impossível.

Num outro passeio, Narciso chega a uma lagoa de águas transparentes. Como o calor era muito, ele sente sede. Ao abaixar para pegar água, Narciso vê uma figura linda e se enamora. Ele tenta, desesperadamente, tocar, abraçar e beijar seu amado, mas este lhe foge. De repente, ele compreende que o objeto de seu amor é ele próprio, é sua imagem refletida na lagoa.

Mesmo não podendo juntar-se a seu amor, Narciso continua deitado na beira da lagoa a olhar-se, e se esquece de comer e abrigar-se. Ele também enfraquece de amor e, quando o encontram, nada de seu corpo resta. Apenas uma flor de miolo amarelo circundado de pétalas brancas.

4.2 Personagens

Cavalcanti (2003) faz uma interpretação simbólica de cada personagem do mito, relacionando a influência de cada um na história de Narciso e nas características do narcisismo: ela os considera expressões simbólicas dos arquétipos constelados nos quadros narcísicos. Depende da constituição arquetípica a expressão do narcisismo como uma etapa do desenvolvimento, como direção de energia psíquica ou como distúrbio de personalidade.

A tarefa da interpretação do mito é difícil, pois os personagens representam diferentes arquétipos que, por sua vez, podem expressar-se nos pólos positivo e negativo. O que determina qual pólo emergirá é a conjunção de fatores internos e externos.

4.2.1 Céfiso

Sua aparição no mito se dá por um ato de violência que representa a força impulsiva e dominadora. Para Cavalcanti (2003), uma das formas de conhecer o papel de Céfiso é compreender sua substância para, assim, conhecer sua natureza: Céfiso é um rio e, como tal, simboliza a união de pólos (margens) e o inconsciente. A água está, também, associada a ritos de iniciação e de fertilidade.

Para Brandão (2009b), Céfiso significa *aquele que banha, que inunda*. Assim, podemos dizer que Céfiso representa a fertilidade do pólo masculino inconsciente, o que o torna, nas palavras de Cavalcanti (2003, p. 100) “fundamento da manifestação da vida, que contém todas as sementes e origem de todas as formas”.

O ato impulsivo e violento de Céfiso denota a idéia de ruptura de equilíbrio. Toda passagem pressupõe a imposição de um novo conteúdo e, portanto, uma violação ao estado anterior. É sentida como violenta a entrada do masculino na consciência matriarcal; e é isso que Céfiso representa: o seqüestro e a violação de Liríope representam a entrada do masculino na consciência matriarcal em seu aspecto negativo. Céfiso representa o que Neumann (1995) descreveu como *Uroboros patriarcal*, que pertence ao estado arquetípico mais profundo das forças masculinas. A *Uroboros patriarcal* é o pólo masculino da *Uroboros*, no qual as forças libidinais se encontram em estado de fusão. *Uroboros* é a cobra mítica que come a própria cauda, representante da simultaneidade dos pólos em estado pré-discriminatório.

Céfiso apresenta sua propriedade de ligação entre pólos ao apossar-se de Liríope. Mas ele se manifesta em seu aspecto negativo, que acarreta submissão e restrição; em seu aspecto positivo, a ligação se apresenta como desejo de união.

A violação cometida por Céfiso deve ser entendida além do sentido sexual; ela representa a força com que é imposto o conteúdo masculino dentro do feminino, e sua irrupção como potência criadora. A violação cometida por Céfiso tem uma função tanto desestabilizadora quanto criadora. Neste sentido, a violação de Liríope representa a irrupção da energia masculina que fertiliza o feminino, o que permite a discriminação e posterior união de pólos, parte do processo de formação da consciência. O modo de religação exercida pelo elemento patriarcal representa a ordenação do mundo: discriminação e re-união de opostos.

A união de Céfiso e Liríope pode ser entendida como potencial arquetípico para a diferenciação e união de opostos numa totalidade diferenciada. Céfiso representa o inconsciente que deseja se tornar consciente e busca por individuação, mas que, pela natureza polar do arquétipo, pode também levar à fusão com o Self (CAVALCANTI, 2003). Assim, a união de Céfiso e Liríope pode ser vista como um movimento para a diferenciação ou para a regressão.

O surgimento de um novo conteúdo, estado ou processo implica na concentração e investimento de energia e na quebra de um equilíbrio anterior. A ruptura de equilíbrio que Céfiso impõe é sentida como violenta, assim como o trabalho de formar a consciência é violento. E é por isso que, neste momento, Céfiso representa o elemento que assume a direção do processo de formação de consciência.

Cavalcanti (2003) afirma que a união de opostos é complexa, já que eles devem se complementar e ter, cada um, espaço para se expressar. Aqui, a união, ainda que forçada, de Céfiso e Liríope tem significado de movimento e de vida, e resulta numa síntese: Narciso.

Schwartz-Salant (1995) compreende Céfiso como representante arquetípico do aspecto dominador e controlador do caráter narcisista. Estas forças podem se tornar mais negativas se forem sádicas e insensíveis, o que impossibilita vinculação.

Estas características de Céfiso são a herança paterna de Narciso que recebe do pai dois fortes impulsos opostos: o de saída da inconsciência e o de fusão e identificação com o Self, que constitui o que Kohut (*apud* CAVALCANTI, 2003) chamou de *Self grandioso*, característica marcante dos quadros narcísicos. Sobre esta tendência ambígua Salomé (*apud* CAVALCANTI, 2003) afirma que, ao mesmo tempo em que os narcisistas buscam a individualidade a qualquer preço, eles não conseguem viver fora de um estado de fusão.

Arquetipicamente, Céfiso representa os níveis mais arcaicos dos quadros narcísicos, sendo sua característica a personalidade ambígua que, por apresentar pouca discriminação e alto grau de fusão com o Self e com os objetos, se expressa ambigualmente, embora não entre em conflito ou contradição porque os objetos são tomados como parte dele (CAVALCANTI, 2003).

Sob o ponto de vista negativo, a violação de Liríope por Céfiso representa o aspecto esmagador da personalidade narcísica, que não dá espaço para a existência do outro. As pessoas com as quais o narcisista normalmente se relaciona têm dificuldade de ocupar espaço psíquico, principalmente porque, para o narcisista, é impossível que duas pessoas existam psiquicamente juntas sem uma anular ou invadir a outra (CAVALCANTI, 2003).

O uso do poder e do controle sobre outrem, representado no mito pelo aprisionamento de Liríope, é o potencial arquetípico constelado nos quadros narcísicos: este poder e controle permitem ao narcisista o contato humano necessário de forma segura, já que não há relação de confiança; o poder e controle permitem, ainda, que o indivíduo consiga a sensação de onipotência da qual necessita.

O relacionamento por meio do poder leva ao desrespeito à individualidade do outro e à submissão aos próprios desejos. Como o narcisista não completou a diferenciação eu-outro, ele é incapaz de estabelecer relações objetais; o que ele experimenta são relações objetais narcísicas, nas quais o outro é usado para satisfazer seus próprios desejos: o outro só tem a importância de um objeto de gratificação.

O aprisionamento e a posse de Liríope por Céfiso representam, arquetipicamente, outras duas características presentes nos quadros narcísicos: a raiva

e a inveja. Schwartz-Salant (1995) relaciona a inveja à pressão em direção à individuação: o narcisista inveja no outro o que sente que lhe falta. Neste sentido, raiva e inveja estão ligadas a uma mínima discriminação do ego com o Self e com os objetos. Cavalcanti (2003) sugere que a percepção da separação é causa do sentimento de perda, que leva à inveja e à raiva daquilo que é imaginado que o outro possui e que falta ao narcisista.

4.2.2 Liríope

Aparece como a *Uroboros matriarcal*, pólo complementar a Céfiso. Liríope que, para Brandão (2009b), pode significar *voz macia como lírio*, é uma ninfa, ser de natureza diáfana que aparece em seu aspecto passivo e receptivo, possibilitando a aparição preponderante do masculino no processo de separação e discriminação dos pólos. Ela, de sua parte, ressalta o aspecto de receptividade passiva do feminino. É por isso que ela concebe Narciso, apesar da violência imposta pelo pólo masculino.

Liríope é uma ninfa que vive em lugares úmidos e, portanto, está simbolicamente relacionada ao nascimento. Como complementa Céfiso, ela representa a receptividade uterina para o crescimento da consciência. A natureza quase incorpórea de Liríope, em seu aspecto negativo, expressa a dificuldade do feminino em se afirmar e ser uma presença marcante (CAVALCANTI, 2003).

Outra característica das ninfas é que elas representam aspectos femininos do inconsciente. Com sua relação com a água, Liríope transmite a Narciso infinitas possibilidades, tanto desenvolvimentais como regressivas e de fixação. Como representante da *Uroboros*, Liríope simboliza a gama de potenciais de expressão. Ela carrega, ainda, o potencial arquetípico de empatia, de perceber e receber o novo e o outro. Mas o excesso desta empatia pode, por vezes, denotar ausência de consciência (auto e hetero), ausência de criticismo e aceitação superficial do outro, características de um ego imaturo.

O deixar-se aprisionar de Liríope reflete falta de consciência de seus potenciais e facilidade de entrar em simbiose com o outro, permitindo que ele se aproprie de características suas, o que revela o estado primitivo de consciência que ela constela. Este tipo de personalidade tende a se associar a outro que precisa incorporar, seja por raiva, seja por inveja, um potencial que não lhe pertence; é isso que representa a união forçada de Liríope e Céfiso, em seu aspecto negativo: Liríope representa o lado simbiótico que carece de autoconhecimento, enquanto Céfiso representa o lado raivoso e invejoso que se apropria do potencial alheio (CAVALCANTI, 2003).

Falta a Liríope o autoconhecimento e, portanto, o reconhecimento do outro. Ela não se expressa como feminina, tem apenas o potencial; o mesmo ocorre em Liríope enquanto mãe.

A “mãe tipo Liríope” se caracteriza pela indefinição de si, que leva o filho à busca eterna de uma figura feminina idealizada para preencher o espaço não definido da imagem interna de mulher, que precisa do correspondente externo. Esta procura por uma imagem idealizada por parte do filho provoca raiva, já que não há mulher à altura de sua idealização. Trazendo esta visão para o desenvolvimento humano, a mãe precisa estar bem definida para servir de vaso para as atualizações arquetípicas, que vai determinar a construção do objeto interno do filho quanto à imagem feminina real. A mãe tipo Liríope também determina no filho a introjeção do feminino como inferior, incapaz de satisfação e pobre em recursos, que levam à dificuldade na sua relação com mulheres (CAVALCANTI, 2003). Em se tratando de uma filha com este tipo de mãe, podemos supor que ela terá dificuldade de formar sua própria auto-imagem enquanto mulher.

A mãe tipo Liríope conduz à dificuldade de formar um objeto bom e a formação de imagem de mãe que, enquanto objeto bom, é fundamental para significar e estabelecer a crença e a esperança no Self e em si mesmo. A introjeção da mãe como objeto interno conduz à formação da auto-imagem da criança porque ela se encontra ainda em estado fusional com a mãe e com o Self; é a introjeção de objetos externos que formam o mundo interno, com objetos internos, fundamentais para a empatia.

Kernberg (*apud* CAVALCANTI, 2003) afirma que não é apenas uma mãe fria e distante que dificulta a diferenciação entre mãe e criança: a mãe altamente superprotetora também dificulta este processo. Tanto quanto Kernberg, Kohut (*apud* CAVALCANTI, 2003) e Neumann (1995) afirmam que distúrbios narcísicos têm origem nos distúrbios da relação mãe-filho; o último dos autores aponta que a relação primal, como ele chama a relação mãe-filho, é fundamental na manutenção do eixo ego-Self, base para um ego saudável. Por desconhecer a própria individualidade, Liríope não é capaz de refletir Narciso.

Como Liríope é incapaz de reconhecer as próprias necessidades, ela é incapaz também de refletir o outro, isto é, de reconhecer as necessidades do filho, a quem a falta de reflexo do mundo interno causa que ele se concentre somente no mundo externo e no reconhecimento externo de si, neste caso, sua beleza.

A falta de contato com seu Self Corporal impede que Liríope reflita o Self Corporal de Narciso, base para o reconhecimento de necessidades cada vez mais complexas, a nível biológico, psicológico e espiritual.

A Liríope falta a capacidade de se afirmar enquanto individualidade e, portanto, lhe falta presença no relacionamento, ao contrário de Céfiso, que se faz perceber na relação por meio da força, da imposição e da invalidação do outro: Liríope e Céfiso são complementares em termos arquetípicos.

Pessoas com personalidade dependente enfrentam dificuldades de afirmação da identidade e de reconhecer oportunidades de gratificação a partir dos próprios potenciais e recursos internos. Para estes indivíduos, a gratificação narcísica vem do relacionamento dependente, geralmente com uma personalidade exibicionista e auto-afirmativa, por meio da qual vive sem se afirmar. Notemos que, em termos de pólos, estas personalidades formam um par que, no mito, é representado por Liríope/Eco e Céfiso/Narciso.

No início do desenvolvimento, o mundo interno da criança está diretamente ligado à vivência das necessidades instintivas do Self Corporal, vivido através da mãe. Se ela não é capaz de refletir e traduzir estas necessidades para seu filho há uma cisão entre o mundo interno e o externo, e é por isso que Neumann (1995) dá tanta importância a esta fase do desenvolvimento. A relação com a figura materna real é fundamental porque o Self é experienciado através da mãe. E, se a relação com a mãe não é boa, há uma cisão no eixo ego-Self, o que Cavalcanti (2003) apresenta como uma das grandes lesões narcísicas.

Para Edinger (*apud* CAVALCANTI, 2003), durante o desenvolvimento da consciência, há necessidade de romper a identificação do ego com o Self, ao mesmo tempo em que é necessário manter a integridade do eixo ego-Self. Este eixo deve permanecer relativamente intacto para que o ego suporte as tensões decorrentes do crescimento, já que é o canal de comunicação do ego com a psique arquetípica. O rompimento desta relação destrói a possibilidade de ligação entre consciência e inconsciente e leva o ego a alienar-se do Self, sua origem.

4.2.3 *Tirésias*

Tirésias é o vidente que aparece em episódios míticos nos quais há a questão da separação e da re-união dos opostos. O masculino e o feminino lhe são familiares, porque ele teve as duas experiências: Brandão (2009b) narra que Tirésias subiu o monte Citerão, onde viu duas cobras se acasalando e matou a fêmea. Como consequência, ele se transformou em mulher. Após sete anos, voltou a subir o mesmo monte e, vendo a mesma cena de acasalamento, matou o macho, o que o transformou novamente em homem. Este episódio simboliza o processo iniciático de Tirésias e o modelo mítico do desenvolvimento da consciência individual: separar e conhecer cada oposto e reuni-los novamente. Tirésias pôde conhecer profundamente cada um dos

pólos: ele separa a *Uroboros*, para discriminar e conhecer cada pólo. O novo acasalamento das serpentes, afirma Cavalcanti (2003), indica a aquisição de um conhecimento.

A experiência de Tirésias como mulher lhe propicia o conhecimento da vivência matriarcal ligada, principalmente, ao princípio do prazer, assim como faz a criança até aproximadamente sete anos (CAVALCANTI, 2003). Quando a vivência matriarcal é substituída pela patriarcal ou, no caso de Tirésias, quando ele volta a ser homem, o indivíduo se guia principalmente pelo princípio de realidade. É o conhecimento de ambas as vivências que torna possível a verdadeira re-união dos opostos no processo de individuação, sem que o ego se sinta ameaçado por qualquer um dos pólos.

Em outro momento de sua história, Tirésias é chamado como árbitro numa discussão entre Zeus e Hera: no ato sexual, quem sente mais prazer, o homem ou a mulher? Tirésias, tendo tido ambas as vivências, responde que a mulher sente nove vezes mais prazer que o homem. Com isso, revela que a mulher é mais próxima do instinto do prazer do que o homem. Hera se enfurece com Tirésias e o cega. Mas o castigo de Hera acaba se tornando um prêmio: a visão que Hera tira de Tirésias é do mundo profano, e Zeus o recompensa com o dom da visão do mundo interno. (CAVALCANTI, 2003).

A capacidade de predição de Tirésias está ligada ao conhecimento do inconsciente, no qual não há divisão temporal, como na consciência. Tirésias é o representante do arquétipo do velho sábio, relacionado ao conhecimento, ou seja, ao processo de discriminação e re-união de pólos. Este arquétipo está ligado também à constelação de conflitos e resolução de problemas dos opostos no processo de individuação (CAVALCANTI, 2003).

Tirésias, com sua vivência do feminino e do masculino, representa a visão da totalidade. Enquanto representante do arquétipo do velho sábio, ele mostra a possibilidade da cura da indiscriminação pela polarização, fundamental para a saída da fusão urobórica, e mostra a superação dos opostos, que possibilita o conhecimento, a união interior e a visão da totalidade.

A presença de Tirésias no mito de Narciso denota conhecimento e desenvolvimento da consciência e da identidade egóica no processo de individuação (CAVALCANTI, 2003), que pressupõe um estágio básico: a saída do estado de fusão com o Self e, conseqüentemente, o estabelecimento da diferenciação eu-outro e da identidade do ego na construção da individualidade.

O processo de individuação tem início com o desenvolvimento da consciência e caminha para a união dos pólos. A iniciação de Tirésias, que tem por base tanto sua vivência dos pólos feminino e masculino quanto a mudança de direção de sua visão,

lhe permite exercer a função de mediador de conflitos entre opostos e de unificador interno dos pólos.

Quando consultado por Liríope, Tirésias responde que Narciso viverá enquanto não se vir, ou seja, enquanto não se conhecer. Tirésias, em sua resposta, liga a visão ao conhecimento do eu e do não-eu, e também do eu interno e do eu externo. É por meio da visão que é possível discriminar e ordenar o mundo enquanto espaço e tempo. Tirésias relaciona autoconhecimento e tempo; isto porque o conhecer implica sair da eternidade e entrar na consciência histórica, onde o tempo é ordenado em passado, presente e futuro (CAVALCANTI, 2003).

Ao se diferenciar, Narciso se colocaria no mundo, ordenando-o enquanto espaço e tempo, adquirindo consciência de si e, portanto, da sua medida, do seu *métron*. O autoconhecimento implica em conhecer seus próprios limites corporais e psíquicos; implica na aquisição de uma identidade e de uma individualidade, que, por sua vez, conduzem ao reconhecimento de introjeções, projeções, potenciais internos e, ainda, das representações da persona e dos aspectos da sombra.

A definição do eu ocorre concomitantemente ao conhecimento do outro, e a aquisição da noção de identidade de maneira mais estável e definida está relacionada à organização do mundo a partir dos elementos espaço e tempo. Sobre isso, Cavalcanti (2003, p.125) afirma: “Pelo conhecimento da continuidade da sua existência e do outro, o eu fortalece a sua identidade e passa a se ver como um ser histórico com presente, passado e futuro”.

Para Cavalcanti (2003), a morte implicada na profecia de Tirésias não é a morte física de Narciso, mas sim a morte do seu estado de indiferenciação com o Self, com o conseqüente nascimento do eu, do outro e das noções de tempo e espaço, que matam o estado paradisíaco infinito da identificação do ego com o Self.

A presença de Tirésias no mito de Narciso indica que, além da construção da identidade, da consciência e de possíveis distúrbios neste caminho, trata-se de um mito que fala do processo de individuação como possibilidade humana. Nele, o arquétipo do velho sábio é constelado para possibilitar a relação entre ego e Self. Tirésias aparece nos mitos em momentos críticos, quando o confronto do ego com o conhecimento e com a verdade é necessário; o arquétipo que ele representa é responsável também pela ligação entre ego e Self, do qual o ego diferenciou-se na constituição de sua identidade. Quando constelado no processo de individuação, o arquétipo do velho sábio é o arquétipo da verdade, que pede ao indivíduo o máximo de honestidade e sinceridade no encontro e no confronto consigo. O Self, no processo de individuação, é sentido como algo externo e maior do que o ego, mas não como ameaçador nem assustador.

O encontro de Tirésias com Zeus e Hera representa o reencontro do ego com a sabedoria do Self por meio daqueles que são considerados os deuses do casamento, mas como pólos diferenciados. O casal reaparece no processo de individuação como símbolo do casamento interior dos pólos feminino e masculino.

Nos processos de desenvolvimento e fortalecimento do ego estas realidades se ocultam. No processo de individuação, o indivíduo tem a “redenção da realidade do Self por meio do restabelecimento da comunicação viva com o eixo ego-Self” (CAVALCANTI, 2003, p. 129). O processo de individuação faz a re-ligação do ego com o Self, que se liberta e, conseqüentemente, se expressa por meio da realização do ego. Aqui, os vínculos entre ego e Self são restabelecidos e não há dissolução do ego ou ofuscamento da consciência, mas sim a ampliação do seu poder de percepção e, por conseguinte, do seu conhecimento. Os símbolos que aparecem representam a união, e não mais a indiscriminação.

4.2.4 *Nêmesis*

No mito do herói há uma personagem que simboliza a justiça divina que impõe ao herói o *pathos*, isto é, o sofrimento, o destino do qual ele não pode ou não deve escapar (CAVALCANTI, 2003). Nêmesis, segundo Brandão (2009a), é a deusa da justiça e da indignação diante da injustiça, sendo a responsável pelo restabelecimento do equilíbrio pós-*hybris*. No mito, ela impõe a Narciso um *pathos*: apaixonar-se sem ser correspondido. Ao fazer isso, Nêmesis propicia o caminho da redenção, mas a consecução depende do *ethos* do herói, isto é, da sua conduta diante do destino.

É do *pathos* que se originam os acontecimentos significativos, e depende do *ethos* do herói entender o que significam os próprios atos. O *ethos* simboliza a consciência do dever associado ao auto-desenvolvimento, ao desenvolvimento de uma ética interna que orienta o indivíduo no seu caminho. Este processo leva à *katharsis*, ou seja, à purificação e à transformação do herói, que o conduz à redenção e, em última instância, à individuação (CAVALCANTI, 2003).

Nêmesis representa o castigo divino pela ousadia dos mortais; ela pune aqueles que incorrem na *hybris*, a ultrapassagem do *métron*, ou seja, o limite de cada um. Incorrer na *hybris* é visto como uma violência contra si e contra os deuses, pois é uma tentativa de identificação com a divindade. Psicológica e simbolicamente, incorrer na *hybris* está relacionado à onipotência e à inflação do ego. A *hybris* implica no cometimento de uma falta, falta esta muito diferente do conceito de pecado (CAVALCANTI, 2003).

Nêmesis é uma moira e, portanto, responsável pela distribuição dos destinos individuais. Ela é a representação arquetípica da justiça divina, da justiça e do desejo

de expressão do Self por meio da vivência particular de cada um no processo de individuação. Ela representa o arquétipo da velha sábia que, por meio da punição, provoca a busca do desenvolvimento: ela retira algo do herói, o que o estimula a buscar ou desenvolver algo maior; assim, é a punição que possibilita ao herói percorrer seu caminho, enfrentando as adversidades necessárias para o seu desenvolvimento (CAVALCANTI, 2003).

Nêmesis também é constelada na relação primal sob influência do arquétipo da Grande Mãe; ela é compreendida como a deusa do destino que decide sobre a vida e sobre a morte; a deusa capaz de punir eliminando o amor e a proteção. Se a relação primal é satisfatória para a criança, Nêmesis se constela positivamente e possibilita fé, esperança e o sentimento de que a vida é boa. Se a relação é insatisfatória, o aspecto negativo de Nêmesis é constelado, fazendo o destino e a vida serem vistos como traidores e frustrantes, o que acarreta falta de fé e confiança na vida (CAVALCANTI, 2003).

No mito de Narciso, Nêmesis tem importância dupla: ela dá não só o impulso no processo iniciático de Narciso, como também, enquanto arquétipo da justiça punitiva, se envolve na formação do sentimento primário de culpa, característico dos que tiveram uma relação primal perturbada e determinante na formação da auto-imagem negativa, comum no narcisismo (CAVALCANTI, 2003).

A criança sente a falta dos cuidados e do amor materno como castigo por algo ruim que possa ter feito. A associação entre o arquétipo que Nêmesis constela e os impulsos destrutivos podem conduzir tanto à formação de uma auto-imagem negativa como a impulsos de reparação. O caminho depende da relação da criança com o meio. Este sentimento de culpa tão precoce, e tão arcaico, é de difícil transformação quando reforçado pelo meio.

A presença de Nêmesis no mito de Narciso indica: a) necessidade de redirecionamento no processo de formação da consciência ou da religação do ego com o Self e b) uma falta que precisa ser reparada. Isso leva a crer que o mito de Narciso se refere ao processo de desenvolvimento do ego e, por isso, Cavalcanti (2003) considera o mito de Narciso como um mito do herói.

Nêmesis representa a justiça e a ética interna, pois é o próprio indivíduo que se absolve ou se condena a partir do julgamento de seus comportamentos. A vivência da lei interna, representada por Nêmesis, é sinal de maturidade psíquica:

A psique, no processo de individuação, já é capaz de se regular por essa ética e, por esse motivo, pode abandonar a lei do superego. O sentimento de culpa e de pecado é substituído pelo sentimento de responsabilidade pessoal (CAVALCANTI, 2003, p. 135).

O castigo de Narciso é que ele se apaixone sem ser correspondido, no caso, pela sua própria imagem, o que indica o caminho da redenção: a saída do estado de indiferenciação ego-Self, a saída do estado de inflação e de onipotência psíquica e uma oportunidade de superação da *hybris*. Este castigo pode levar Narciso tanto a permanecer prisioneiro da indiferenciação como a reconhecer-se diferente do Self, o que depende do seu *ethos*. É por meio do *pathos* que Narciso se depara com seu próprio destino.

Os desígnios de Nêmesis não costumam ser claros; muitas vezes é por meio de sofrimento moral e/ou de doença física que o indivíduo tem a oportunidade de se autoconhecer. Incurrir na *hybris*, seguido da redenção do indivíduo, conduz ao conhecimento da própria medida, o que possibilita a correção da desmedida.

Em suma, Nêmesis está ligada à *hybris*, à inflação: ela pune o indivíduo por uma falta e determina sua iniciação; quando a individuação está em estado avançado, Nêmesis reaparece como velha sábia, porque o indivíduo tem nova oportunidade de incorrer na *hybris*: em estágios mais avançados da individuação, existe o perigo de o indivíduo se re-identificar com o Self; surge o orgulho por alcançar conhecimento mais elevado (*hybris*). Mas esta oportunidade deve ser descartada porque o autoconhecimento e desenvolvimento reais levam à humildade na relação com o outro interno e externo (CAVALCANTI, 2003).

A supervalorização de si mesmo em favor da desvalorização do outro, determinado por uma identificação com o arquétipo da *Personalidade Mana* [Self] e a conseqüente onipotência e inflação exporá a psique ao perigo e à perda de todo o processo [de individuação, desenvolvido até então] (CAVALCANTI, 2003, p.137).

Quando o indivíduo, por fim, se diferencia do Self, adquire o conhecimento do seu próprio *métron* e o do outro, o que o protege de projeções e identificações, tanto com o outro como com o próprio Self. Os arquétipos da velha sábia e do velho sábio, uma vez discriminados e diferenciados do ego, parecem adquirir função de relação com o mundo psíquico.

A punição de Nêmesis contém o antídoto para a inflação: o conhecimento. Voltar-se para o conhecimento implica reconhecer que este processo é infinito: “quanto mais se conhece, mais se adquire consciência de que se desconhece” (CAVALCANTI, 2003, p. 138) e é justamente esta consciência que desenvolve a humildade que protege do incorrer na *hybris*. Conhecer-se: este é o castigo de Nêmesis para Narciso.

4.2.5 Eco

Eco, como Liríope, é uma ninfa e, portanto, um ser úmido e fecundável, que vive com e na natureza. As ninfas são responsáveis por colocar sua alma nas coisas por todo o mundo. Elas são nomeadas pelo nome do lugar a que pertencem e assumem a identidade deste lugar em detrimento da própria identidade. A origem do termo ninfa (*nymphé*) liga-se ao termo noiva, e grande parte das ninfas são sacerdotisas de templos de deusas, onde oficializam cerimônias nas quais representam a fertilidade, estando, portanto, associadas também à conjunção (CAVALCANTI, 2003).

Eco é uma ninfa das montanhas, filha do ar e da terra, participante do séquito de Hera. Sua capacidade de se envolver com tudo denota tanto sua disposição e abertura para a relação com o outro como sua falta de objetividade e de seleção na escolha do objeto com que se relaciona (CAVALCANTI, 2003).

Eco está junto aos deuses do casamento, Zeus e Hera, e busca a realização da união dos pólos que eles representam: ao mesmo tempo em que Eco faz parte do séquito de Hera, é ela quem distrai a deusa do casamento enquanto Zeus namora outras ninfas e mortais (OVIDIO, 2003). Cavalcanti (2003) sugere que Eco deseja unir os valores conscientes aos inconscientes, mas não entra em conflito ao servir aos dois senhores de forma indiscriminada. Eco é ambígua quando serve à consciência e ao inconsciente enquanto pólos sem a conjunção criativa.

Segundo Ovídio (2003), Zeus não é surpreendido com suas amantes por Hera, porque Eco a distrai com sua tagarelice até que todas fujam. Quando Hera percebe o que Eco faz, a pune limitando-lhe a voz, permitindo que Eco apenas repita as últimas palavras que ouve. Hera pune Eco por se colocar a serviço dos pólos sem procurar fazer uma integração discriminada. A punição de Hera indica o caminho para a cura de Eco: o desenvolvimento da sua existência psíquica e da assunção – ao invés da rejeição – de seus desejos e sentimentos, aprendendo a expressá-los.

Ter voz significa ocupar um espaço de forma significativa, de afirmar a própria presença e de ter experiência psíquica. Hera enfatiza o sintoma (identidade não discriminada) para que possa ser notado e curado: a punição de Hera possibilita o desenvolvimento de Eco. Sobre isto, Cavalcanti, (2003, p. 141) afirma:

Na medida em que Eco se coloca a serviço da realização criativa do outro, ela deixa de realizar a sua própria criatividade e a realização de sua individualidade. Sua continência à criatividade do outro assume caráter ilícito. Enquanto Eco distraía Hera, Zeus praticava amor ilícito com outras ninfas. A criatividade do inconsciente, sem acesso à consciência, sem ser compartilhado e integrado por esta, se torna autônoma e ilícita. Nesse momento, Eco representa a continência para a transgressão, para o ilícito e [para] a onipotência narcísica.

Para Cavalcanti (2003, p. 142), tanto a falta de expressão como a repetição da fala são “instrumentos para a cura”. Podemos supor que falta e repetição, aqui, são polaridades e que a cura, da qual fala Cavalcanti (2003), provavelmente se refere à integração dos opostos de forma discriminada. Eco, em sua ambigüidade, possui ambas as características: a falta da voz, como meio de expressão, e a repetição, como único meio de comunicação.

Eco possui um desenvolvimento parcial de escolha de objeto: ela baseia sua escolha em termos de complementação daquilo que lhe falta, do que não reconhece em si e do que projeta no outro. Eco tende a negar seus potenciais e valores, atribuindo ao outro algo que pertence a ela. Juntos, Eco e Narciso formam opostos complementares: sujeito e objeto, amante e amado, refletidor e refletido (CAVALCANTI, 2003).

Existe em Eco a necessidade criativa da existência complementar, que a leva a escolher Narciso, mas que também representa suas necessidades simbióticas: ela precisa do outro para existir psiquicamente, ela precisa da voz do outro para se expressar; se o outro não está, Eco não existe (CAVALCANTI, 2003). Frequentemente, uma personalidade semelhante à de Eco é receptiva à onipotência narcísica: sua tendência é de complementar e até reforçar a onipotência, não permitindo que o outro note as suas falhas.

Berry (*apud* CAVALCANTI, 2003) traz um aspecto positivo de Eco: ao encobrir o ilícito, ela permite que ele seja fertilizado, dando vazão a conteúdos encobertos que, de outra forma, talvez não pudessem ser expressos. Deste ponto de vista, pode haver aceitação do ilícito e da transgressão como forma de fertilidade, mas somente quando a consciência se torna rígida e convencional. Sob esta perspectiva, ao se colocar a serviço de Zeus, Eco cede espaço para a criatividade do Self.

Segundo Green (*apud* CAVALCANTI, 2003), Eco visa reconhecimento do sacrifício do seu próprio prazer. Para Cavalcanti (2003), a maior necessidade de Eco está em ser vista, reconhecida e refletida de forma positiva, para poder conhecer as próprias necessidades e o sentimento de seu valor para a construção da auto-estima, já que, na repetição, é maior a possibilidade de reconhecimento. Berry (*apud* CAVALCANTI, 2003) afirma que Eco procura por espaços vazios e buracos onde possa ecoar: ela ecoa o que há de oculto e de escondido no outro, preenchendo vazios e atribuindo significado.

Este conjunto de características de Eco é fundamental para os relacionamentos humanos, mas ele também tem um caráter defensivo e de busca por auto-estima: ao voltar-se para a necessidade do outro, Eco deixa de entrar em contato com as próprias necessidades, perdendo a oportunidade de elaborá-las e satisfazê-las. “A

‘personalidade Eco’ apresenta uma tendência compulsiva para se colocar a serviço do outro, na busca de reconhecimento, de auto-estima e de sentimento de valor” (CAVALCANTI, 2003, p.144).

A capacidade de ecoar é fundamental na relação primal, já que é a partir do ecoar as necessidades do bebê pela mãe que ele pode ter autoconhecimento e o sentimento de integração. A criança precisa de gratificação narcísica para formar e fortalecer sua auto-imagem e auto-estima. Estes fatores de construção e criatividade são aspectos positivos da propriedade Eco nas personalidades.

A capacidade de ecoar também está associada à auto-exigência perfeccionista de Eco: para ela, só haverá amor e reconhecimento se for perfeita. Ela rejeita os próprios vazios por que acredita que, para ser amada, precisa ser perfeita (CAVALCANTI, 2003).

Eco depende do outro para sua auto-valorização, gratificação e reflexo positivo. Seu autoconhecimento é negativo, ela se sente desvalorizada, sem recursos e, portanto, sem capacidade de autogratição. Este negativismo conduz a relações simbióticas, na crença de que o outro lhe dará o que lhe falta e à idealização e à supervalorização de seu par. Ao relacionar-se com a imagem idealizada, Eco se identifica com ela, sentido-se valorizada. Em busca desta valorização, Eco aceita ser parte submissa na relação.

Ela representa a polaridade oposta a Narciso, uma vez que busca um relacionamento, mesmo que ponha em risco sua própria identidade. Mas, uma relação positiva é impossível para Eco, pois ela nega a própria identidade. Eco percebe o outro como objeto total e é, por isso, mais capaz que Narciso de entrar em contato com a realidade: embora ela perceba a própria individualidade e a do outro de forma distorcida, isto lhe permite estabelecer relações objetivas. Da parte de Narciso, a relação é narcísica, pois o objeto só interessa enquanto fonte de gratificação; Eco, por sua vez, encontra gratificação servindo os outros; enquanto ele deseja o *um*, a totalidade auto-suficiente, ela procura o *dois*, o relacionamento e a união das polaridades (CAVALCANTI, 2003).

O que Hera propõe como relacionamento é o desenvolvimento de ambas as partes, que implica em criatividade; é por isso que ela se ofende quando Zeus procura por criatividade em relações extraconjugais. Eco possibilita a criação do outro independentemente da relação consigo. Ao favorecer o outro e negar sua participação na relação criativa, Eco trai o desejo de Hera e, por isso, é punida.

Para Berry (*apud* CAVALCANTI, 2003), a beleza de Eco implica o *pathos*. É pela experiência da dor que a psique se transforma. Eco, antes apenas psíquica, adquire consistência e corpo através da dor. A percepção do corpo é o campo de

inscrição do ego e da noção de individualidade: o corpo fornece os contornos e os limites do indivíduo e Eco adquire consciência por seu sofrimento corporal.

É pela vivência da falta que Eco elabora e significa sua tristeza, produzindo em si elementos estranhos ao mundo exterior, que a faz corresponder ao objeto perdido, possibilitando sua entrada no mundo simbólico e criativo. Cavalcanti (2003) afirma que seu sofrimento é belo, pois leva à percepção do eu e à individuação. Eco aceita o sofrimento, complemento da transformação e da redenção.

Segundo Ovídio (2003), o corpo de Eco define-se pelo sofrimento de amor, ou seja, ele se transforma. Eco realiza sua individuação depois que adquire consciência do seu eu corporificado.

4.3 A dinâmica do narcisismo na Psicologia Analítica

Cavalcanti (2003) afirma que uma das razões que interessa à Psicologia Analítica estudar o narcisismo é o fato de ele envolver a formação e o fortalecimento da identidade egóica, fundamentais para o processo de individuação, que requer a discriminação entre ego e Self. Esta discriminação evita a identificação do ego com o Self, que resulta num estado de onipotência e inflação.

No desenvolvimento egóico, concomitante a essa diferenciação, o indivíduo estabelece relações objetais, indispensáveis para as relações entre o eu e o outro e entre o eu e o mundo. Assim, se consideramos o processo de individuação como um processo de autoconhecimento e de relações saudáveis com o mundo, a superação da condição narcísica é fundamental.

Quadros narcísicos são um obstáculo para o processo de individuação, uma vez que o eixo ego-Self, na maior parte dos casos, está comprometido. Isto acentua a desesperança e a de falta de confiança, tanto em si quanto no Self. A maior ou menor gravidade dos quadros narcísicos depende do grau de comprometimento do eixo ego-Self, no qual a mãe está implicada diretamente, já que ela é “o espelho, a representação e o continente do Self infantil” (CAVALCANTI, 2003, p.135).

O narcisismo resulta de distúrbios na relação primal, quando o indivíduo não é capaz de se discriminar totalmente do Self e dos objetos externos. Seu ego é frágil, mas age de modo compensatório, procurando sentir-se mais potente do que realmente é para não entrar em contato com a sua fragilidade. Pode ocorrer, também, uma identificação com a persona construída, atitude que negligencia a individualidade.

Sem distinção entre o eu e o mundo, o indivíduo narcisista se identifica, em maior ou menor grau, com os objetos externos, tomando-os como parte de si, como recurso para preencher o vazio interno. No processo de diferenciação, o narcisista se sente desfalcado de conteúdos que lhe pertenciam quando num estado de totalidade

indiferenciada. É por isso que a busca de conjunção também revela a necessidade de complementação pela totalidade perdida.

Para Kernberg (*apud* CAVALCANTI, 2003), o narcisismo é uma forma de defesa da diferenciação, já que o indivíduo sente como intolerável a realidade no campo das relações interpessoais.

Neumann (1995) contribui para a compreensão do desenvolvimento infantil ao mostrar a relevância da relação primal para o estabelecimento da relação segura do ego com o mundo ou para o estabelecimento de um ego narcisista, incapaz de estabelecer relações objetais e que se afasta do mundo. Para ele, o narcisismo resulta do rompimento prematuro do estado de totalidade, ou seja, o ego é despertado cedo demais e se torna frágil. O autor descreve a linha de desenvolvimento da consciência em três estágios: o urobórico, o matriarcal, que compartilham de maior flexibilidade, e o patriarcal, quando a consciência é mais racional e concisa. No estágio urobórico, mãe e criança vivem imersas numa matriz transpessoal, na qual a mãe, devido ao estado de fusão, é e assume o papel de Self para a criança, tornando-se fundamental para o desenvolvimento sadio do ego infantil e do eixo ego-Self. Neste estágio, a criança ainda não tem uma imagem corporal diferenciada e, por isso, o autor considera a mãe como receptáculo do Self da criança.

No final do primeiro estágio, a criança começa a experimentar o mundo pelo corpo, o que leva Neumann (1995) a falar da constituição do Self Corporal que é, inicialmente, projetado na mãe e vai aos poucos se deslocando para o interior da psique, fazendo com que o Self, antes apenas corporal, comece a se desenvolver como individualidade. É neste estágio que tem início, também, o desenvolvimento do eixo ego-Self, rede de comunicação entre as duas instâncias, ao mesmo tempo em que ocorre a distinção entre ego e mundo. Assim, a relação primal é fundamental tanto para a formação do ego como para a formação das relações objetais posteriormente estabelecidas.

Como representante do Self, neste período do desenvolvimento do ego infantil, a mãe possibilita as relações e a representação do mundo objetal para a criança e, por isso, em caso de distúrbio na relação primal, a relação da criança com objetos, tanto internos quanto externos, é prejudicada – lembremos que, neste momento, ainda não há distinção entre interno e externo, o que permite a generalização do distúrbio nas relações com objetos internos e externos.

Para Neumann (1995), a relação primal é importante também para a unicidade entre ego e Self. Qualquer distúrbio na relação primal pode acarretar dificuldades no equilíbrio do eixo ego-Self, que favorece uma auto-imagem distorcida e a construção de mecanismos de defesa exagerados, característicos do narcisismo. No estágio

urobórico, já há um esboço do ego, embora seja apenas no matriarcal que ele começa a mostrar suas formas e se direciona para o centro da consciência.

Assim, o narcisismo leva a um enfraquecimento do ego quando ele deveria se consolidar. Se não há consolidação e mínima sistematização da consciência, o ego, ferido e privado da experiência de segurança, se volta para si mesmo, o que dá origem à exacerbação egóica e narcisista, ficando os contatos com o mundo e com o Self prejudicados. O ego ferido se torna incapaz de tolerar experiências frustrantes e fica dependente e exigente de gratificação de suas necessidades, que se tornam exacerbadas. Características como agressividade, fragilidade egóica, sentimento de culpa e baixa tolerância à frustração são características de distúrbios na relação primal e, também, do narcisismo. Estas características levam o narcisista a se afastar dos outros, o que intensifica sua sensação de abandono e insegurança.

Gordon (1989) também compreende o narcisismo por meio da lacuna empática no desempenho da mãe, ou seja, a falta de capacidade da mãe em compreender, espelhar e responder às necessidades da criança. Ela discorre sobre a base corporal da formação da identidade e dos objetos internalizados que possibilitarão à criança identificar-se durante o desenvolvimento da identidade.

A autora reconhece dois tipos de narcisismo: um sadio e um patológico. O primeiro se configura pela auto-estima saudável e pela necessidade de introspecção. O segundo se configura pelo investimento libidinal vivido como mecanismo de defesa para preencher expectativas da mãe que foram introjetadas. É por isso que ela foca seus estudos sobre narcisismo na mãe, pois a reconhece como elemento fundamental e responsável pelo desenvolvimento da identidade e da auto-estima.

Carvalho (*apud* CAVALCANTI, 2003), por outro lado, mostra a influência da ausência da figura paterna, pouquíssimo estudada, como determinante na constituição dos quadros narcísicos. O autor associa o dano narcísico à saúde narcísica, relacionada com a autopercepção acompanhada de sensação de bem-estar. A autopercepção, para ele, resulta de aspectos distintos e está interligada às relações objetais que promovem autoconhecimento e satisfazem impulsos instintivos, relacionados, especialmente, com a necessidade de autopreservação.

Carvalho (*apud* CAVALCANTI, 2003) afirma que o desenvolvimento e a distinção da integração da existência e da identidade são paralelos e correspondentes ao desenvolvimento e à integração das representações objetais, o que torna as relações objetais de grande relevância na formação da auto-representação. Estes mesmos objetos devem ser internalizados para representar o Self. A ausência deles resulta na dificuldade de crescimento de um ego distinto do Self. Assim, se o objeto não está presente, ou está distorcido, a representação do Self externalizado também fica

distorcida. O objeto interno é produto da atividade arquetípica inconsciente e da sua interação com o objeto externo.

Isto leva o autor a questionar o tipo de objeto que o pai representa e o tipo de deficiência que ocorre quando de sua ausência, que causa uma constelação com *excesso de mãe e falta de pai*, cujo efeito é a insatisfação da relação entre mãe e criança para ambos, e uma distorção da mãe enquanto objeto externo. A ausência do pai torna difícil a separação e a distinção entre Self e objeto pela falta de triangulação que possibilita à criança ver dois objetos distintos em relação (pai e mãe), cuja consequência pode ser a confusão entre estes e a representação de ambos para a criança, que se vê diante de um objeto incompleto em sua auto-representação. Para Carvalho (*apud* CAVALCANTI, 2003), o pai representa a possibilidade de diferenciação e a capacidade de lidar com relações externas.

Jacoby (1991) distingue o *ser especial* narcísico de idéias fantasiosas e grandiosas, conscientes ou inconscientes, da consciência de valor e atributos associados à identidade realista. A diferença está na qualidade do senso de “especialismo” (no sentido de tendência a sentir-se especial) de cada um: sentir-se especial pode ser identificado por frases como “Sou especialmente bonito.” ou em frases como “Meu valor está no quanto me admiram pela beleza; portanto, senão me vêem como belo, de nada sirvo”. É possível reconhecer, neste segundo caso, um exemplo de narcisismo.

Ele vê no mito aspectos positivos relacionados à busca do autoconhecimento e da auto-realização que constituem o processo de individuação. Para ele, o narcisismo deve ser visto como potencialidade terapêutica, admitindo a necessidade de diferenciação entre ego e Self para que haja individuação.

Fordham (*apud* CAVALCANTI, 2003) discorre sobre as defesas do ego e do Self, sendo que estas últimas são ativadas quando em situação de alerta, protegendo o ego não apenas de um sentimento de ataque e perseguição externos, mas também de estimulação interna em demasia, fruto de sentimentos e emoções incontroláveis, constantes nos quadros narcísicos.

Na infância, o sentimento de desaprovação é sentido como um ataque, o que mobiliza as defesas do Self, saudáveis até certo ponto. A patologia das defesas aparece quando elas persistem e se cristalizam, podendo constituir distúrbios narcísicos, cujas expressões mais acentuadas são a onipotência, a grandiosidade e a extrema dificuldade em estabelecer relações objetivas, já que o outro se torna aversivo. Por isso, quando a relação primal é insatisfatória, pode haver cristalização do sentimento de desesperança, de abandono, insegurança e falta de fé, que torna o mundo hostil e frustrante.

Schwartz-Salant (1995, p. 29) reconhece dois estágios para a transformação do caráter narcisista patológico em sadio: o primeiro consiste na dissolução das transferências narcísicas do Self grandioso e exibicionista, na qual ocorre a “transformação no reino masculino do fazer: a partir de uma ordem masculina não-reflexiva e compulsiva, dominada pela fenomenologia negativa do *puer* e do *senex*, surge uma capacidade positiva para o trabalho, o amor e a criatividade”, quando há um aumento do ser, e não mais do fazer, abrindo espaço para a empatia. O segundo estágio consiste no confronto do indivíduo com sua própria psique, forçado pelo Self. Neste ponto, o autor associa a psique ao feminino, baseando-se mais na versão de Pausânias do mito de Narciso.

No narcisismo, o Self se apresenta numa fusão de elementos autônomos que configuram a *falsa Uroboros*, onde há tensão e cuja formação envolve: o controle, a grandiosidade e a onipotência; um falso vínculo com o Self; preocupação com poder e aparência e com o fazer vinculado à auto-estima; necessidade de aceitação social que leva à identificação do ego com a persona, que, por sua vez, exige onipotência e perfeição; raiva, derivada das feridas narcísicas infligidas à auto-estima, e inveja, associada à crença interna de que nada de bom lhe será dado ou serve, mas tão somente aos outros, o que leva a sentimentos destrutivos em relação ao outro e ao que este possui (SCHWARTZ-SALANT, 1995).

Byington (*apud* CAVALCANTI, 2003), por sua vez, vê, na dupla Narciso-Eco, uma forma complementar de investimento libidinal (energia psíquica) unilateral na relação eu-outro, sendo que, na polaridade Narciso, o investimento está no eu, e, na polaridade Eco, o investimento está no outro.

Montellano (2006) afirma que é apenas ao redor dos dois anos de idade que se pode falar em identidade infantil, a partir da qual é possível pensar na polaridade narcisismo-ecoísmo, ainda que estes pólos estejam em formação antes disso. A autora considera a polaridade narcisismo-ecoísmo como parte de um sistema estruturante que, por meio da elaboração simbólica, propicia um tipo de investimento libidinal e relacional que inclui aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais.

Para a autora, o desenvolvimento criativo da polaridade narcisista possibilita a formação de uma auto-imagem integrada e uma auto-estima positiva e autônoma, além da expressão da individualidade na luta pela realização de ideais. A polaridade ecoísta, por sua vez, quando em seu aspecto criativo, permite a formação da imagem integrada do outro, assim como de empatia e compaixão, além do reconhecer a necessidade e a importância do outro. É fundamental, no entanto, que afetividade e agressividade sejam diferenciadas e integradas para que o desempenho deste sistema seja saudável. É preciso que a criança viva num ambiente acolhedor e amoroso que, reconhecendo

suas necessidades e individualidade, propicie equilíbrio entre vivências polares inevitáveis, como prazer e desprazer, satisfação e falta. Tal ambiente possibilita que o ego confie em si e no outro, possibilita uma identidade estável, mas flexível, além de possibilitar o desenvolvimento da capacidade de diferenciar e integrar sentimentos amorosos e agressivos, de suportar limites e frustrações e de desenvolver as idealizações de si e do outro numa perspectiva realista.

Byington (*apud* CAVALCANTI, 2003 e MONTELLANO, 2006) aponta a polaridade Narciso-Eco como representante tanto de uma tipologia como de uma patologia. Enquanto tipologia, é a busca pelo oposto complementar nas relações. A patologia surge quando as polaridades assumem caráter preponderante.

Montellano (2006) afirma que, nos casos de transtornos no sistema narcisismo-ecoísmo, normalmente há:

situações como enfermidade grave, mental ou orgânica dos pais; perda de um ou dos dois pais ou de pessoas significativas para a família, pais narcisistas ou egoístas que não conseguem perceber as necessidades do filho e esperam que a criança aumente sua auto-estima e realize seus ideais [dos pais]; distúrbios na relação do par parental; presença de algum tipo de violência, física, verbal ou não verbal. Algumas situações se referem à própria criança, enfermidades graves ou deficiência física, hipersensibilidade aos estímulos internos e externos, superdotados em uma ou mais características. (MONTELLANO, 2006, p. 193)

Para a autora, as descrições classificadas como distúrbio de personalidade narcísica são indicações da fixação da polaridade narcísica: excessiva auto-referência, grande necessidade de admiração, auto-conceito inflado e ideal de eu pouco realista. Estes indivíduos tendem a desenvolver uma persona sedutora e envolvente que faz com que alcancem a admiração de que tanto precisam. Suas relações pessoais, no entanto, são superficiais, pois têm dificuldade em vivenciar o sentimento amoroso e a intimidade. Eles projetam no outro seu eu idealizado, o que faz com que se frustrem facilmente, visto que raramente o outro aceita/realiza a projeção. Os narcisistas desconfiam do outro, a quem geralmente desvalorizam; são invejosos e muito sensíveis às críticas, além de terem dificuldade de admitir dependência. Em casos mais graves, a raiva pode aparecer de modo explosivo ou sádico e a sexualidade pode ser exercida de forma defensiva contra sentimentos de amor, ternura e/ou proximidade física.

Os indivíduos fixados na polaridade ecoísta, por sua vez, apresentam dependência excessiva do amor e da aceitação do outro, que também é altamente idealizado. Eles têm dificuldade em expressar sentimentos, idéias e criatividade que são, quase sempre, projetados no outro. Eles não aceitam sentimentos de raiva, o que os faz terem vivências depressivas e sentimentos intensos de culpa. A não aceitação

da raiva pode resultar em auto-agressão, já que o indivíduo geralmente tem baixa auto-estima, chegando, em casos mais graves, a recorrer ao masoquismo. Por se colocar sempre à disposição do outro, o indivíduo fixado na polaridade ecoísta se sente pouco reconhecido e, muitas vezes, tratado injustamente, o que desperta culpa naqueles com quem se relaciona. São, ainda, muito críticos e exigentes. Apresentam-se, porém, como sujeitos humildes, bons e compreensivos. O transtorno depressivo masoquista (KERNBERG *apud* MONTELLANO, 2006) aproxima-se muito desta descrição, embora o autor não faça relação alguma entre este quadro e o ecoísmo.

O complexo sistema narcisismo-ecoísmo busca manter, de alguma forma, o equilíbrio interno do indivíduo, defendendo-o de “sentimentos intensos de inferioridade, impotência, vazio e falta de significado” (MONTELLANO, 2006, p. 194). Em casos mais graves da patologia, o indivíduo procura prevenir a perda de suas ilusões e se defender da angústia e do medo de ser aniquilado. “É como se o indivíduo não confiasse na possibilidade de uma vivência integrada de identidade e de relações criativas” (p. 194).

Stein (*apud* CAVALCANTI, 2003, p. 65) considera que os temas principais do mito de Narciso são o amor, a paixão frustrada e a morte, e é também um exemplo do jovem que perde a vida para uma “mãe-anima assassina”. O autor parte da análise da flor narciso (*narke*, em grego), que ele vê como a corporificação da vivência de Narciso: inútil, venenoso e estéril. Narciso é associado à morte e à reflexão, mas não como Hades ou Perséfone, que se ligam à condução das almas, e sim por um erotismo de morte; para este autor, Narciso seduz e chama pela mãe-anima assassina.

Stein (*apud* BRANDÃO, 2009b) compreende o mitologema de Narciso como tabu contra a vaidade; ele alerta para o lado patológico da reflexão, da patologia do instinto de reflexão, que pode trazer complexidade e enriquecimento psíquico. A patologia é um potencial instintivo e se expressa pelo domínio que um instinto exerce sobre os outros. No caso de Narciso, o instinto de reflexão patológico domina e impossibilita a atuação, a sexualidade e novos impulsos e pensamentos.

O autor afirma também que o amor de Narciso é puramente projetivo, porque o que ele ama é um aspecto inconsciente de si. Para ele, o mito mostra a implicação entre amor e projeção, não podendo haver amor onde não há projeção:

O amor-paixão é a experiência na qual o sujeito projeta uma parte dele mesmo (a imagem da alma) no objeto amoroso, e espera desesperadamente se unir a ele. O objeto de amor, em contrapartida, reflete os sentimentos do sujeito. A perspectiva do mito mostra que o amor apaixonado é um amor impossível, pois está baseado na projeção e se alimenta da ilusão. De acordo com este ponto de vista, os atributos específicos do objeto amoroso não são importantes, desde que a sua realidade seja capaz de refletir o inconsciente do sujeito que ama (CAVALCANTI, 2003, p. 67).

Podemos concluir que o narcisismo resulta de um distúrbio da relação primal cuja conseqüência é a falta de autoconhecimento e de discriminação ao longo do desenvolvimento da consciência. Estes dois aspectos levam o indivíduo a identificar-se com o Self em termos de onipotência e grandiosidade. Ele busca, no meio externo, constante confirmação para sua suposta grandiosidade. Quando não consegue, se desestrutura porque entra em contato com suas falhas. É importante, porém, frisar que o narcisismo não é, necessariamente, patológico. Todos nós temos feridas narcísicas. Uma forma não patológica do narcisismo é a tipologia, na qual o indivíduo busca, por meio da relação com o outro, um espelhamento ou uma complementação de si.

5 PSICOPATIA

No mercy for what we are doing
No thought to even what we have done
We don't need to feel the sorrow
No remorse for the helpless one
(Metallica, No remorse, 2009c).²

5.1 A Psicopatia por Robert Hare

A psicopatia, que já esteve a cargo da compreensão teológica, tem chamado cada vez mais a atenção de médicos, psicólogos e filósofos (GÜGGENBUHL-CRAIG, 1980). Hoje personagens psicopatas são cada vez mais comuns em filmes, livros, novelas e seriados. Recentemente, *Caminho das Índias*, uma novela da rede Globo focalizou a psicopatia tanto do ponto de vista do psicopata como do psiquiatra.

Robert Hare (1999) é um psicólogo canadense que estuda a psicopatia há mais de vinte e cinco anos. Ele desenvolveu uma ferramenta diagnóstica a que chama de *Psychopathy Checklist*, uma catalogação de sintomas que permite distinguir psicopatas de criminosos não psicopatas, sejam eles assassinos, estupradores, fraudadores, criminosos de colarinho branco, ou psicopatas socialmente adaptados.

Antes de discorrer sobre os sintomas descritos por Hare (1999), é importante frisar que, embora eles estejam fortemente associados pela mídia e pelo uso corriqueiro, psicopatia não implica, necessariamente, em criminalidade ou em loucura.

Para desfazer esta associação, alguns autores optaram pelo uso do termo *sociopatia*. Entretanto, esta mudança se refere também às origens e aos determinantes do quadro: para os autores que usam o termo *psicopatia*, o quadro tem origem biopsíquica, enquanto que para os autores que usam *sociopatia*, o quadro tem raízes sociais (GÜGGENBUHL-CRAIG, 1980).

A Associação Americana de Psiquiatria, em seu guia diagnóstico DSM-IV (*apud* HARE, 1999), acrescenta uma terceira denominação: o *transtorno de personalidade*

² Sem misericórdia pelo que estamos fazendo/ Nenhum pensamento compensa o que já fizemos/ Nós não precisamos sentir o pesar/ Sem remorso pelos desesperados.

antisocial, que consiste numa série de itens que descrevem desvios comportamentais, que a maior parte dos criminosos apresenta.

O diagnóstico de psicopatia de Hare (1999) envolve tanto desvios comportamentais como traços de personalidade. Assim, podemos supor que: a) nem todo criminoso é psicopata, b) que há muitos psicopatas que não são presos, embora tenham cometido crimes e c) há psicopatas que não são transgressores, porque conseguem, de alguma forma, se adaptar às regras sociais.

O termo *psicopatia* tem origem grega e significa sofrimento da alma (*psykhé* = alma; *pathos* = sofrimento). Hare (1999) a define como uma síndrome, isto é, um conjunto típico de traços. Para ele, psicopatas vivem “totalmente sem consciência e sem sentir qualquer coisa pelos outros, eles egoisticamente pegam o que querem e fazer o que querem, violando normas sociais e expectativas sem o menor sinal de culpa ou arrependimento” (p. xi, tradução nossa). O psicopata é:

uma pessoa auto-centrada, insensível e sem remorso, a quem falta empatia e habilidade de estabelecer relações emocionalmente calorosas com os outros, uma pessoa que funciona sem as amarras da consciência [...] o que falta nesta imagem são as qualidades que permitem ao ser humano viver em harmonia social (HARE, 1999, p. 2, tradução nossa).

De acordo com a lei, psicopatas são imputáveis, isto é, aptos a serem julgados, porque eles têm consciência do certo e do errado. Seus atos resultam de uma racionalidade fria e calculista, associada à inabilidade de tratar os outros como seres que pensam e sentem.

A maioria dos psicopatas atua sem matanças. Quando pensamos num psicopata, geralmente a imagem que nos vem é a de um assassino; esta associação nos torna mais vulneráveis à atuação de psicopatas que, por exemplo, se limitam às fraudes. Há, entretanto, um traço comum a todos eles: a inabilidade de se compadecer do sofrimento alheio, uma profunda inabilidade empática (HARE, 1999).

5.1.1 Histórico

Um dos primeiros psiquiatras a descrever a psicopatia foi Philippe Pinel (*apud* HARE, 1999), que relatou casos de “insanidade sem delírio” (p. 25, tradução nossa), que abrangem padrões de comportamento caracterizados por ausência de remorso e de amarras sociais. Estas pessoas, entretanto, eram diferentes de outros criminosos. Hare (1999) e Guggenbühl-Craig (1980) afirmam que a psicopatia já foi considerada como um sinal de insanidade moral, ou seja, a psicopatia seria uma falha na moral do indivíduo.

Segundo Clerkley (*apud* HARE, 1999), o psicopata desconhece e é incapaz de entender os valores alheios e é indiferente à felicidade e ao sofrimento do outro, seja na vivência de contatos pessoais, seja na vivência de contato com a ficção em geral, e à reação dos outros às próprias experiências, embora ele saiba discorrer sobre as experiências alheias. É como se ele entendesse o significado semântico, mas não o emocional do mundo afetivo.

5.1.2 O Diagnóstico

A *Psychopathy Checklist* é uma ferramenta diagnóstica que permite identificar um psicopata, sem confundir, ou confundir com riscos mínimos, psicopatia com desvio de comportamento social ou crime.

Hare (1999) divide os sintomas em duas categorias: os sentimentos e as relações na primeira, e o estilo de vida na segunda. Antes de descrever os sintomas, é importante frisar que a presença de somente alguns destes sintomas não preenche os requisitos da psicopatia. O que segue não deve ser base clínica única para um diagnóstico, mas se trata de características psicopáticas.

Categoria 1: os sentimentos e as relações

a) Loquacidade e superficialidade.

Muitos psicopatas são bem-falantes, espertos e aparentam ser sociáveis. Hare (1999) afirma que bons observadores ou observadores treinados vêem no psicopata um ator. Comumente, eles tentam se apresentar como bons conhecedores de algo – embora raramente conheçam em profundidade o assunto – e apresentam pouca ou nenhuma preocupação em serem desmascarados.

b) Egocentrismo e grandiosidade

Psicopatas têm uma visão de si inflada, narcísica e super-valorizada; consideram-se o centro do universo e não se sujeitam às leis sociais porque são especiais o suficiente para terem as próprias leis. Sua grandiosidade e pomposidade geralmente aparecem de forma teatral (HARE, 1999).

Eles sentem necessidade de diminuir e dominar o outro, principalmente porque o outro não tem relevância para ele.

Psicopatas normalmente escolhem objetivos além de suas possibilidades e desconsideram o meio de alcançar tais objetivos (HARE, 1999).

c) Falta de remorso e culpa

Psicopatas demonstram desconsideração assustadora pela devastação decorrente de seus atos. Sua falta de remorso está geralmente associada à racionalização do comportamento e à indiferença quanto à responsabilidade por seus atos. Eles normalmente tentam justificar seu comportamento, acreditando que sua justificativa é suficiente, ou simplesmente ignoram o que aconteceu. Eles podem, também, considerar o que fazem com suas vítimas como um favor ou se colocar como vítimas (HARE, 1999).

Guggenbühl-Craig (1980) afirma que introjetamos uma moral social, que ele define como a tentativa do ego de regulamentar as relações com os outros e com o mundo para alcançar paz e harmonia. O que ocorre com muitos psicopatas é que eles não se identificam com esta moral; isto os afasta dos outros, donde eles se sentem “sozinho[s], não compreendido[s] e rejeitado[s]” (p. 97, tradução nossa). Alguns psicopatas, como alguns indivíduos não psicopatas, sentem-se culpados por serem muito diferentes dos outros, enquanto outros psicopatas culpam os outros, o ambiente, enfim, o exterior, por seus atos.

d) Falta de empatia

Muitos sintomas da psicopatia, para Hare (1999), estão associados à ausência de empatia, embora o psicopata possa fingir ser empático. Ademais, psicopatas vêem os outros como meros objetos de gratificação.

A falta de empatia do psicopata é diferente da des-sensibilização pela qual, os médicos, por exemplo, passam porque ela é restrita a um grupo específico, dentro de um contexto específico. Enquanto os médicos exercitam para se afastar emocionalmente dos outros para poder cuidar melhor deles, os psicopatas não conseguem se aproximar emocionalmente dos outros.

Psicopatas são indiferentes à dor e ao sofrimento alheios. Hare (1999) afirma que, quando eles têm uma relação mais próxima com a própria família, é porque a consideram como sua posse.

e) Enganador e manipulador

“Mentir, enganar e manipulação são talentos naturais para psicopatas” (HARE, 1999, p. 46, tradução nossa). Quando confrontados com suas mentiras, eles raramente se perturbam; na verdade, eles continuam a falar tentando mudar os fatos, para que fiquem mais convincentes, o que resulta num discurso incoerente e confuso. Psicopatas sentem orgulho de suas mentiras e não se importam em serem reconhecidos como mentirosos.

f) Emoções rasas

Psicopatas sofrem de pobreza emocional, que limita tanto a extensão quanto a profundidade dos sentimentos. O que poderia parecer expressão de sentimento normalmente vem carregada de dramatização. Observadores cuidadosos notam que, por trás do desempenho, as emoções são extremamente superficiais. Testes laboratoriais com psicopatas indicam ausência de respostas fisiológicas normalmente associadas ao medo e à punição³, poderosos motivadores – ou desmotivadores – de determinados comportamentos para a maioria das pessoas. “[É] a consciência emocional das conseqüências que nos impele a tomar determinado curso de ação. Mas não com psicopatas; eles meramente especulam sobre isso, talvez sabendo o que pode acontecer, mas não se importando com isso” (HARE, 1999, p. 54, tradução nossa).

Sintomas de desvio social

a) Impulsividade

Psicopatas são pouco propensos a pensar em prós e contras ou de prever as conseqüências de suas ações. A impulsividade dos psicopatas decorre da sua necessidade de satisfação, prazer ou alívio imediatos (HARE, 1999). Assim, psicopatas mudam constantemente de planos e não pensam no futuro ou na vida.

b) Pobre controle comportamental

Psicopatas têm controle inibidor pouco eficiente, perceptível por suas reações intensas. Isto os torna mais suscetíveis a reagir de forma bruta e, muitas vezes, violenta, à frustração, à disciplina e ao fracasso. Porém, seus “estouros” duram pouco. Embora os psicopatas tenham pavio curto, após o descontrole eles retomam o controle. Falta a eles a comoção emocional contínua diante de um momento de raiva. O acesso tempestivo de raiva, para eles, é uma forma normal de responder a uma provocação (HARE, 1999).

³ Hare (1999) não fala sobre os testes, mas podemos imaginar que *plugs* são ligados aos colaboradores da pesquisa para medir suas reações fisiológicas diante de situações que provocam medo e punição.

c) Necessidade de agitação

Psicopatas sentem necessidade de viver o limite do perigo. A outra faceta desta busca constante por ação é a intolerância à rotina e à monotonia, já que psicopatas ficam facilmente entediados (HARE, 1999).

d) Falta de responsabilidade

Compromissos e obrigações não fazem sentido para um psicopata. Sua irresponsabilidade e inseqüência estão presentes em todos os aspectos de sua vida.

e) Problemas comportamentais precoces

A maioria dos psicopatas apresenta desvios comportamentais desde cedo, embora esta característica não seja exclusiva da psicopatia.

f) Comportamento antissocial no adulto

Para os psicopatas, regras e expectativas sociais são inconvenientes e sem sentido, além de empecilho para a satisfação de seus desejos e necessidades (HARE, 1999).

5.1.3 A diferença na socialização

A sociedade tem diversas regras, implícitas e explícitas, sobre o que é certo e errado. Estas regras nos protegem tanto enquanto indivíduos quanto enquanto grupo; exemplos de fatores de manutenção da ordem são: medo da punição, conceitos filosóficos ou teológicos do que é bom e do que é mau, necessidade de cooperação e de harmonia social e empatia.

A socialização, processo de aprendizagem das regras da sociedade, é um processo complexo, com início na família, que passa pela escola e por muitas experiências ao longo da vida. Faz parte da socialização, o desenvolvimento da voz interna, que nos diz o que é certo e o que é errado. Assim, formamos um policiamento interno que pode, por vezes, substituir o externo.

Para os psicopatas, entretanto, as experiências pertinentes ao policiamento interno não têm o mesmo efeito. Eles conhecem as regras, mas seguem tão somente aquelas que lhes interessam, preocupando-se apenas consigo próprios. Eles têm baixa resistência à tentação, e suas transgressões não geram culpa, o que lhes permite manter comportamentos antissociais (HARE, 1999).

Embora ainda não conheçamos as razões deste comportamento, Hare (1999) levanta algumas hipóteses:

a) psicopatas raramente têm respostas emocionais, como medo e ansiedade, alicerces para a socialização.

Na infância, as punições causam ansiedade, o que, eventualmente, restringe alguns atos. Porém, a associação entre o proibido e a ansiedade é muito fraca nos psicopatas e, assim, a ameaça de punição raramente os detém. A fixação na auto-satisfação parece impedir o psicopata de pensar em conseqüências e em possíveis punições.

b) seu diálogo interno não tem tom emocional.

c) psicopatas são incapazes de prever e prevenir conseqüências. Recompensas concretas pesam muito mais do que imaginar possíveis conseqüências.

Porém, psicopatas não são totalmente indiferentes a todas as regras sociais. Eles são apenas, segundo Hare (1999, p. 78, tradução nossa), “mais livres que o resto de nós para escolher as regras e restrições às quais vão aderir”. Para nós, basta imaginar o que determinado comportamento pode representar para os outros, porque nos é fundamental sermos vistos como pessoas com as quais os outros podem contar.

Para o psicopata, entretanto, optar por uma conduta depende apenas da relação esforço-recompensa, sem passar pelas conseqüências. Psicopatas tendem a viver o agora, procurando gratificação imediata, sem preocupação com o depois ou com a conseqüência do que fazem.

Hare (1999) levanta um ponto importante: muitas vezes pensamos no psicopata como uma pessoa com aparência desagradável; mas eles são hábeis em assumir roupagens de pessoas social ou profissionalmente importantes e, por isso, conquistam a confiança dos outros. Isso, como pensar em psicopatas apenas como assassinos, facilita sua atuação.

5.1.4 O cérebro e os psicopatas

Normalmente, cada hemisfério cerebral tem sua função própria e é a atuação conjunta dos hemisférios que nos dá uma imagem o mais completa possível da realidade (HARE, 1999). Para compreendermos melhor as informações sobre o funcionamento cerebral dos psicopatas, segue uma pequena explanação sobre o cérebro humano.

O córtex cerebral é a parte mais externa do cérebro dos mamíferos, e o que diferencia o córtex humano do de outros mamíferos é a espessura: a espessura do primeiro é o dobro da espessura do córtex de outros mamíferos e, acredita-se, que exerça o dobro de função também (TAYLOR, 2008).

O córtex divide-se em dois hemisférios, o direito e o esquerdo, que se comunicam pelo corpo caloso: um feixe de neurônios que transmite a informação

eletro-química de um hemisfério para o outro. Os hemisférios processam uma mesma informação de forma distinta, gerando, quando atuam conjuntamente, uma percepção única do mundo.

Anatomicamente, o córtex cerebral é semelhante em todos os seres humanos. Porém, em termos de funcionamento, isto é, das redes neuronais que são desenvolvidas ao longo da vida, cada córtex é único. São estas redes que, em termos puramente orgânicos, nos tornam indivíduos singulares.

As camadas mais superficiais/superiores⁴ – e de formação mais recente – do córtex estão relacionadas a nossa capacidade de pensar linearmente e em sistemas abstratos e simbólicos. As camadas mais profundas/inferiores, semelhantes às dos outros animais, constituem as células do sistema límbico, que funciona com a adição de uma informação adquirida pelos sentidos ou por um afeto ou uma emoção. Esta parte do cérebro é conhecida como *cérebro réptil* ou *cérebro emocional*. Nos recém-nascidos, as células do sistema límbico se ligam a estímulos sensoriais e, embora este sistema funcione ao longo de toda a vida, ele não amadurece. Assim, “quando nossos ‘botões’ emocionais são pressionados, guardamos a habilidade de reagir à estimulação como se fôssemos crianças de dois anos de idade, mesmo que sejamos adultos” (TAYLOR, 2008, p. 197). Quando analisamos o mesmo estímulo com as células do córtex superior, somos capazes de pensar e de escolher respostas mais maduras e adequadas.

A informação sensorial chega ao sistema límbico e aí é processada. Quando a mensagem química chega ao córtex superior, já foi adicionado um sentimento ao estímulo. É por isso que Taylor (2008) considera o ser humano como uma *criatura sensível que pensa*, e não uma *criatura pensante que sente*.

O estudo da diferença entre os hemisférios, as assimetrias hemisféricas, é muito antigo: o primeiro a considerar que cada hemisfério teria uma vida própria foi Meinard Simon Du Pui, em 1780. Desde então, as assimetrias hemisféricas têm sido largamente estudadas. Uma das primeiras descobertas a respeito destas assimetrias é que um cérebro cujos hemisférios estão normalmente conectados funciona de forma

⁴ Os termos “superior” e “inferior” se devem à localização e não ao funcionamento.

complementar; porém, quando cirurgicamente desconectados, os hemisférios funcionam de forma independente, quase como pessoas autônomas. Estudos atuais, independentes de procedimentos cirúrgicos invasivos e, muitas vezes, debilitantes, comprovam a complementaridade das assimetrias hemisféricas. É importante ter em mente que termos hemisférios que processam a mesma informação de forma distinta aumenta a nossa capacidade de experienciar e conhecer o mundo de forma mais completa (TAYLOR, 2008).

O hemisfério direito – responsável pelo controle do lado esquerdo do corpo – processa as informações de forma paralela. A cada momento, o hemisfério direito forma cenas do momento presente: ele nos dá a idéia do espaço a nossa volta e da nossa relação com este espaço no momento imediato. É ele o responsável por lembranças específicas de momentos marcantes. “O hemisfério direito é projetado para lembrar coisas que se relacionam umas às outras” (TAYLOR, 2008, p. 209). Nas cenas montadas pelo hemisfério direito, os contornos são suavizados e a cena pode ser sentida como um todo, sempre no presente.

O hemisfério esquerdo – que controla o lado direito do corpo – processa a informação de forma seriada, tomando cada cena do hemisfério direito numa sucessão temporal. Posteriormente, o hemisfério esquerdo compara os detalhes de cada cena de forma linear e metódica, gerando uma informação de tempo que pode ser dividido em passado, presente e futuro. Este tipo de informação nos permite organizar os fatos numa cadência temporal. O hemisfério esquerdo focaliza os detalhes, que ele define e categoriza. É essa sua propriedade que também permite a organização das palavras para o indivíduo se comunicar, interna ou externamente, e a descrição das partes de um todo.

É no lado esquerdo do cérebro que se localiza o centro de linguagem, que nos permite dizer “eu sou” e que nos lembra constantemente de quem somos. É aí o “lar do centro do ego” (TAYLOR, 2008, p. 212) e, também, do centro do julgamento crítico e da análise dos estímulos, segundo as categorias aí desenvolvidas. O hemisfério esquerdo também está relacionado às respostas automáticas a estímulos iguais ou semelhantes, que poupam tempo de processamento de informação, criando padrões de respostas para determinados tipos de estímulo.

Um exemplo do funcionamento conjunto dos hemisférios com suas assimetrias complementares é a linguagem: enquanto o esquerdo relaciona uma palavra a uma representação, de forma que a sentença faça sentido, o direito processa a informação não verbal e de contexto. É a associação destas informações que nos permite perceber congruências e incongruências num discurso.

Vale, aqui, um pequeno adendo sobre possíveis danos nos hemisférios: devido à plasticidade do cérebro, atividades antes desenvolvidas por uma porção específica de um dos hemisférios pode ser transferida para outra porção do mesmo ou do outro hemisfério. Quanto mais precocemente este dano se dá, maior a capacidade do cérebro de reorganizar seu funcionamento.

Podemos associar as estruturas corticais e os hemisférios às funções da consciência da seguinte forma: córtex inferior – sentimento; córtex superior – pensamento; hemisfério direito – intuição e; hemisfério esquerdo – sensação.

O que Hare (1999) considera uma característica cerebral dos psicopatas, embora não somente deles, é que o centro de linguagem é bilateral, ou seja, está em ambos os hemisférios. Isto pode estar relacionado à não percepção das contradições: a informação não se concentra num único hemisfério e sua passagem constante de um hemisfério para o outro é contraproducente.

Psicopatas parecem conhecer o valor semântico das palavras, mas desconhecem seu valor emocional. É como se a linguagem não tivesse profundidade emocional. Ao psicopata falta a experiência emocional que ele compensa pelo falar no lugar de sentir. Muitas vezes eles atentam às reações alheias, que lhes servem de dicas ou guias para um comportamento adequado, quando isso lhes interessa (HARE, 1999).

Mas, se o discurso do psicopata é contraditório, como eles conseguem iludir? Para Hare (1999), a resposta é simples: psicopatas tendem a encenar muito bem suas mentiras e contradições e os ouvintes se atêm muito mais à forma de expressão do que ao conteúdo. Aqui, já podemos começar a entender a facilidade do psicopata em trapacear, fraudar, enganar e manipular as pessoas.

E, se a linguagem nos psicopatas é distribuída nos dois hemisférios cerebrais, então é possível que outros processos mentais, normalmente controlados por um só hemisfério, também sejam bilaterais. Pesquisas recentes mostram que nenhum dos hemisférios controla o processamento emocional nos psicopatas: estes processos são divididos e sem foco, o que pode ser causa de sua vida emocional superficial (HARE, 1999).

Uma vez que foram detectadas diferenças no funcionamento cerebral dos psicopatas é de se perguntar se eles devem continuar sendo considerados imputáveis. Para Hare (1999), sim, porque eles compreendem as regras sociais e poderiam controlar seu comportamento ou mesmo prever as conseqüências, mas isso parece não detê-los. Entretanto, a imputabilidade ou inimputabilidade de psicopatas, tanto quanto o próprio diagnóstico, ainda são passíveis de discussão.

5.1.5 As causas

Hare (1999) afirma que, ainda na infância, já há sinais de psicopatia, até porque, não é possível que ela apareça magicamente na maturidade. Embora ainda não haja consenso quanto à origem da psicopatia, há algumas teorias, que variam entre uma causa estritamente biológica e uma causa estritamente social.

Explicações biológicas

Pesquisas que apontam para bases biológicas e genéticas de diversos comportamentos deram origem a algumas teorias sobre a psicopatia (HARE, 1999).

A sociobiologia é uma nova área do conhecimento que defende a psicopatia não como um distúrbio psiquiátrico, mas sim como uma estratégia reprodutiva. Ela parte do pressuposto de que seres vivos têm como uma das funções principais a reprodução, que pode se dar de duas formas: a) ter uma cria pequena, da qual os pais podem cuidar com dedicação, tornando-a apta a sobreviver, e b) ter uma cria grande, na esperança de que, mesmo sem os devidos cuidados, parte da cria consiga sobreviver.

Para a sociobiologia, os psicopatas se encontram no extremo da segunda forma. Seu comportamento seria uma forma extrema de reprodução compulsiva: “[e]les reproduzem tão freqüentemente quanto possível e empregam pouca energia com o bem-estar da sua cria. Desta forma, eles propagam seus genes com pouco ou nenhum investimento pessoal” (HARE, 1999, p. 166, tradução nossa). Este comportamento é, porém, inconsciente.

Homens psicopatas que não são muito requisitados por mulheres, usam de manipulação para conseguir o que pretendem. Mulheres psicopatas também procuram maior número possível de relações sexuais com tantos homens quanto possível, ignorando o bem-estar da criança que nasce, geralmente em favor de novos encontros sexuais.

Embora tenha alguns adeptos, a teoria sociobiológica é de difícil comprovação científica. Podemos considerar que, embora o raciocínio seja coerente, ele não abarca todo o espectro comportamental da psicopatia.

Outra teoria é a de que o cérebro do psicopata tem um desenvolvimento anormalmente lento. Ela se baseia em dois dados: a) o pareamento de ondas cerebrais de adultos psicopatas e adolescentes normais e b) a persistência, no psicopata, de comportamentos infantis, como o egocentrismo, o egoísmo, a impulsividade e a dificuldade ou falta de vontade de adiar gratificação. Esta conjunção revelaria que a psicopatia nada mais é do que desenvolvimento retardado. Hare (1999), de sua parte, afirma que a freqüência das ondas cerebrais destes estudos são semelhantes às ondas cerebrais que indicam tédio. Quanto ao “comportamento infantil” dos psicopatas, o

autor afirma que dificilmente se confunde o comportamento de uma criança de 10 anos com o de um psicopata.

A nosso ver, mesmo que as ondas cerebrais dos psicopatas observados não sejam de tédio, ainda não há meio de comprovar que o desenvolvimento tardio resulte na psicopatia e não o oposto. Esta dificuldade de apreender a relação entre dados se explicita neste exemplo de Bleuler, também sobre psicopatia (*apud* GÜGGENBUHL-CRAIG, 1980, p. 60, tradução nossa):

quando criança, o psicopata pode se relacionar com sua mãe apenas até certo ponto e pode, por isso, ser rejeitado por ela. Ele não se torna um psicopata porque sua mãe o rejeita, mas sim o contrário: ele é rejeitado porque ele é um psicopata, porque algo nele repele o ambiente.

Outra teoria biológica compreende a psicopatia como resultado de uma lesão ou de uma disfunção cerebral precoce, especialmente no lobo frontal do neo-córtex, principal responsável pelas atividades mentais e de controle de comportamento. Esta teoria tem por base a comparação entre o comportamento de psicopatas e de indivíduos com lesões no lobo frontal, cujos sintomas incluem pobre planejamento de ação, baixa tolerância à frustração, emoções rasas, irritabilidade e agressividade, comportamento inadequado e impulsividade. Porém, pesquisas recentes não demonstram lesões cerebrais em psicopatas. Ainda assim, muitos pesquisadores mantêm a hipótese de relação entre comportamento psicopático e disfunção do lobo frontal.

Tendo em mente a função do lobo frontal, supomos que pode haver relação entre disfunção do lobo frontal e comportamentos psicopáticos.

Explicações sociais

Hare (1999) afirma que, embora condições sociais desfavoráveis, abandono, negligência e abuso na infância possam contribuir para o desenvolvimento, se assim podemos falar, da psicopatia, estas condições não podem ser consideradas como causa principal. Estes fatores podem estar relacionados à síndrome, mas como nem todo indivíduo que passa por uma ou mais destas situações se torna um psicopata e como há psicopatas que não passam por elas, não é possível considerar as condições sociais como origem da psicopatia.

A explicação combinada

Compartilhamos do modelo que Hare (1999) propõe: a psicopatia emerge de uma combinação complexa de fatores psicobiológicos e sociais. O autor afirma que há, hoje, bases empíricas que permitem relacionar fatores genéticos, funcionamento

cerebral e estrutura básica da personalidade; esta relação, entretanto, não é rígida nem imutável. Os fatores sociais entrariam como um molde para o que é biologicamente dado: “fatores sociais e práticas parentais ajudam a formar a expressão comportamental da desordem [psicopatia], mas têm menos efeito na inabilidade empática ou no desenvolvimento da consciência do indivíduo” (HARE, 1999, p. 174, tradução nossa).

5.2 A psicopatia pela Psicologia Analítica

Nosso levantamento bibliográfico traz poucas referências da psicopatia sob a perspectiva da Psicologia Analítica, sendo Guggenbühl-Craig (1980) o único autor com perspectiva psicodinâmica da psicopatia nesta abordagem teórica. Para ele, a psicopatia é uma forma de invalidez psíquica e se trata de um caráter nato ou congênito que conduz a dificuldades sociais e sofrimento pessoal. Para ele, “[n]ão é a ação que torna uma pessoa psicopata, mas sim sua relação com ela” (p. 46, tradução nossa).

5.2.1 A invalidez como arquétipo

Guggenbühl-Craig (1980) discorre sobre o padrão de incapacidade de cura como algo arquetípico, o que dá origem ao que ele chama de arquétipo do inválido. Ele busca, nas personificações míticas e culturais, aspectos do arquétipo do inválido.

Embora na mitologia grega os deuses se aproximem da perfeição, podemos falar de dois personagens que estão mais distantes: Hefesto e o herói Aquiles. Entretanto, “toda a mitologia germânica parece ser assombrada pela atmosfera de maus presságios” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 15, tradução nossa), sendo povoada de personagens inválidos. Outras mitologias, tais como a mexicana e a indiana, retratam seus deuses como grotescos e deformados, sendo encontrado o mesmo nas culturas pré-históricas. Símbolos do arquétipo do inválido que aparecem na cultura, principalmente por meio das artes, são os piratas, que não têm uma mão, uma perna e/ou usam um tapa-olho e Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame.

A constelação deste arquétipo pode ser frutífera porque ele contra-ataca a inflação egóica, ao cultivar a modéstia: a invalidez é um constante confrontar-se com as próprias limitações.

5.2.2 Eros

A constelação dos aspectos positivos ou negativos de um arquétipo depende da sua associação com Eros, deus grego do amor, que entendemos dentro da amplitude de vínculos emocionais. “É Eros que faz dos deuses – dos arquétipos – amáveis,

criativos e envolvidos” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 27, tradução nossa). Eros é uma força que une elementos do mundo, pessoas e arquétipos.

O mesmo ocorre com o arquétipo do inválido: associado a Eros, ele evoca ajuda, abertura e modéstia e não se prende em jogos de competição porque reconhece suas próprias limitações; sem Eros, o indivíduo se torna tirânico, terrível e chato, cheio de ódio, procurando compensar sua invalidez dominando os outros. A experiência do ego depende da presença ou da ausência de Eros (GÜGGENBUHL-CRAIG, 1980).

Porém, não podemos nos enganar acreditando que só a presença de Eros pode tornar o mundo mais belo. Muito das comédias e tragédias, felicidade e sofrimento vêm de conflitos e confusões que Eros provoca: “[a]mar alguém ou algo leva a sofrimento, conflito, problemas e frustrações [...] mas também à felicidade e à satisfação” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 28, tradução nossa).

A relação entre os arquétipos, pouquíssimo estudada, tem um papel fundamental na compreensão do comportamento humano, e a presença ou ausência e a qualidade de uma relação entre os arquétipos constelados determinam o caráter e o destino de um indivíduo; relação esta que dependerá de Eros (GÜGGENBUHL-CRAIG, 1980).

Estudos na Psicologia Analítica levam a crer que qualquer comportamento mais acentuado acontece pela maior ou menor influência de um determinado arquétipo. O que não se sabe é por que um arquétipo influencia mais um indivíduo do que outro, ou por que Eros se apresenta para alguns indivíduos e não para outros, os eroticamente inválidos. Neste sentido, a psicopatia é uma forma de invalidez de Eros: “se Eros é visto como o fator que constitui qualquer arquétipo [...] criativo, humano e positivo, o que ocorre quando o *locus* da invalidez é o próprio Eros?” (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1980, p. 29, tradução nossa). Assim, psicopatas sofreriam de uma falta de Eros, que se expressaria por dificuldades nas relações interpessoais, podendo sofrer e fazendo sofrer. Porém, em alguns casos, estas dificuldades não são aparentes porque estes indivíduos se relacionam com outros por meio da manipulação. “Onde falta Eros, manipulação, controle, dominação e intriga tomam conta” (p. 80, tradução nossa).

Os outros sintomas da psicopatia, como ausência ou deficiência no senso de moralidade, a falta de desenvolvimento psíquico, a falta de *insight*, a capacidade de evocar sentimento de pena ou de raiva, o charme, os comportamentos criminosos ou associais e o tédio são, para Guggenbühl-Craig (1980), conseqüência da ausência de Eros.

Para compreender a psicodinâmica da psicopatia é importante, a nosso ver, pensar em três das características descritas aqui: a inseqüência, a manipulação e a ausência de Eros, compreendida como falta de empatia/incapacidade de formar vínculo

afetivo. Estes três aspectos, juntos, formam uma ameaça social, visto que psicopatas, em não se importando com os outros, manipulam para conseguirem o que querem. Como, muitas vezes, a pessoa manipulada demora a perceber que é vítima, o psicopata consegue o que quer com grande freqüência. A pequena porcentagem de psicopatas que são descobertos, pegos e/ou presos constitui um grande reforçador para este ciclo comportamental.

Outro ponto importante é a dimensão simbólica dos psicopatas. Segundo Hare (1999), o psicopata não aprofunda sua compreensão ao nível afetivo-emocional, permanecendo na compreensão superficial. É de se perguntar se os psicopatas têm qualquer tipo de contato com seu mundo interno e, portanto, se são capazes de assimilar a noção de símbolo, de assimilar um símbolo ou qualquer elemento mais abstrato, no nível afetivo-emocional.

De certa forma, esta sua característica se assemelha a uma das características de indivíduos que sofreram lesão cerebral no centro de linguagem do hemisfério direito. Nestes casos, afirma Taylor (2008), o indivíduo perde a capacidade de acompanhar o contexto de uma conversação. A autora cita o seguinte exemplo: se, num jogo de vinte-e-um (Black Jack), o jogador falar “me acerta” (“hit me”), o indivíduo com esta lesão vai entender que o jogador quer que alguém bata nele quando, na verdade, ele está pedindo mais uma carta.

Com isso, podemos supor que o psicopata fique preso, ou talvez não consiga transpor o literal e o superficial, da mesma forma que não vê o outro como válido e não se coloca em seu lugar. Outro ponto que podemos levantar é que esta característica também favorece a hipótese de que há alterações no funcionamento cerebral dos psicopatas, embora não saibamos se as alterações é que levam à psicopatologia, ou se é a psicopatologia que leva a alterações cerebrais ou se as alterações são a própria psicopatologia.

6 TRAUMA PRECOCE

Was he the one causing pain
With his careless dreaming?
Been afraid, always afraid,
Of the things he's feeling.⁵
(Metallica: The Unforgiven III, 2009a)

Kalsched (2004) entende por trauma precoce qualquer experiência que seja sentida pela criança como dor ou ansiedade psíquica insuportável, isto é, que ultrapassa sua capacidade de se defender deste estímulo.

A principal diferença entre um trauma precoce e um trauma “tardio” é que, no primeiro, o fenômeno ocorre antes da formação e/ou da estruturação do ego que, portanto, não tem como se defender. Nestes casos, entra em cena o arcaico sistema de defesa do Self, cujo objetivo é prevenir qualquer recorrência de trauma. O que este mecanismo de defesa faz é dissociar a memória do trauma como forma de proteger o ego e, em última instância, o próprio Self.

A violação do núcleo interno da personalidade [Self] é *impensável*. Quando outras defesas falham, defesas arquetípicas farão qualquer coisa para proteger o Self – até mesmo matar a personalidade hospedeira na qual o espírito pessoal é acolhido (suicídio) (KALSCHED, 2004, p. 3, tradução nossa, grifo do autor).

Os componentes normalmente integrados de uma experiência incluem elementos mentais, somáticos e uma dimensão misteriosa de significado que se associa a um espírito – o espírito pessoal, a essência de cada um -, que reside no centro de qualquer ser saudável. Este espírito parece ser profundamente danificado com o trauma. Nos sonhos de indivíduos traumatizados precocemente, a parte ainda preservada do espírito pessoal geralmente aparece como um elemento inofensivo e vulnerável (KALSCHED, 2004).

⁵ Era ele quem causava dor/ Com seu sonhar descuidado?/ Com medo, sempre com medo/ Das coisas que sentia.

6.1 A dissociação como alternativa

A reação normal da psique após um trauma é retirar-se da cena do ocorrido. Porém, se esta retirada não é possível, como é comum nos casos de trauma precoce, a saída é a divisão do ego, a dissociação, mecanismo de defesa da psique contra eventos excessivamente traumáticos. “Dissociação é um truque que a psique realiza em si mesma [que] permite que a vida continue pela divisão da experiência insuportável, distribuindo-a em diferentes compartimentos da mente e do corpo, especialmente [em seus] aspectos ‘inconscientes’” (KALSCHED, 2004, p.13, tradução nossa), o que leva à desintegração da unidade da consciência.

O processo de dissociação envolve um forte ataque de uma parte da psique a outras. Agressão e mecanismos de defesa estão intimamente ligados: a energia para a dissociação vem da energia agressiva da psique. Desta forma, a vida é possível após um grande trauma, mas a um alto custo interno (KALSCHED, 2004).

Defesas arquetípicas salvaguardam a existência, mas seu preço é a individuação. O que ocorre nestes casos é que, como há dissociação da experiência do eu, é impossível para o ego, no processo de individuação, integrar os aspectos reprimidos. Porém, segundo Kalsched (2004), esta força desintegrativa não deve ser atribuída à sombra pessoal ou à resistência a entrar em contato com a sombra; ela pertence a um nível muito mais primitivo do desenvolvimento egóico, estando relacionada à sombra arquetípica, o lado mau e diabólico do Self. É importante frisar que, embora de forma ruim, esta força diabólica tem por objetivo resguardar uma parte da psique de outros possíveis traumas.

6.2 O sistema de auto-cuidado

Quando há trauma na psique infantil, a consciência se fragmenta em partes que se organizam geralmente em díades segundo padrões arcaicos: uma parte regride para a infância, enquanto a outra progride para a vida adulta precocemente, até porque, muitas vezes, cuida da parte regressiva.

Nos sonhos, a parte regressiva aparece como uma figura vulnerável, enquanto a parte progressiva aparece como uma figura poderosa que pode tanto proteger quanto perseguir a figura vulnerável. Juntos, estes elementos formam o sistema arquetípico de auto-cuidado da psique. Em condições normais do desenvolvimento individual, este sistema auxilia no processo de auto-regulação. Porém, quando a psique se organiza em torno de um trauma, o sistema passa a ser o organizador das relações entre ego e mundo externo, transformando defesa contra outros traumas em resistência às expressões egóicas espontâneas (KALSCHED, 2004).

A função do sistema de auto-cuidado é proteger o ego, independente da brutalidade ou da intensidade do trauma. Mas este sistema pode, por vezes, ser superprotetor e desencadear um isolamento da realidade. Apesar da boa intenção desta função defensiva, ela “não aprende nada sobre o perigo real enquanto a criança cresce [...] Cada nova oportunidade na vida é erroneamente vista com uma ameaça perigosa de novo trauma e é, portanto, atacada”, tornando-se uma força anti-vida (KALSCHED, 2004, p. 5, tradução nossa).

Para Kalsched (2004, p. 17, tradução nossa), a “atividade auto-reguladora, então, como o sistema de auto-cuidado da psique, [é] análoga ao sistema imunológico do corpo”. Analogamente a corpos estranhos em nossos organismos que precisam ser metabolizados, afetos intensos que venham de fora da psique também devem ser metabolizados, mas por processos simbólicos para, então, serem integrados ao ego durante o desenvolvimento infantil. A dinâmica, nestes casos, funciona da seguinte forma: “elementos ‘não-eu’ da experiência devem ser distinguidos de elementos ‘eu’ e devem ser rejeitados agressivamente (exteriormente) e firmemente reprimidos (internamente)” (p. 17, tradução nossa).

Como o sistema imunológico, o sistema de auto-cuidado funciona por meio do ataque ao que considera um elemento perigoso ou desconhecido. Porém, para o indivíduo traumatizado, não é possível mobilizar agressividade para expelir elementos “não eu” da experiência, e, além disso, suas partes vulneráveis são vistas como elementos perigosos e, portanto, são atacadas. Estes ataques debilitam a esperança de relação positiva e levam o indivíduo a entrar cada vez mais num mundo fantasioso, onde ele se refugia de seus perseguidores e encontra figuras protetoras.

Da mesma forma que o sistema imunológico pode atacar o organismo que tenta proteger (doenças auto-imunes), o sistema de auto-cuidado pode se tornar um sistema de auto-destruição, tornando o mundo interno um pesadelo, com constantes perseguições e auto-ataques.

Um dos maiores efeitos colaterais da defesa dissociativa do sistema de auto-cuidado, junto com a fragmentação da experiência, é a aniquilação da essência do indivíduo. Isso significa atacar o vínculo entre afeto e experiência, percepção e pensamento, sensação e conhecimento. “O resultado é que a experiência é esvaziada de significado, a memória coerente se vê desintegrada e a individuação interrompida” (KALSCHED, 2004, p. 36, tradução nossa).

Em casos de trauma precoce, a mente deixa de dar significado às experiências exteriores e passa a impor o significado que teve a situação de trauma inicial. É esta a atuação do sistema de auto-cuidado, isto é, das defesas arcaicas do Self.

6.2.1 O aspecto diabólico do sistema de auto-cuidado

Com base em seus casos clínicos, Kalsched (2004, p. 2, tradução nossa) afirma que as “defesas arcaicas associadas ao trauma são personificadas como imagens demoníacas arquetípicas [, isto é,] imagens de sonhos associadas a traumas representam o auto-retrato da psique de suas próprias operações defensivas” e que estas imagens diabólicas “traumatiza[m] o mundo objetual interno para prevenir a re-traumatização no mundo externo” (KALSCHED, 2004, p. 14, tradução nossa). Entretanto, o efeito traumático não se resume a um fator externo, é necessário o fator psicológico que, causado pelo trauma, vai originar a separação da psique.

A figura diabólica interna [que aparece nos sonhos das vítimas de trauma psíquico precoce] normalmente é muito mais sádica e brutal que qualquer outro autor [do trauma], indicando que lidamos aqui com um fator *psicológico* solto no mundo interno pelo trauma – um agente traumatogênico arquetípico dentro da própria psique (KALSCHED, 2004, p. 4, tradução nossa, grifo do autor).

Na vida interna da vítima de trauma precoce encontram-se, então, personificações diabólicas do auto-ataque e do abuso, cuja intenção parece ser levar o indivíduo a constantes estados de desespero, angústia e terror, na mesma proporção em que o trauma foi vivenciado. Mas, por que a psique da vítima insiste em trazer à tona estados que lembram o trauma com tanta freqüência?

Para Kalsched (2004), há um início de resposta no significado original da palavra *diabólico* – do grego: *dia* (através) e *ballein* (atirar, jogar), ou seja, *jogar/atirar através de ou separar*, donde deriva *diabolos*: aquilo ou aquele que frustra, cruza ou desintegra. *Daimonic* (demoníaco, em inglês) vem de *daiomai*, cujo significado é dividir, e pode se referir a momentos em que a consciência se encontra dividida, ou seja, dissociada. Assim, a figura demoníaca personifica “as defesas dissociativas” nos casos em que o trauma precoce torna impossível a integração psíquica (p. 11, tradução nossa). O antônimo etimológico de *diabólico* é *simbólico*, que deriva de *símbolo* (*sym-ballein*, aquele que junta). Enquanto opostos, estes dois movimentos fazem parte da psique e são fundamentais na formação da consciência. Se balanceados, representam a homeostase psíquica, resultante do processo de auto-regulação.

Este aspecto diabólico pode ser facilmente considerado como algo puramente negativo. Entretanto, não podemos nos deixar levar apenas pela sua atuação; seu objetivo é nobre: proteger o espírito pessoal, a essência do indivíduo traumatizado, mesmo que, numa etapa posterior da vida, esta defesa se torne pouco ou mal-adaptativa.

6.2.2 O aspecto salvador do sistema de auto-cuidado

As fantasias positivas, criadas por muitas vítimas de trauma precoce, muitas vezes são sinais de cisão, psicopatologias ou defesas, porém, são estas mesmas fantasias que mantêm a integridade mínima do indivíduo, tanto física quanto psíquica. Uma das principais funções do Self é manter vivo o ego e, estando vivo, dar-lhe capacidade de sobreviver a acontecimentos, por meio de, por exemplo, invenções de mundos fantasiosos, que mantêm a esperança na vida. Porém, isso não é continuamente viável sem o auxílio da realidade e, geralmente, a adaptação ao mundo externo tem um alto custo quando o Self precisa resgatar o ego de situações externas de trauma.

Mesmo quando é o lado positivo das defesas arcaicas que aparece, elas não impedem o crescimento de demônios internos. Kalsched (2004) compara o lado positivo das defesas arcaicas à agricultura hidropônica: embora a planta esteja sempre verde, ela nunca cresce, ou seja, embora as fantasias sejam boas, elas não eliminam o trauma: servem, apenas, de fachada.

Quando a esperança de religação com a realidade (aspecto positivo) é desapontada, o aspecto negativo das defesas arcaicas surge, atacando o ego e os objetos internos. Parece estranho que, justamente num momento de grande vulnerabilidade, o Self ataque o ego de forma tão brutal. Este aspecto será explorado a seguir.

O trauma é um empecilho para o desenvolvimento individual, quer apareça o aspecto positivo quer apareça o aspecto negativo das defesas arcaicas. Isto porque, como o trauma é precoce, o ego não tem, ainda, estabilidade e estrutura suficiente para se defender, sendo necessárias as defesas arcaicas. O problema é que, possivelmente por serem arcaicas, estas defesas não conseguem distinguir situações perigosas de situações não perigosas, o que mantém o funcionamento anti-trauma ativo.

6.3 O desenvolvimento psíquico quando há trauma precoce

No processo de formação da consciência e da identidade, há oscilação de situações opostas, como conforto e desconforto, que, aos poucos, possibilitam a formação do ego e dos objetos internos, cujas representações tendem a se estruturar como opostos, suscitando afetos opostos. Em sua forma original, afetos são primitivos e arcaicos, como explosões, que logo dão espaço para seu oposto. Afetos negativos tendem a desintegrar a psique, enquanto os positivos têm o efeito de integrar estes mesmos elementos, restaurando o equilíbrio homeostático da psique.

A capacidade de mediação, no início da vida, é totalmente vivenciada por meio da mãe ou da figura cuidadora, que funciona como um metabolizador externo da experiência infantil. Como vimos anteriormente, é por meio do espelhamento da figura cuidadora que a criança pode conhecer a si e ao mundo, buscando, constantemente, o equilíbrio. Assim, aos poucos, a criança começa a desenvolver um ego capaz de experienciar emoções fortes e de tolerar conflitos emocionais. Porém, até que isso aconteça, as representações egóica e objetal são arquetípicas, ou seja, míticas e altamente saturadas: elas existem na psique como opostos que vão, gradualmente, se unir como aspectos de um mesmo elemento.

O desenvolvimento psíquico normal depende da integração gradual dos opostos arquetípicos enquanto a criança luta contra experiências toleráveis de frustração que geram ódio. Esta integração deve ser acompanhada de uma relação primal satisfatória de forma que a “impiedosa agressividade da criança não destr[ua] seus objetos e ela po[ssa] elaborar a culpa [e] a reparação” (KALSCHED, 2004, p. 19. tradução nossa).

Porém, na medida em que a criança tem experiências intoleráveis no mundo objetal, o lado negativo do Self permanece arcaico, não personificado. O mundo interno continua a ser ameaçado por uma figura diabólica e não humana. Assim, a agressividade que seria dirigida para o exterior como mecanismo de defesa ou como assertividade, por exemplo, volta-se para o mundo interno. Isto levaria a uma contínua traumatização pelos objetos internos, mesmo depois de passado o trauma (KALSCHED, 2004).

Quando as necessidades infantis não são satisfeitas, normalmente o indivíduo se envergonha delas e, muitas vezes, tem estouros de raiva decorrentes da frustração. Mas, como estes estouros também não são toleráveis, há uma ruptura no mundo interno. Esta ruptura faz com que a raiva sentida pelo agressor seja usada para reprimir a carência do indivíduo traumatizado; carência esta que, neste ponto, passou a ser intolerável para ele próprio. Assim, as energias agressivas da psique se voltam para os aspectos dependentes, o que gera um ambiente interno cujo ataque à própria carência é algo recorrente. Este ataque interno é o que Bion (*apud* KALSCHED, 2004) chama de *ataque contra o vínculo*. Isto faz com que a energia agressiva arcaica, isto é, a energia agressiva não elaborada, desmembre o ego com o objetivo de salvaguardá-lo de sentir seu sofrimento.

Quando os vínculos internos são atacados, o processo de reintegração simbólica fica suspenso: a psique não pode elaborar a experiência tornando-a significativa. Ela demora muito mais para conseguir elaborar eventos altamente traumatizantes e, para que isso seja possível, é preciso que o indivíduo possa contar e recontar o evento. Assim, gradualmente, por meio de sonhos, o evento é simbolizado

até a metabolização. Porém, para constantes traumas infantis que se tornaram intoleráveis, os mecanismos de defesa arcaicos entram em ação, o que aniquila a arquitetura do mundo psíquico: “[a] experiência se torna inexpressiva. Pensamentos e imagens são desligados do afeto”, deixando o indivíduo sem palavras para exprimir sentimentos (KALSCHED, 2004, p. 23, tradução nossa).

A resposta ao trauma envolve uma distorção do processo de reintegração simbólica: crianças traumatizadas não conseguem mobilizar agressão para expelir os elementos exteriores (“não-eu”) ou os elementos ruins das experiências; assim, elas levam o agressor ou a agressão para seu mundo interno e, porque não podem odiar o agressor, passam a odiar a si próprias e a sua carência. Este processo é denominado *identificação com o agressor* (FERENCZI *apud* KALSCHED, 2004). Seria este um dos motivos, portanto, do auto-ataque das vítimas de trauma precoce: a própria psique é quem faz o maior dano à vítima.

Este processo pode ser considerado análogo ao curto-circuito numa casa. Se muita eletricidade entra na casa, isto é, mais do que os fios da casa agüentam sem queimar, então o circuito explode e a conexão com o mundo de fora é aniquilada. Mas na psique, o processo é mais complicado porque há duas fontes de energia – a do mundo externo e a do mundo interno, o inconsciente. Então, quando o disjuntor psicológico tropeça, desliga ambas [as fontes de energia]. A pessoa precisa ser protegida da perigosa estimulação do mundo exterior, mas também das necessidades e desejos que vêm de dentro (KALSCHED, 2004, p. 23, tradução nossa).

Alguns afetos, como os decorrentes de um trauma, não são processáveis sob a regência dos recursos normais do ego. É necessária a presença e a atuação de recursos mais profundos e arcaicos da psique. Estes mecanismos do Self são um salva-vidas do ego, bloqueando a repassagem por momentos traumatizantes, por meio de eventos que estes mecanismos de defesa acham que pode relembrar o trauma. Nestes casos, a psique entra “em curto”, para evitar que ela se “queime”.

No início do desenvolvimento, para que uma experiência se torne significativa, é preciso que elementos somáticos sejam representados mentalmente pelas figuras parentais, passando, então, para uma linguagem verbal que será o meio de compartilhar a experiência com os outros. Este é também o processo de personalização de afetos arquetípicos. Em caso de trauma, o afeto é excessivo. É aí que há ruptura: ela separa o evento traumatizante para que seja possível que o indivíduo sobreviva psiquicamente. O evento e seu significado são desconectados. Assim, os afetos primários não são personalizados.

A incapacidade de lamentar uma perda é o principal sintoma de trauma precoce. A lamentação normal requer um objeto idealizado com o qual a criança primeiro se funde e com o qual ela experimenta onipotência que, aos poucos, com as colisões que

sofre, cede. Este é o processo de desarquetipização, ou humanização de processos arquetípicos. Se este objeto não é experienciado ou o é inadequadamente, então as figuras arcaicas assombram o mundo psíquico da criança – talvez porque ela não experiencie a força onipotente – e substituem o ego estruturado que deveria estar consolidado (KALSCHED, 2004).

O alto nível de ansiedade decorrente do trauma é resultado da energia arquetípica que não pôde ser transposta para o nível humano/pessoal, deixando a criança à mercê dos aspectos positivos e negativos do arquétipo da Grande Mãe. Este nível de ansiedade, para Kohut (*apud* KALSCHED, 2004), é desintegrador, porque ameaça a existência. Para combater esta ameaça é que surgem as defesas arcaicas.

Esta ansiedade é muito precoce, isto é, ela aparece muito antes do ego minimamente estruturado. Então, quando ela aparece, constitui uma ameaça de fragmentação do ego, cujo combatente à altura é tão arcaico quanto a própria ameaça. Diferentemente do indivíduo traumatizado, o neurótico também pode passar por uma dissociação, mas num nível mais egóico. Nele, há espaço para resgatar e integrar o conteúdo reprimido – sombra pessoal – e, com isso, ele se sentirá mais completo, sem se sentir ameaçado por esta completude (KALSCHED, 2004).

6.3.1 A auto-retraumatização

Kalsched (2004) afirma que estas descobertas explicam dois achados perturbadores sobre o mundo do trauma precoce: 1) a psique traumatizada é auto-traumatizante e 2) a vítima de trauma psíquico se encontra constantemente em outras situações traumatizantes: por mais que o indivíduo queira mudar, algo mais poderoso do que a força do ego mina progressos e destrói esperanças.

Em matando a esperança de novos relacionamentos, ou de relacionamentos positivos, o indivíduo traumatizado age a partir da identificação com o agressor, o que faz com que o mundo interno do trauma seja recapitulado na vida externa e a vítima do trauma seja compelida a repetir seu comportamento auto-destrutivo: tal é a devastadora natureza do ciclo do trauma. “Sem a consciência que só pode vir num processo de elaboração, o mundo interno do trauma, com seus processos defensivos arquetípicos, se duplicam na vida externa dos pacientes (compulsão repetitiva)” (KALSCHED, 2004, p. 26, tradução nossa). A situação traumatizante original é um perigo tão grande para a sobrevivência da personalidade que sua lembrança não alcança o nível pessoal, permanecendo arquetípica e arcaica. Assim, não é possível o encontro com a lembrança neste nível sem ser pela experiência de um novo trauma: “a repetição inconsciente de traumatização no mundo interno, que continua incessantemente, precisa se tornar um trauma *real* com um objeto do mundo para que

o sistema interno seja ‘destrancado’” (p. 26, tradução nossa, grifo do autor). Porém, para o indivíduo traumatizado, a vivência de reintegração e completude é, inicialmente, insuportável. Isto porque a sua sobrevivência dependeu completamente da dissociação, que resiste à integração do trauma e de qualquer afeto a ele associado.

6.4 O preço do trauma: a Individuação

Ao trauma precoce segue uma cisão entre corpo e mente, e a vítima do trauma adoece em sua psique sem, necessariamente, adoecer física ou mentalmente. Estes indivíduos, então, tendem a procurar contínua estimulação como forma de preencher o vazio psíquico que sentem:

O que estes indivíduos estão realmente procurando é a psique, ou alma – o lugar onde corpo encontra mente e os dois se apaixonam. Se a tensão pudesse ser mantida, um verdadeiro nascimento do espírito pessoal seria possível, mas a psique, ou alma, é necessária primeiro. Por este motivo falamos em psicopatologia e em psicoterapia (KALSCHED, 2004, p. 65, tradução nossa).

O sistema de auto-cuidado, nos casos de trauma precoce, não permite que todos os elementos de uma experiência estejam presentes num único momento. Disso resulta um ataque contra os vínculos entre os elementos corporais e mentais da experiência, seja ela traumatizante ou não. Assim, aspectos afetivos e referentes aos órgãos dos sentidos ficam restritos ao corpo, enquanto a representação mental se separa, “perdendo-se” em algum lugar da mente. Um indivíduo que passa por esta experiência não é capaz de vivenciar sensações somáticas e estados físicos de excitação como algo mental, ou seja, não é capaz de permitir que seus impulsos corporais tomem forma de palavras e/ou imagens; o que ocorre, nestes casos, é que estes impulsos são descarregados de outra forma, permanecendo pré-simbólicos: o indivíduo não consegue descrever em palavras o que sente e, portanto, “não será capaz de [...] brincar com significados simbólicos [...] e isto vai roubá-lo da experiência de se sentir real e completamente vivo, uma trágica condição que conhecemos por despersonalização” (KALSCHED, 2004, p. 66, tradução nossa).

O contato com a experiência física leva a uma revivência do trauma, que pode, então, ser elaborado. Ele deve ser acompanhado de outro indivíduo, para que seja possível constelar a alteridade que trará a psique como terceiro fator – sendo o primeiro e o segundo corpo e mente. Normalmente, a psique é responsável por associar elementos da personalidade com o objetivo de formar um elemento coeso. Porém, em situações de trauma precoce, a psique inverte esta ação, buscando a cisão e a dissociação, porque é isso que permite a sobrevivência do indivíduo que, então, perde de foco sua individuação.

O problema deste mecanismo de defesa é que, por ser arcaico, ele não difere uma situação potencialmente traumatizante de outra que não é e, por isso, dissocia os afetos constantemente, como forma de prevenir novos traumas. Neste caso, o preço da sobrevivência é o espírito pessoal, a essência do indivíduo. “Quando mente e corpo se separam, o princípio animador da vida psicológica [...] vai embora” (KALSCHED, 2004, p. 67, tradução nossa).

Kalsched (2004) questiona o destino da essência do indivíduo. Para ele, a experiência de trauma precoce forma um tipo de bolo de energia que segue para o corpo e/ou para a mente inconscientes, onde fica encapsulado.

Para nós, fica a questão de até que ponto vale a pena esta perda de parte da identidade, de parte da experiência de vida para sobreviver ao trauma. Em outras palavras: tendo em vista o esforço psíquico e as perdas que o indivíduo terá, trata-se de uma vida que vale a pena ser vivida? E ainda: quando e como a psique sabe ou decide que ainda há por que lutar ou quando é hora de “se retirar” e aniquilar seu hospedeiro? Qual o limite de trauma e retraumatização da psique e de cada um de nós?

Tendo em vista a compreensão analítica do narcisismo, da psicopatia e do trauma precoce, passemos para a análise de Grenouille.

7 A FÓRMULA DO PERFUME

No século XVIII viveu na França um homem que pertenceu à galeria das mais geniais e detestáveis figuras daquele século nada pobre em figuras geniais e detestáveis. A sua história é contada aqui. Ele se chamava Jean Baptiste Grenouille e se, ao contrário dos nomes de outros geniais monstros como, digamos, Sade, Saint-Just, Fouché, Bonaparte etc., o seu nome caiu hoje no esquecimento, isto certamente não ocorreu porque Grenouille tenha ficado atrás desses homens das trevas mais famosos em termos de arrogância, desprezo à raça humana, imoralidade, ou seja, em impiedade, mas porque o seu gênio e a sua única ambição se concentravam numa área que não deixa rastros na história: o fugaz reino dos perfumes (SÜSKIND, 1985, p. 1).

A análise do romance de Süskind (1985) segue a seqüência de acontecimentos conforme relatado no capítulo 3 e tem características tanto de estudo de caso como do método de interpretação dos contos de fada proposto por Von Franz (2005). Deste segundo método, aproveitamos a relevância da caracterização do tempo e do espaço em que a história acontece bem como a influência dos personagens para o problema inicial que dá origem à história. Von Franz (2005) também propõe uma interpretação do desfecho do conto e de como ele nos faz retornar à realidade. Muitos livros nos levam a outras épocas, mas este particularmente nos afasta da realidade por se tratar de uma história com eventos extraordinários.

A história de Grenouille se passa na França entre os anos de 1738 e 1767, momento histórico da queda do Absolutismo e da tomada do Iluminismo. A França se encontrava em franca decadência, principalmente se comparada à Inglaterra, de quem perdeu a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), quando estes países disputaram o mercado europeu e as colônias. Este período retrata um momento pré-Revolução Francesa, quando há a troca da moeda para o papel-moeda.

Embora decadente, a França era um centro financeiro e expoente na área da perfumaria, que atingiu seu auge durante o reinado de Luís XV. Pela localização geográfica, a Itália era a primeira a receber novidades aromáticas, mas foi na França, e em especial em Grasse, que a perfumaria foi mais estudada e utilizada (ABUD, 2006). Paradoxalmente, Paris, como descreve Süskind (1985, p.1-2), era uma cidade fétida:

[...] As ruas fediam a merda, os pátios a mijo, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia enxofre; dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros fedia sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da

boca, eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fediam sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fediam a nobreza toda, até o rei fediam como um animal de rapina, e a rainha como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno.

Paris, por ser a maior cidade da França, era a mais fedida. Ao que parece, justamente por ser tão fedida é que ela se desenvolve tanto na área da perfumaria: para disfarçar e, assim, compensar, seu mau cheiro. Seu maior fedor se encontrava num antigo cemitério que, por causa do mau-cheiro, foi transferido para outro lugar. No lugar do cemitério formou-se uma feira, onde a mãe de Grenouille limpava peixes. A base de diversas sociedades é o sangue e o suor de pessoas que lutaram para construí-la. O fato de uma feira ocupar o lugar do cemitério atesta isso: Grenouille nasce sobre uma terra incrustada de cadáveres e embebida em sangue, humano e písceo.

7.1 Infância

Grenouille é o quinto filho. Sua mãe, totalmente desinteressada deste filho como dos outros, mal se dá conta de que Grenouille nasceu vivo, já que todos eram pedaços de carne que mal se diferenciavam das vísceras de peixe no chão. A mãe ainda esperava casar e ter filhos de verdade, rejeitando os cinco bastardos que tivera até então, mesmo antes do seu nascimento. Ela deixa o recém-nascido no chão, junto ao resto de peixes para que, durante a limpeza no final do dia, ele fosse jogado ao mar. A primeira vivência de Grenouille é de abandono e de indiferença violentos.

Podemos relacionar os peixes, entre os quais Grenouille nasce, a elementos do inconsciente, já que o próprio Grenouille é um elemento pertencente mais ao inconsciente do que consciente. O mau-cheiro a seu redor é intenso e impossível de ser processado por ele, ainda recém-nascido; ele precisaria de um “metabolizador externo” que o ajudasse, mas sua mãe o abandona. O primeiro grito de Grenouille é uma amostra da sua força e da sua capacidade de sobreviver a situações adversas. A proximidade de Grenouille ao reino dos cheiros pode ter origem neste momento: é pelo cheiro intenso do antigo cemitério e da feira que ele se expressa e sobrevive ao nascimento, ao desamparo e à rejeição intensa decorrentes do abandono da mãe; experiências traumatizantes.

Kalsched (2004) apresenta como uma das principais conseqüências do trauma precoce a ação de defesas arcaicas que dissociam partes da psique, isto é, há uma cisão de emoções e sentimentos do evento traumático. A defesa psíquica, em caso de

trauma precoce, é a dissociação entre a experiência e seu significado: o afeto é desconectado, porque é a ligação do indivíduo com a experiência do trauma.

Grenouille tem uma segunda chance de desenvolvimento saudável ao ser levado a uma ama, mas ela não consegue formar um vínculo com o bebê e o devolve ao oficial que lhe trouxe. Isso se repete tantas vezes que Grenouille é devolvido ao convento onde foi batizado por uma ama irritada com a voracidade e com a falta de cheiro do bebê, conforme ela mesma se queixou. Para ela, Grenouille possui o demônio no corpo e é totalmente diferente de qualquer outra criança que ela tenha cuidado. Tomando o que Kalsched (2004) considera como “demoníaco” (*daiomai* = dividir), a afirmação da ama faz sentido: Grenouille passa por contínuas experiências de abandono, cujo efeito é a dissociação dos afetos da experiência de abandono, que interfere na formação de vínculos e na formação da identidade, que já se apresenta pela falta de cheiro de Grenouille ainda bebê.

Embora as amas cuidem e amamentem bebês pela remuneração, elas são uma possibilidade de vínculo, mas elas e Grenouille têm dificuldade de se vincular. Ele, ao dar o primeiro grito - que lhe possibilita a própria vida e cessa a vida da mãe - faz sua escolha: é “*contra* o amor e, mesmo assim, *a favor* da vida” (SÜSKIND, 1985, p. 25, grifo do autor); ainda que sua vida fosse mais uma sobrevivência do que uma vida bem vivida: ele sobreviveria às adversidades apresentadas, mas sem jamais formar vínculo. A experiência das amas com Grenouille mostra esta sua faceta, mas também mostra outra: seu apetite voraz é uma resposta à necessidade de vínculo, elemento fundamental para o desenvolvimento saudável. A dificuldade de Grenouille em estabelecer relações afetivas íntimas e profundas é uma defesa contra o medo de entrar em contato com o outro e consigo: com o outro porque representa a fonte de trauma; consigo porque a imagem que ele tem de si é demasiadamente frágil.

No convento, o padre Terrier (do francês, *da terra*) recebe a criança, que dorme, e, por um momento, se deixa dominar por uma fantasia: pai e mãe, com o filho nos braços. Porém, quando Grenouille acorda, se torna repulsivo para o padre, que se sente invadido pelo menino que o cheira e resolve levá-lo para longe. O cheirar intenso de Grenouille nesta cena com o padre pode estar relacionada à voracidade com a qual ele mama nas amas; novamente aparece a temática da necessidade de incorporar o outro e o que vem dele. Nesta fase do desenvolvimento, podemos pensar que a necessidade de incorporação de Grenouille denota um vazio interno que precisa ser preenchido, mas de um modo diferente do vazio que ele sente quando adulto, quando busca preencher seu vazio e sua falta de identidade com um perfume com cheiros roubados das vinte e cinco moças.

Associamos o padre Terrier à deusa grega Deméter que, quando acompanhada da filha Perséfone, ou Coré, “presidia abundantes colheitas” (BOLEN, 1990, p. 237); porém, quando frustrada pelo sumiço da filha e pelo descaso de Zeus frente a seu desespero, torna a terra, fonte de alimento, estéril. Padre Terrier, quando frustrado em sua fantasia pelo comportamento invasivo de Grenouille, encerra o momento de doçura e despacha a criança, obstruindo mais uma possibilidade de vínculo de Grenouille, a quem resta mais uma experiência traumatizante de abandono.

O padre mostra, ao mesmo tempo, o aspecto feminino de acolher (da terra) e o aspecto masculino (padre) que traz o outro. Terrier parece se deixar levar pelo que quer ver no bebê, mas quando Grenouille se mostra repulsivo, como era com as amas, Terrier volta para sua vida clerical e afasta de si a fantasia – totalmente oposta a sua vivência – e a sua origem, que se tornou repulsiva.

Três figuras abandonam Grenouille logo nos primeiros meses de vida: a mãe, as amas e o padre Terrier. Segundo Cirlot (2005), o abandono está relacionado com a morte e, em tenra idade, fica mais clara esta relação, principalmente se lembrarmos dos irmãos de Grenouille que foram abandonados e morreram.

As defesas arcaicas da psique, como defesa do trauma num estágio tão precoce do desenvolvimento da consciência, afastam o ego de situações potencialmente traumatizantes. Isso explica, em parte, a repugnância que Grenouille desperta: ele, por ser repellido, repele o outro para evitar um novo trauma. O que favorece a repulsa é o aspecto físico de Grenouille que, ao longo da vida, passa por situações que lhe deixam cicatrizes; o tipo e a forma de relação que ele estabelece com as pessoas o torna repulsivo num nível mais profundo. Embora Grenouille tenha sobrevivido ao nascimento, ao abandono e a todas as condições precárias que viveu, é visível que uma parte sua morreu: o seu mundo interno.

Grenouille carrega consigo o trauma sobrecarregado de anos de defesa arcaica e mediação pouco adaptativa quanto às relações interpessoais. Para Semrad e Garfield (*apud* KALSCHED, 2004), a base da relação com indivíduos traumatizados está, primeiramente, no afeto: ele deve ser encontrado na sua história e, se necessário, resgatado de elementos alucinatorios. A seguir, ele deve ser experienciado corporalmente para, finalmente, ser aceito e verbalizado pelo indivíduo. Não sabemos se as amas repeliam Grenouille ou se ele já as repelia e, por isso, não é possível afirmar se um esforço maior por parte delas “salvaria” Grenouille. Mas podemos afirmar que a falta de contato físico levou Grenouille à perda do contato consigo, que foi substituída pela identificação com o Self, como forma proteção do sofrimento causado pelo abandono.

Grenouille segue para o orfanato da insensível Mme Gaillard. É interessante apontar que o próprio autor da história se refere à capacidade de sentir cheiro como um traço da sensibilidade. É a ela que Grenouille é entregue.

A figura materna distante e negativa impede Grenouille de formar uma imagem interna de mulher, que o leva à busca de uma figura feminina idealizada. Grenouille idealiza uma imagem arquetípica de mulher que ele traduz em cheiro. É interessante notar que as duas mulheres cujo cheiro mobiliza Grenouille são ruivas. Segundo Cirlot (2005), o cabelo está associado à força vital e o cabelo ruivo, especificamente, está associado à energia de Vênus, deusa romana do amor. Assim, ele se apossa destes dois cheiros – o amor materno/feminino idealizado: ele se apossa do cheiro da jovem das nectarinas como uma forma de possuir o amor de que precisa e se apossa do cheiro de Laure para receber dos outros o amor grandioso que ele almeja.

Dos cinco sentidos, o olfato é o menos usado por nós humanos, e é, portanto, um sentido primitivo e secundário para conhecermos o mundo; para outros animais, como o cachorro, o olfato é muito mais importante. O olfato também tem a função de auto-preservação: perceber cheiros estranhos, diferentes, desconhecidos e/ou específicos ativa o sistema límbico cerebral, responsável pelas respostas mais instintivas e primitivas de sobrevivência (ABUD, 2006). Um exemplo é o cheiro de gás e de fumaça, que nos alerta para um perigo potencial. Assim, podemos supor que a reação das crianças do orfanato a Grenouille se deve a este mecanismo de defesa via olfato: por não sentir cheiro algum daquele bebê que acabara de chegar, as crianças o temem e, por isso, tentam matá-lo.

Nosso cérebro processa as informações dos cinco sentidos em porções separadas, cujo tamanho varia em função da relevância de cada sentido. Em comparação com a visão e com o tato, o olfato possui uma porção reduzida de processamento no cérebro humano; isto indica que o olfato é um sentido mais primitivo nos humanos. Se Grenouille se relaciona com o mundo por meio de um sentido primitivo, podemos supor que seu desenvolvimento também é primitivo. Este primitivismo parece estar ligado, também, ao seu desenvolvimento em outros aspectos, como o interpessoal e o social. Um elemento que corrobora esta hipótese é o próprio nome de Grenouille: em francês, *grenouille* é *rã* ou *perereca*, animais primitivos, se comparados aos mamíferos e, especificamente, aos humanos.

Quando Süskind (1985, p. 25-26) narra a estadia de Grenouille no orfanato de Mme Gaillard, o compara a um carrapato. Esta comparação pode ser entendida de duas formas: a) ele sobrevive às custas do outro, do sangue e da essência do outro e b) enquanto carrapato, Grenouille possui uma carapaça que o protege dos elementos externos, o que intensifica sua dificuldade nas relações:

[...] como um carrapato em cima de uma árvore, ao qual a vida não oferece outra coisa senão uma hibernação permanente. O pequeno e horrível carrapato, que dá uma forma esférica a seu corpo cinza-marrom para oferecer ao mundo externo a menor superfície possível; que torna a sua pele lisa e dura, para nada deixar, nada fluir de si, para não deixar transpirar o mínimo de si mesmo. O carrapato que, de propósito, fica escondido na sua árvore, cego, surdo e mudo, e só fareja, a milhas de distância, o sangue dos animais que passam e que ele jamais há de alcançar com as suas próprias forças. O carrapato poderia deixar-se cair [...] no mato, arrastar-se com as suas seis perninhas alguns milímetros para lá e para cá, deitando-se debaixo da folhagem para morrer; Deus sabe que nada se perderia com ele. Mas rebelde, teimoso e horrendo, o carrapato vive à espera. Espera até que o acaso mais improvável conduza o sangue, na figura de um animal, diretamente para a sua árvore. E só então ele sai da sua discreta reserva, deixa-se cair e escava, perfura e morde na carne alheia...

Esse carrapato era Grenouille.

Para Grenouille, sua relação com as figuras cuidadoras envolve abandono e rejeição, que fazem com que ele se sinta punido. Isso implica na negatividade da constelação de Nêmesis que, associada a impulsos destrutivos decorrentes da experiência de abandono, despertam em Grenouille incredulidade, culpa e auto-imagem negativa. Como sua auto-estima negativa é inconsciente, a atitude consciente de Grenouille é compensatória: ele se acha superior a todos. A experiência com as figuras cuidadoras gera em Grenouille um sentimento de desaprovação, sentido como ameaça e, como ele ainda não tem o ego estruturado, entram em cena as defesas do Self, que, cristalizadas, deram origem aos seus sentimentos de onipotência e grandiosidade, à sua ambição de caráter grandioso e irrealista e à sua dificuldade de estabelecer relações objetais, porque o outro, por ser fonte de trauma, se tornou agressivo.

Lembremos que toda criança nasce num estado de completa indiferenciação. Os opostos são percebidos, inicialmente, por meio das sensações físicas divididas, principalmente, em prazer e desprazer. A percepção de si – e conseqüentemente do outro – tem início com as sensações corporais pelo que Neumann (1995) chama de *Self Corporal*. Assim, as raízes mais profundas da individualidade estão no corpo: as primeiras percepções que o ego tem de si são corporais, às quais é adicionado um significado psíquico que se transforma em imagem psíquica.

Considerando que o desenvolvimento da consciência começa pelo corpo, e que a pele é a superfície que delimita corpo e mundo, o contato físico com a criança é fundamental para o desenvolvimento da consciência corporal, da consciência do eu e para a manutenção do eixo ego-Self. Grenouille não tem experiência de toque e de contato e, por isso, não tem experiência corporal, o que acarreta um distúrbio na formação da identidade e um trauma porque o toque também é uma forma de amparo.

As necessidades orgânicas, no início da vida, são sentidas como desprazíveis e desconfortáveis, e são traduzidas como falta porque o estado de totalidade é quebrado. A criança deixa de se sentir completa, já que é instalado o sentimento de falta porque a criança sai do estado de onipotência e de auto-suficiência. Grenouille é traumatizado não só pela ausência de vínculo físico, mas também por não se sentir amparado quando sente desprazer e desconforto. Isso resulta na ruptura brusca do estado de indiferenciação e de completude no qual ele deveria viver e no despertar precoce do ego, que acarreta em distúrbios na sua formação.

A percepção da falta faz emergir o desejo e a percepção do outro como alguém que pode preenchê-la. As gratificações estimulam os impulsos de busca pelo objeto gratificador ao mesmo tempo em que promovem a formação do objeto interno. Mas Grenouille não recebe gratificações.

A criança deseja o reconhecimento de seus desejos e das suas necessidades. Esse reconhecimento é de máxima importância para a criança, tanto para o estabelecimento das relações objetais como para que a criança, através do espelhamento da mãe, que traduz as suas necessidades, dê nome a essas coisas e as reconheça.

[...]

Neste momento de quebra da totalidade pelos estados de desprazer e pela percepção da falta, o prazer fica associado, significativamente, à condição de totalidade. Portanto, a criança deseja só que a mãe preencha a sua falta, como deseja também preencher a falta da mãe, para voltar ao estado de totalidade (CAVALCANTI, 2003, p. 191).

A vivência dos primeiros estágios do desenvolvimento de Grenouille é paupérrima em reflexo. Todas as suas cuidadoras se afastam ou são afastadas. Sabemos que o espelhamento da mãe é fundamental na formação da identidade e da auto-estima, porque é ela quem primeiro reconhece e traduz as necessidades da criança, ensinando-lhe o reconhecimento das próprias necessidades, fundamental para o desenvolvimento saudável do eixo ego-Self e para a auto-estima da criança. Pelo espelhamento das necessidades da criança, a mãe, aos poucos, se torna seu Self Corporal. Isso não acontece com Grenouille: ele não tem contato físico e, portanto, ignora o próprio corpo, parte de sua identidade. Há cisão entre corpo e psique e entre mundo interno e externo. Como essa cisão acontece precocemente, estes elementos permanecem indiscriminados, embora cindidos. Nos distúrbios narcísicos há a falta de sensações e a perda da conscientização das necessidades corporais devido à falta de espelhamento materno – ou devido à sensação desta falta –, que aliena o ego de seu eixo central, isto é, leva a distúrbios no eixo ego-Self. Como nenhuma das figuras cuidadoras de Grenouille percebe, traduz e satisfaz suas necessidades, ele se torna incapaz de reconhecê-las, o que se reflete na submissão e na sobrevivência a condições muito precárias. A falta de reflexo do mundo interno faz com que Grenouille o exclua, concentrando-se apenas no mundo externo, com o qual se relaciona por meio

do olfato. Em caso de trauma precoce, o indivíduo bloqueia sentimentos que remetem ao evento traumático, o que, em última instância, o afasta do auto-conhecimento e da individuação, tanto quanto o narcisismo.

A maior consciência da discriminação aumenta o sentimento de falta e desperta a dependência do outro. A reação narcisista surge como defesa desta dependência e também como defesa da separação entre sujeito e objeto e todas as suas conseqüências.

A quebra da onipotência e a percepção da separação geram profundos sentimentos de angústia. O objeto que lhe traz satisfação não é mais parte do sujeito, e surge, portanto, profundas angústias relacionadas com a perda, com o desamparo e com os sentimentos de impotência. Os comportamentos decorrentes de possessividade e voracidade têm o significado simbólico de incorporar a maior parte daquilo que é bom, para o ego não se sentir esvaziado (CAVALCANTI, 2003, p. 196).

Na infância, o processo de idealização é importante para que a criança construa e se identifique com objetos internos, base para a formação de auto-estima e para a crença no relacionamento com o outro. Como seu ambiente é extremamente negativo, Grenouille forma seu mundo interno distorcido. A dificuldade de introjeção de objetos se deve à raiva e à inveja de Grenouille por estes objetos; ele sente inveja do que o outro tem e que ele acha que não tem e sente raiva do outro por causa disso. A falta de objetos internos impede Grenouille de sentir empatia, auto-aceitação e esperança na relação com o outro que, então, passa a representar mero objeto de gratificação: Baldini, Druot e Arnulfi, com as lições sobre perfumaria e com a cessão de espaço para experimentos de Grenouille, e o Marquês, com a oferta de uma nova roupagem, lhe causa a sensação de ser alguém, que se dá pelo uso de um perfume.

O desenvolvimento egóico é acompanhado pelo desenvolvimento da percepção do outro como objeto. Isto porque a identidade é formada e afetada pelas sensações corporais, pelas lembranças, pela imagem corporal e, acima de tudo, pela “móbia” do mundo interno. No caso de Grenouille, há uma ruptura tanto no processo de formação da imagem corporal e da sua identidade, como no processo de formação dos objetos internos. Ele não teve boa experiência com o mundo externo e, assim, o que introjeta, são objetos maus. Para Abud (2006, p. 81), Grenouille não introjeta os objetos, mas “incorpora-os através das narinas”. De qualquer forma, é visível que Grenouille não tem um desenvolvimento egóico sadio. Para Grenouille, os objetos são assustadores porque são a origem de seu trauma. Porém, como ele não tem consciência de seu temor, reage agressivamente, como tentativa de manter os objetos potencialmente traumatizantes distantes. O perigo de retraumatização é a oportunidade que Grenouille tem de se recuperar. Assim, o que Grenouille teme é o que ele precisa.

A dificuldade de internalizar objetos se indicia pelo atraso de Grenouille em iniciar a fala, que só ocorre aos quatro anos com a palavra *peixe*. Podemos supor que, simbolicamente, esta sua primeira palavra seja análoga ao “eu” que outras crianças falam já nesta idade. Como dissemos anteriormente, o peixe é um elemento do mar e este, por sua vez, está associado ao inconsciente. Como dissemos no início deste trabalho, a primeira hipótese levantada para a compreensão de Grenouille foi o narcisismo, que é o desconhecimento de si por falta de discriminação e pela conseqüente identificação com o Self. O “peixe” que Grenouille fala, então, seria uma representação da sua proximidade ainda grande com o inconsciente, isto é, da sua indiscriminação. Também podemos pensar na relação da mãe de Grenouille com os peixes: ela os desviscera e descarta; assim, o “peixe” que ele fala também pode ser uma representação de como ele se sente: sem suas vísceras, sem seu mundo interno, e descartado.

Süskind (1985, p. 29) conta que, na realidade, Grenouille sentia dificuldade em verbalizar o que ele não podia cheirar, o que explica seu retardo em falar “sim” e “não” e em falar

conceitos abstratos, sobretudo de natureza ética e moral. Não conseguia lembrar-se deles, confundia-os; ainda quando adulto ele os empregava sem satisfação e muitas vezes erroneamente: direito, consciência, deus, alegria, responsabilidade, humildade, gratidão etc. – o que com isso devia ser expresso era e continuou sendo para ele algo misterioso.

Análogo a Narciso, Grenouille não teve reflexo e não reflete, porque ele permanece, de certa forma, numa totalidade mutilada. A discriminação que Grenouille faz é precoce demais e sua função é discriminar os afetos, dos quais ele sente que precisa se defender. Assim, como modo de sobreviver, Grenouille funde ao Self elementos autônomos que formam a *falsa Uroboros* (SCHWARTZ-SALANT, 1995), que gera controle; grandiosidade; sentimento de onipotência; preocupação com o poder e com o fazer, como forma de existir e de manter a auto-estima elevada; raiva, derivada das feridas narcísicas e; falso vínculo com Self. Este falso vínculo é vivido por Grenouille por meio da realização de seus desejos via perfume. Outra interpretação para o seu comportamento é sua fixação na polaridade narcísica, quando o indivíduo apresenta excessiva auto-referência, inflação egóica e grande necessidade de admiração (MONTELLANO, 2006).

A ausência de polarização no desenvolvimento da consciência impossibilita Grenouille de conhecer e reconhecer a si e ao mundo. A identificação permanente com o Self constitui *hybris*: Grenouille incorre na *hybris* quando se identifica com o Self e quando desenvolve um olfato extremamente apurado.

Quando Mme Gaillard pára de receber o pagamento por Grenouille, que conta com oito anos, ela o leva para o curtume de Grimal. Esta é, aproximadamente, a época em que saímos da dinâmica matriarcal e entramos na dinâmica patriarcal.

Grenouille, até então, não tinha tido contato próximo com figuras masculinas/paternas, estando ambas relacionadas à lei. A ausência da figura paterna, segundo Carvalho (*apud* CAVALCANTI, 2003), está relacionada à insatisfação na relação mãe-criança e na distorção da imagem da mãe pela falta de triangulação. Estes dois elementos são notados através das relações negativas que Grenouille estabelece com as figuras cuidadoras, embora elas também tenham sua parcela de responsabilidade na dificuldade de vínculo. A distorção da imagem da mãe aparece na idealização da figura feminina, transcrita em cheiro: Grenouille deposita no cheiro da jovem das nectarinas e, principalmente, no cheiro de Laure, a perfeição da figura materna-feminina-amorosa. Assim, podemos supor que um dos fatores que leva Grenouille a esta idealização é a ausência da figura paterna em momentos prematuros do seu desenvolvimento.

7.2 Adolescência

O curtume é um local onde se curte couros, amaciando-os e evitando sua decomposição. O processo é extremamente nocivo à saúde dos trabalhadores que têm, portanto, um tempo de vida reduzido. Mas não Grenouille. Ao ser entregue a Grimal, ele percebe que, se não se comportar como esperado, não sobreviverá. Assim, ele se fecha em sua carapaça de carrapato e se torna um dos melhores funcionários de Grimal, principalmente após se recuperar de uma grave inflamação no baço, que poderia ter-lhe tirado a vida.

O baço é o maior órgão do sistema linfático, onde ficam armazenados alguns tipos de linfócitos. O sistema linfático faz parte do sistema imunológico, que desempenha papel importante no combate a doenças, porque são ricos em glóbulos brancos que protegem o corpo de substâncias estranhas. A inflamação é uma resposta rápida e geral do corpo a qualquer tipo de lesão, que visa atacar e remover todo e qualquer tipo de material invasor, expelindo do corpo células e tecidos lesados, dando início ao processo de cicatrização (ABRIL, 2009).

Parece que a inflamação de Grenouille é uma reação à maior proximidade com o princípio de realidade, como se a figura de Grimal representasse uma proximidade maior da consciência e a sua necessidade de diferenciar-se e identificar-se. Mas Grenouille combate esta inflamação e, por isso, se torna mais reconhecido no trabalho e recebe o direito de fazer o que quer.

As marcas do dinamismo patriarcal são a discriminação, o controle e a rejeição e desvalorização do feminino. “Os primeiros vestígios de um ego consciente são desenvolvidos pelo controle e pela repressão de impulsos e necessidades subjetivas” em detrimento de um valor maior que o próprio indivíduo (WHITMONT, 1991, p. 88). Até então, Grenouille demonstra um baixíssimo nível de discriminação, que pode ser reconhecido pela indiscriminação entre cheiros bons e cheiros ruins. A tolerância à frustração é decorrente do desenvolvimento do auto-controle, estando ambos fortemente interligados à discriminação. Assim, se Grenouille tem pouca discriminação, também tem baixa tolerância à frustração.

O cheiro da moça das nectarinas – cheiro-amor idealizado – imanta Grenouille. Ele se sente impelido a possuir aquele cheiro e, talvez pela sua baixa discriminação, mal se dá conta de que, para possuí-lo, ele mata a jovem. A inexistência de um valor maior que ele próprio facilita o assassinato e a indiferença que Grenouille sente pela morte da jovem. Crises de impulsividade e descontrole são comuns no narcisismo devido à força de impulsos destrutivos e à falta de mecanismos internos de controle que permitam o manejo destes impulsos. O assassinato da jovem das nectarinas é fruto da impulsividade. Algumas hipóteses para este impulso assassino de Grenouille são: a) a necessidade de Grenouille de possuir o amor que aquele cheiro representa: parece que este cheiro sensibiliza Grenouille em sua necessidade de ser amado, como se, ao mergulhar naquele odor, ele recebesse o amor do qual precisa; b) a inveja: embora Grenouille ainda não soubesse que não tem cheiro, ele poderia querer possuir aquele cheiro; desta forma, ele receberia mais atenção. Temos de considerar, ainda, a frieza e a impulsividade com a qual Grenouille mata a jovem, que denotam uma característica psicopática.

Grenouille apresenta outras características psicopáticas como, por exemplo, a falta de empatia e a inflação do ego. A psicopatia é fruto de fatores biopsíquicos associados ao fator familiar/social. Até então, observamos que algumas características da síndrome estão presentes: a mãe de Grenouille apresenta um traço psicopático característico das mulheres: elas abdicam da criança que nasce em favor de novos encontros sexuais (HARE, 1999): Grenouille é seu quinto filho, e nenhum dos quatro anteriores sobreviveu ao nascimento. Ainda com Grenouille no ventre, ela pensa em casar e ter outros filhos. Podemos supor que a mãe de Grenouille tem traços psicopáticos que transmite ao filho. A danosa experiência interpessoal de Grenouille reforça este traço herdado da mãe, que se revela desde o início de sua vida já que Grenouille “se decidiu em favor da vida por pura teimosia e maldade” (SÜSKIND, 1985, p. 25).

Taboada⁶ (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009) fala da relação abandono-frieza em muitas crianças com quem teve contato. Segundo ele, a frieza destas crianças é necessária para sua sobrevivência às experiências recorrentes de abandono. Ao mesmo tempo, elas desenvolvem uma visão crua do mundo e da natureza humana, o que faz com que ajam, muitas vezes, como psicopatas. Nesta perspectiva, a frieza de Grenouille para com os outros é uma proteção contra novas experiências de abandono. Os traumas recorrentes que afastam Grenouille do outro também efetivam o desenvolvimento da frieza emocional que o orienta, tal qual um psicopata, a enganar e a manipular os outros de acordo com os seus desejos que, para ele, passam a ser os mais importantes. Esta é a dinâmica que lhe permite sobreviver.

O primeiro assassinato é um ponto de mudança na vida de Grenouille. Seu lado carrapato parece encontrar um possível novo hospedeiro: “[e]le recria seu nascimento traumático e vislumbra uma saída mais feliz e satisfatória para si, na qual todo o fedor será transformado em agradáveis aromas e olores” (ABUD, 2006, p. 70). É a partir do cheiro desta moça que Grenouille decide ser o melhor perfumista do mundo. O perfume é uma máscara geralmente usada para seduzir.

Este assassinato também permite a Grenouille discriminar os cheiros que já possui, já que o dinamismo patriarcal é vivido pela divisão, organização e manipulação das partes discriminadas:

[...] Examinou os milhões e mais milhões de tijolos de odores, colocando-os numa ordem sistemática: bom com bom, ruim com ruim, fino com fino, grosseiro com grosseiro, fedor com fedor, ambrosíaco com ambrosíaco. No decurso das semanas seguintes, essa ordem se tornou cada vez mais sutil, o catálogo dos odores cada vez mais rico e diferenciado, a hierarquia cada vez mais nítida. E em breve ele já podia começar a montar os primeiros prédios de cheiros: casas, muros, escadas, torres, porões, quartos, câmaras secretas... uma fortaleza interior, a se ampliar a cada dia, cada dia mais embelezada e mais perfeitamente estruturada, com as mais maravilhosas combinações de perfumes (SÜSKIND, 1985, p. 49)

⁶ O Dr. Rodney Taboada é um psiquiatra e analista junguiano que trabalhou com as crianças da FEBEM na década de 1980.

É interessante notarmos como o autor descreve a montagem de um mundo dos cheiros com características do mundo real e, ao mesmo tempo, com características defensivas: casas com muros, torres, porões e câmaras secretas que, na realidade, formam a fortaleza interna de Grenouille.

Neste estágio do desenvolvimento, o ego, antes passivo, passa a ser agente diretor dos acontecimentos. “A força do ego é a capacidade de afetar outros corpos, vivos ou mortos, através do uso da vontade” (WHITMONT, 1991, p. 89). Assim, é possível para Grenouille, a partir deste assassinato, descobrir-se portador de um olfato sensívelíssimo e escolher um objetivo do qual ele não abrirá mão: fazer o melhor perfume do mundo. A própria decisão de Grenouille demonstra um passo a mais dentro do dinamismo patriarcal já que o “pensamento é uma produção mental” (p. 90).

Grenouille consegue um lugar na perfumaria de Baldini, onde ele aprende a organizar tecnicamente os cheiros, os perfumes e a manipulação de ambos. Notemos a mudança qualitativa em termos de cheiro: até a saída do curtume de Grimal, Grenouille ficava em contato com cheiros ruins; com Baldini, os cheiros são bons (ABUD, 2006). Talvez seja isso que o *Pont au Change* (ponte para mudança), lugar onde Baldini mora, simboliza.

Baldini também representa a figura paterna – é ele quem ensina a arte da perfumaria. Grenouille e Baldini aparentam ter uma relação mais estreita do que a relação de Grenouille e Grimal, mas, ao mesmo tempo, o abuso parece mais claro na relação com Baldini: ele, quando já com fama e fortuna recuperada e com receitas suficientes para mantê-las, obriga Grenouille a permanecer mais três anos trabalhando em novas fórmulas antes de lhe conceder o grau de auxiliar.

A percepção do ego, até então bidimensional (altura e largura), se torna tridimensional, com a adição da profundidade, percebida pelos cinco sentidos que, agora, estão mais desenvolvidos. Para a consciência, então, passa a existir somente aquilo que é perceptível por qualquer um dos cinco sentidos. É necessária a concretude do fenômeno (WHITMONT, 1991). Esta característica parece favorecer a dificuldade de Grenouille em compreender e em usar apropriadamente conceitos abstratos e em notar que ele tem uma vida interna sofrida. Esta característica também se manifesta nas lições de perfumaria que Grenouille tem com Baldini: a capacidade de Grenouille de produzir cheiros maravilhosos deve ter por base uma fórmula, com as quantidades exatas de cada ingrediente, colocados numa ordem determinada para que o resultado final constitua um produto verdadeiro.

Whitmont (1991, p. 90) considera o trabalho, na dinâmica patriarcal, a alteração e a manipulação da natureza. “Mediante seu trabalho, o homem trará a ordem por ele concebida com sua mente racional a um mundo de causas e acasos cegos, sem

sentido e mecânicos, mundo que, se fosse deixado à própria sorte, se dissolveria no caos”. Esta sua afirmação vai ao encontro do pensamento de Grenouille quanto a sua importância no mundo dos perfumes:

[...] Grenouille não se desviou daquilo que acreditava ter reconhecido como direcionamento de seu destino. Agora se tornou claro para ele porque se atinha de modo tão tenaz e persistente à vida: tinha que ser um criador de perfumes. E não apenas um qualquer. O maior perfumista de todos os tempos (SÜSKIND, 1985, p. 49).

Jacoby (1991) chama a atenção para a figura caçadora de Narciso que Cavalcanti (2003) entende como análoga à fase anal do desenvolvimento psicosssexual descrito por Freud (1969b), uma posição de busca por gratificação mais ativa e violenta:

A personalidade narcísica de fase anal já se mostra capaz de estabelecer metas e objetivos, melhor do que uma personalidade mais regressiva. Mas a busca desses objetivos domina toda a personalidade e constitui a única forma de relacionamento com o mundo. Esse tipo de indivíduo busca, de uma forma obstinada e agressiva, atingir as metas, subordinando sua produtividade e as relações objetivas a esses fins e eliminando tudo que não se encaixe nesse propósito. (CAVALCANTI, 2003, p. 202).

A figura de Narciso como caçador tanto se refere ao direcionamento da libido para um alvo como revela preocupação com o desempenho, com o poder e com o sucesso, características de Grenouille. Na figura do caçador, também existe repressão e submissão do sentimento à lógica e à razão, já que a fase anal se caracteriza pelo controle esfinteriano, isto é, pelo maior controle dos impulsos e pelo direcionamento mais específico da libido. Este indivíduo geralmente apresenta comportamento calculista diante do que pretende alcançar. “Ele sente que a vida só tem sentido na corrida desesperada em busca de algo que estabeleceu como meta” (CAVALCANTI, 2003, p. 203). No caso de Grenouille, inicialmente, sua meta é ser reconhecido pelo talento olfativo e, mais adiante, sua meta é o perfume que o faria ser amado. Intercorrências não seriam obstáculos, mesmo que implicassem em viver sob condições inumanas e matar pessoas, outro traço psicopático.

A figura caçadora de Narciso tem uma atitude mais ativa diante da vida; a atitude de Grenouille, no entanto, tem caráter defensivo que se cronifica em função da dissociação e da falta de elaboração dos sentimentos que têm como origem o trauma do abandono. Desta forma, o fazer substitui o ser: Grenouille busca reconhecimento: a “fragilidade interna leva esse indivíduo à constante necessidade de se afirmar através de elementos externos que confirmem sua potência” (CAVALCANTI, 2003, p. 204).

O aspecto sádico da caça pode ser entendido como satisfação narcísica, porque permite ao indivíduo assegurar-se de sua força, de seu poder e de sua superioridade

diante do outro. É isso que representa a alegria de Grenouille enquanto aguarda que seus panos embebidos em gordura capturem o cheiro das jovens que ele matou.

A caça, aqui, tem por finalidade controlar o objeto, que representa a necessidade narcísica de controlar o outro para manter o controle de si; se ele não consegue controlar o outro, não controla a si mesmo, o que leva ao estado de fúria narcísica. É por isso que, quando seus experimentos de extração de essência de objetos como vidro, maçanetas e madeira falham, Grenouille cai gravemente doente. A fúria narcísica de Grenouille surge como reação à frustração com a falha dos experimentos que desestabilizam seu ego, porque são um empecilho à consecução de sua obra. As frustrações intensas sofridas na infância impossibilitam o ego de Grenouille de construir mecanismos adequados para lidar com a perda e com a falta, que levam à baixa tolerância à frustração. O adoecimento de Grenouille quando seus experimentos fracassam reflete sua baixa tolerância à frustração. Ao que parece, a possibilidade de ele não conseguir alcançar seu objetivo era tão terrível que seria melhor morrer. A falta de métodos para extração de essências é um obstáculo para o qual é difícil encontrar uma solução, porque foge ao escopo de Grenouille: cabe-lhe saber misturar cheiros para que fiquem bons, não descobrir métodos de extração de essências. Mas, quando Baldini diz que em Grasse ele aprenderia outras formas de obter a essência das flores, ele melhora.

Süskind (1985) conta que Grenouille, a caminho de Grasse, descobre que prefere expirar a inspirar. Este fator e a comparação que o autor faz entre Grenouille e o carrapato denotam alguém com pouco contato tanto com o mundo externo quanto com o mundo interno; o Grenouille-carrapato se protege do contato com o exterior a partir de sua carapaça e, ao preferir expirar a inspirar, Grenouille mostra dificuldade de entrar em contato com seu mundo interno, pobre e “mau-mobiliado”. Sem objetos internos bons, o mundo interno se esvazia, e Grenouille fica restrito ao externo: o cheiro. Sua preferência por expirar a inspirar indica troca bloqueada pela antítese necessidade do outro X o outro como ameaça.

7.3 Vida adulta

A caminho de Grasse, Grenouille busca rotas isentas de cheiro humano. Ele rumo ao Sul do país e se descobre numa região inóspita e livre de qualquer cheiro humano. Aí, ele passa feliz sete anos; ele se basta. A relação de Grenouille com o outro se torna difícil devido aos sentimentos persecutórios em relação à invalidação e à autonomia do eu: o “medo de estar sob o poder e o controle do outro é também o resultado da introjeção negativa de objetos controladores e persecutórios e da falta de empatia especular na relação com a mãe” (CAVALCANTI, 2003, p. 209).

Grenouille se alivia da experiência interpessoal frustrante por meio de fantasias que se dividem em combate e deleite: ele cria um mundo onde destrói os cheiros-memórias ruins e onde ele faz brotarem cheiros deliciosos. Aparece nestas fantasias a figura do Grande Grenouille que representa o aspecto protetor do sistema de autocuidado da psique de Grenouille, pois ele aniquila os cheiros-lembranças ruins, ou seja, ele é uma figura que combate e mantém distantes as memórias ruins, mantendo longe o afeto associado a estas lembranças. A destruição destas lembranças é, então, uma forma de Grenouille se dissociar delas e de sua dor. Quando as necessidades infantis não têm resposta, geralmente o indivíduo se envergonha delas e, muitas vezes, tem estouros de raiva decorrentes da frustração. Como estes estouros também são intoleráveis, há uma ruptura no mundo interno, que faz com que a raiva sentida pelo agressor seja usada para reprimir a carência. Assim, as energias agressivas da psique se voltam para os aspectos dependentes do indivíduo, o que gera um ambiente interno onde o ataque à própria carência é recorrente. Este ataque interno é o que Bion (*apud* KALSCHED, 2004) chama de *ataque contra o vínculo*. A energia agressiva arcaica, isto é, a energia agressiva não elaborada, nestes casos, desfaz a própria psique com o objetivo de salvaguardar o ego de sentir dor.

Para Ferenczi (*apud* KALSCHED, 2004, p. 49, tradução nossa), “[u]ma apresentação surpreendente, mas aparentemente geralmente válida, para este processo de cisão [decorrente do trauma] é a mudança repentina da relação objetal, que se tornou intolerável, em narcisismo”. Nestes casos, o indivíduo se sente abandonado e, por isso, desiste do mundo externo e passa a viver num mundo imaginário, onde ele pode ser o que quer. A psique se divide em uma parte cuidada e uma parte cuidadora. A ajuda no cuidar vem, geralmente, de histórias e de mundos distantes e fantásticos onde a parte cuidada pode estar a salvo. Grenouille planta e faz brotarem cheiros bons, que o prendem ao mundo imaginário e seguro que criou. Os cheiros bons também parecem ser aspectos protetores do mundo imaginário que o recebe e protege do mundo externo e do mundo interno. O cheiro da moça das nectarinas que Grenouille bebe toda noite parece ser uma possibilidade de afeto e de vinculação. Como o cheiro não é uma pessoa, ele não se arrisca a um novo trauma.

O sonho de Grenouille após se “embebedar” com este cheiro é símbolo da sua carência, de seu vazio. Este vazio aparece na psicopatia, no trauma precoce e no narcisismo, e é representado pela névoa do cheiro de Grenouille que ele não sente: a falta de vínculo e de afeto impedem Grenouille de se conhecer e de se reconhecer no cheiro, como Narciso à beira do rio.

Lichtenstein (*apud* Gordon, 1980) aponta o espelho como símbolo do desassossego e do mistério e como meio de reflexo da alma do homem, de seu *eu*

interior. É isso que representa o sonho de Grenouille: o reflexo de seu vazio interno; por isso seu sonho é tão perturbador e desestruturante.

Quando o trauma é muito intenso, como parece ser o de Grenouille, até mesmo o aspecto protetor do sistema de auto-cuidado se assume impotente. E, ao que parece, o Grande Grenouille não é capaz de salvar o simples Grenouille. Kalsched (2004) afirma que, nestes casos, o que parece restar é o suicídio, a menos que algum acontecimento inesperado transforme o desespero. Grenouille se angustia ao se deparar com sua falta de cheiro, mas não entra em contato com esta angústia; ele vira as costas e vai embora. Parece que Grenouille consegue fugir da névoa do seu não-cheiro e de enfrentar seu trauma, ignorando-os para continuar vivendo; mas isto lhe custa seu refúgio mágico. Há, então, uma reviravolta em sua vida: ele descobre que, para ele, a vida sem o outro é impossível. Ele não consegue conviver inteiramente consigo porque há partes suas que o machucam demais. Superficialmente, Grenouille se alivia pela ausência do outro, mas sem ele, Grenouille é obrigado a deparar-se com seu vazio e com a própria falta de cheiro. Grenouille, então, resolve voltar a viver no mundo externo como fuga da convivência com o seu vazio interno.

Grenouille, a caminho de Grasse, é levado ao Marquês, o senhor da cidade que desistiu de viver na corte para viver de ciência. O Marquês vinha desenvolvendo uma teoria sobre os malefícios que a proximidade entre a terra e os seres vivos pode gerar. Sabemos que a terra simboliza o feminino, os sentimentos e as emoções. Lembremos que, na época desta história, o Iluminismo, com sua racionalidade intensa, ganhava forças na França. Sob este ponto de vista, a teoria do Marquês, condizente com o Iluminismo, fala que estar próximo da vida interna faz mal à saúde.

Grenouille, que passa pela experiência de “desintoxicação terrena”, percebe que a teoria não é inteiramente válida. Mas ele finge acreditar na idéia para conquistar o Marquês e consegue. Isso lhe facilita usar um laboratório de perfumaria para criar um perfume para si. De fato, Grenouille cria dois perfumes: um com um cheiro humano terrível que o faz ser notado, e outro com poder de sedução.

Grenouille se descobre capaz de produzir uma máscara que lhe permite existir no mundo. Ele entende, então, que sua falta de cheiro o anulava no mundo. Num momento em que prevalece apenas o que pode ser percebido pelos cinco sentidos, Grenouille percebe que precisa se tornar mais aparente ao mundo porque a “noção da realidade da época mental limita-se ao que é visível.” (WHITMONT, 1991, p. 89). Ao perceber o que consegue fazer com tão poucos recursos, ele novamente se dá conta do quão talentoso e superior aos outros ele é. É então que ele compreende que produzir o melhor perfume do mundo lhe trará o mundo a seus pés: ele será amado. E

isso torna os outros ainda mais diminutos. Grenouille tem uma relação ambígua com o outro porque, ao mesmo que precisa dele, o despreza:

O desejo de Narciso pela caça revela a busca de auto-estima, de identidade e de equilíbrio. Mas, da mesma forma que a caça representa um momento fugaz, essa via de busca da identidade também é fugaz. Ela se dissipa logo que o objeto é alvo da agressão. Narciso destrói o objeto que é fonte de gratificação. Existe, conseqüentemente, no mecanismo de satisfação narcísica, a fugacidade e a gratificação logo é substituída por fúria e agressão contra o objeto (CAVALCANTI, 2003, p. 205).

O ser admirado e amado é um ganho narcísico importante, já que significa que o narcisista possui valor. Mas a dependência da aprovação do outro o leva à ambivalência e faz surgir raiva e desejo de agressão. A necessidade de reconhecimento e de aprovação revela a vulnerabilidade de Grenouille e sua dependência do outro: sua autoconfiança se sustenta no apoio externo: embora ele despreze os outros, precisa deles como testemunhas de sua suposta grandiosidade.

A necessidade de desvalorizar o objeto para afirmar a própria superioridade decorre da fragilidade egóica (CAVALCANTI, 2003). A existência psíquica do outro é sentida como uma ameaça e, portanto, sua desvalorização é uma defesa contra o sentimento de inferioridade. É por isso que Grenouille sente necessidade de se auto-afirmar pela invalidação do outro.

Ao ver seu perfume funcionar, mesmo que com poucos recursos, Grenouille se pergunta do que não seria capaz com recursos mais apropriados. É quando ele decide produzir um perfume angélico que o fará amado. A meta do ego, na fase patriarcal, é a manipulação e as regras. A força do ego é medida pela capacidade de fazer prevalecer sua vontade à da natureza, “forçando-a a servir aos propósitos egóicos de permanência, do conforto e da evitação da dor, e pela capacidade de controlar os próprios impulsos, necessidade e desejos” (WHITMONT, 1991, p. 89). Grenouille opta pela manipulação dos cheiros (natureza) para evitar o confronto com a própria dor. Mas sua solução não envolve auto-desenvolvimento e, por isso, não tem consistência. Este perfume angélico é uma forma de conquistar amor, afeto e vínculo. Como vimos anteriormente, ambições grandiosas podem levar à formação de um falso Self e de uma persona que se funde com o Self, tomando o lugar da individualidade:

De súbito sobreveio-lhe um enorme contentamento. Não de embriaguez, como sentira em suas orgias solitárias na montanha, mas uma satisfação fria e sóbria, como a que é gerada pela consciência do próprio poderio. Sabia agora do que era capaz. Com recursos mínimos havia, graças ao seu gênio, imitado o odor do ser humano [...] Sabia agora que era capaz de ir ainda mais longe. Sabia que podia melhorar esse odor. Ainda seria capaz de criar um odor que fosse não só humano, mas sobre-humano, um odor angélico, tão indescritivelmente bom e com tanta energia vital que quem o

cheirasse ficaria enfeitiçado, ficaria sob um encantamento, tendo de amar de todo o coração a Grenouille, o portador desse fantástico aroma.

Sim, amá-lo é o que deveriam quando estivessem sob o fascínio do seu cheiro, não apenas aceitá-lo como igual, mas amá-lo até a loucura, até o sacrifício pessoal; deveriam tremer de encanto, uivar e gritar, chorar de prazer, sem saber por quê, cair de joelhos – isto é o que deveriam fazer como sob o incenso frio de deus, só por chegarem a cheirá-lo! Queria ser o Deus onipotente do aroma, como o fora em suas fantasias, mas agora no mundo real e sobre pessoas reais. E ele sabia que isso estava em seu poder. (SÜSKIND, 1985, p. 162).

Grenouille não “pede” reflexo positivo de sua mãe, das amas, de Mme Gaillard, de Baldini, do Marquês ou de Druot e de Mme Arnulfi. Para ele, o reflexo tem que vir do mundo inteiro e não de indivíduos quaisquer como estes, porque ele sente o valor atribuído ao perfume como se fosse para si.

Grenouille vai para Grasse, totalmente destemido: ele agora tem uma identidade, embora falsa porque é um perfume. Numa volta pela cidade, ele sente um cheiro maravilhoso. Inicialmente, ele o compara ao cheiro da jovem das nectarinas, mas não demora a perceber que este é muito mais refinado, embora ainda não estivesse bom para “colher”. Resolve esperar o aroma amadurecer, enquanto ele próprio aperfeiçoa as próprias técnicas de extração de essências.

No ateliê de Mme Arnulfi, Grenouille manipula Druot quando se mostra ignorante dos próprios talentos e, assim, consegue mais autonomia, justamente o que queria. Com esta autonomia, Grenouille volta a fazer experimentos. Um deles é a produção de um arsenal de perfumes que caracterizam personalidades diferentes, que ele usa de acordo com suas necessidades. Aqui, claramente, vemos a relação entre perfume e persona. Grenouille cria máscaras odoríferas de acordo com a impressão que quer transmitir. A sua falta de cheiro permite que ele use cheiros diferentes e que ele se apresente como personalidades diferentes.

Outro experimento é a captura de essências, agora com técnicas mais sofisticadas. Seu objetivo é conseguir capturar o aroma humano. É quando Grenouille volta ao aspecto caçador/anal do narcisismo: todos os seus movimentos servem ao seu objetivo primordial.

Uma característica do narcisismo é a ênfase no fazer e não no ser: o narcisista só se sente existindo quando em atividade pois, como está afastado do mundo afetivo, possui vazio interior e medo de perder a identidade. A atividade constante, também consequência do trauma precoce, tem por objetivo tanto o preenchimento do vazio quanto a obtenção de uma identidade, além do de angariar auto-estima. A ênfase de Grenouille está na atividade, na produção, que ignora totalmente quem ele é: ele busca produzir um cheiro-identidade falso, mas que lhe atribuirá grande valor.

É com os cheiros que Grenouille se relaciona mais profundamente. Para ele, não há possibilidade de uma relação com um objeto-humano ser minimamente satisfatória. Isto fica claro com Laure, seu cheiro-amor: ao terminar de extrair da jovem seu aroma, pouco o tocam seu corpo e suas feições. O que lhe interessa vindo dela, ele já possui. É por isso também que Grenouille teme perder a fragrância ou que ela se esgote. Este temor representa seu medo de um novo trauma: perder a identidade adquirida. Mesmo assim, ele decide não renunciar a este desejo, que representa sua única oportunidade de tentar ser alguma coisa para o mundo e no mundo, ao contrário do que havia sido até então.

Ele mata vinte e quatro moças para usar seus aromas para fortalecer o aroma de Laure e para fazer seu perfume angélico. Logo depois de matar Laure, ele é pego, confessa os crimes e é condenado. No dia da execução, ele testa o perfume e aprecia o resultado: todos que até então o odiavam e queriam vê-lo morto, passam a amá-lo, como a um anjo. Grenouille orgulha-se de sua obra e agradece apenas a si próprio e a ninguém mais. Ele não é capaz de agradecer aos outros por reconhecer seu talento perfumístico, porque isso o faria inferior aos outros.

A execução se transforma numa bacanal porque todos se envolvem no cheiro de amor. Mas este dia, em que ele triunfaria sobre a humanidade, podendo controlá-la com apenas uma gota de seu perfume, culmina no seu maior fracasso:

Sim, ele *era* o Grande Grenouille! Agora isto se demonstrava. Ele o era, como outrora em suas fantasias narcisistas, agora ele o era na realidade. Vivia nesse momento o maior triunfo da sua vida. E esse momento se tornou terrível para ele.

[...] pois não pôde gozar um segundo dele. No momento em que, saindo da carruagem, pusera o pé na praça iluminada de sol, impregnado do perfume que o tornava amado pelas pessoas [...] ressurgiu nele todo o seu nojo ante os seres humanos e conspurcou de tal modo o seu triunfo que não sentiu mais nenhuma alegria, nem sequer o menor sentimento de satisfação. O que ele sempre havia desejado, ou seja, que as outras pessoas o amassem, tornava-se, no instante do seu êxito, insuportável, pois ele mesmo não as amava, mas as odiava. [...]

[...] o ódio que sentia pelas pessoas permaneceu sem eco. Quanto mais ele as odiava nesse momento, tanto mais elas o adoravam, pois nada percebiam dele senão a sua aura, a sua máscara odorífera, o seu perfume roubado [...]

[Grenouille] desejava que [as pessoas] notassem o quanto ele as odiava e que por isso, por causa desse seu único sentimento real, elas o odiassem de volta [...] *Uma vez* na vida ele gostaria de se externar. Uma vez na vida gostaria de ser também como outras pessoas e externar a sua interioridade: assim como elas externavam o seu amor e a sua idiota veneração, assim ele o seu ódio. Uma vez, uma única vez, queria ser considerado em sua verdadeira existência e receber de outra pessoa uma resposta ao seu único sentimento verdadeiro, o ódio (SÜSKIND, 1985, p. 248-249).

Do que Grenouille mais precisa não é o amor dos outros, mas sim ser refletido. Todos o amam, mas ele odeia a todos, que não percebem seu ódio. Nem Richis reconhece em Grenouille o assassino de sua filha. A raiva que Grenouille sente dos outros também se deve ao fato de ninguém ter se aproximado dele ou refletido suas necessidades.

Junto com a frustração, volta a névoa do seu cheiro que não tem cheiro e Grenouille desmaia. Ele é resgatado por Richis e, recuperado, foge de volta para Paris. Quando acorda da bacanal, a população está com uma grande ressaca. Muitos, como se tivessem sofrido um trauma, se esquecem do ocorrido e ninguém toca mais no assunto.

Grenouille, a caminho de Paris, percebe que tem em mãos o maior poder do mundo, mas este poder não serve para ele: o perfume não muda o fato de ele não ter cheiro. As pessoas podem ser enganadas, mas ele sabe que a reação delas diante dele é efeito do perfume; e, por saber, é imune a seu poder. Ao perceber que nem mesmo o melhor perfume do mundo é capaz de fazer com que ele seja refletido, ele desiste, porque não vê mais como conviver com seu vazio interno:

[...] Tinha poder para [fazer o que quisesse]. Segurava-o na mão. Um poder que era mais forte que o poder do dinheiro, do terror ou da morte: o insuperável poder de fazer as pessoas amarem. Só uma coisa esse poder não podia: não podia fazer com que ele mesmo cheirasse para si próprio. E ainda que chegasse a aparecer diante do mundo, através do perfume, como um Deus – se ele não podia cheirar a si mesmo e, por isso, jamais saberia quem ele era, – nada disso importava, não importava o mundo, ele próprio, o seu perfume (SÜSKIND, 1985, p. 260).

7.4 Lysis

Já em Paris, Grenouille volta ao cemitério sobre o qual nasceu. Ao anoitecer, junta-se a um grupo de marginais, derrama sobre si todo o frasco de perfume e é devorado pelo grupo. A nosso ver, a morte de Grenouille reflete não só o desamparo de sua psique – que o leva ao suicídio – mas também reflete a inveja que o grupo de marginais tem de Grenouille devido a sua máscara de perfume. O fato de Grenouille ser incorporado pelos membros do grupo alimenta esta hipótese, dada a voracidade e a violência com a qual atuaram.

Outro aspecto interessante é o motivo pelo qual o grupo, quase sem querer, mata Grenouille: amor. Ele, visto pelo grupo como um anjo, inspira amor e desejo, mas não o mesmo desejo que ele despertou quando usou o perfume pela primeira vez no dia da sua execução: naquele dia, as pessoas desejaram-se umas às outras; neste, todos desejam Grenouille, tanto quanto ele queria quando fez o perfume.

O brilho de donzela que os assassinos de Grenouille carregam depois do canibalismo parece representar uma satisfação que Grenouille nunca teve e que, pela primeira vez, oferece aos outros. Aparentemente, o carrapato deixou-se cair no mato em busca de sangue, mas machucou-se na queda, ferindo sua carapaça e permitindo que tudo que guardava dentro de si, saísse.

8 DISCUSSÃO

Never I ask of you
 But never I gave
 But you gave me your emptiness I now take to
 my grave⁷
 (METTALICA, Mama said, 2009).

Abud (2006), em sua dissertação de mestrado, também fez uso do romance de Süskind (1985), embora com outra abordagem. Foi interessante notar divergências no modo de ver Grenouille, não tanto pelo referencial teórico, mas pela relação que estabelecemos com ele. Pelo que pude notar, num primeiro momento, ela se sensibiliza com Grenouille porque ninguém se vincula a ele. Da minha parte, foi difícil me aproximar de Grenouille no início. Entretanto, na reta final de sua análise, Abud (2006) parece se afastar de Grenouille, ao passo que eu me aproximei: enquanto ela zombava de suas técnicas, eu me sentia mais próxima e empaticizada com ele.

Da mesma forma que a relação que estabelecemos com Grenouille foi diferente, os aspectos que notamos como importantes para a sua compreensão variaram. Quanto a estas diferenças, é importante lembrar que, embora o símbolo se forme com a “permissão” e, muitas vezes, por necessidade da consciência, isso não garante que o ego o elaborará sem auxílio. É significativo, ainda, considerar que o aspecto consciente do símbolo é a forma reconhecível que ele assume e pela qual é reconhecido por cada um de nós. Seu aspecto desconhecido é exatamente aquele que a consciência precisa e é a conjunção destes dois elementos que causa uma sensação de fascínio e distanciamento (PENNA, 2003). Elementos não incluídos ou não elaborados neste trabalho se devem, muito provavelmente, a questões pessoais ainda não minimamente elaboradas.

Assim, depois de um longo percurso do trabalho, chego a conclusão de que o problema inicial de Grenouille remete à participação de Nêmesis no mito de Narciso: ele incorre na *hybris*, e Nêmesis o pune impondo-lhe um *pathos*. A depender do *ethos* de Narciso, ele pode se redimir. Transpondo este esquema para Grenouille, notamos que sua *hybris* está no olfato altamente desenvolvido, na sua identificação com o Self e

⁷ Nunca te pedi/Mas nunca dei/ Mas você me deu seu vazio que agora eu levo para meu túmulo.

na exclusão que ele faz de Eros, explícita, quando Süskind (1985, p. 25, grifo do autor) fala sobre sua decisão “*contra* o amor e, mesmo assim, *a favor* da vida”.

O olfato exacerbado de Grenouille parece ser uma resposta compensatória à ausência de identidade que se apresenta como problema potencial, quando Grenouille ainda está no ventre da mãe. Embora Nêmesis não se apresente no romance, há um *pathos*: a ausência de cheiro, que indica o caminho que Grenouille deve seguir: a busca pelo próprio cheiro, isto é, a busca pela sua identidade.

O *ethos* de Grenouille é fazer o perfume que enfeitiça a todos e que faz com que ele seja amado. Parece que Grenouille tenta “contornar” seu *pathos*, isto é, sua falta de cheiro-identidade, buscando um perfume-persona. Ao evitar entrar em contato com seu mundo interno sofrido, Grenouille busca, por meio de seu perfume-persona, o amor e, principalmente, o reflexo que ele, no fim da vida, parece ter consciência de querer e de precisar.

No entanto, temos que considerar que, em caso de trauma precoce, a psique “troca” de objetivo: ela não almeja mais a individuação, mas sim a sobrevivência; para tanto, a psique se dissocia. O *ethos* de Grenouille talvez não pudesse ser outro. O que indica isso é que, ao encarar sua falta de cheiro e se dar conta da sua falta de reflexo, ele caminha para a própria morte. A “cura” de Grenouille talvez não fosse possível, dada a ausência total de reflexo ao longo da vida.

A nosso ver, Grenouille não é apenas alguém sem cheiro, mas sim alguém a quem ninguém deseja atribuir um cheiro. Todas as personagens com quem Grenouille se relaciona o vêem como objeto de interesse; todas as relações de Grenouille implicam em falta mútua de vínculo. Assim, podemos supor que a morte ou o sumiço de todas essas personagens quando Grenouille se vai representam o fim da existência física delas e a morte simbólica de possíveis relações saudáveis não desenvolvidas.

O campo traumatizante das relações interpessoais de Grenouille remete à despersonalização e à falta do âmbito simbólico dos quais fala Kalsched (2004) e que também aparecem na psicopatia. Por isso Grenouille não reconhece sua falta de cheiro como falta de identidade e busca uma solução concreta para o problema: desenvolver um cheiro ao invés de buscar, através do auto-conhecimento, seu cheiro próprio.

A falta de reflexo, as constantes experiências de abandono e as relações de interesse que as outras personagens estabelecem com Grenouille, causam-lhe um trauma de início precoce que se estende ao longo de sua vida, com duas grandes conseqüências: a dissociação da sua vida emocional e um distúrbio acentuado da formação da sua identidade. A saída que Grenouille encontra para estas feridas é o comportamento claramente narcisista e psicopático, decorrente de um sentimento de traição, como o das crianças com as quais Taboada (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009)

teve contato. Estes comportamentos se manifestam na trajetória de Grenouille em direção a seu objetivo grandioso (o perfume) e na escolha do meio para alcançar este objetivo (os assassinatos). Estas circunstâncias da vida de Grenouille não só o levam a seguir a trilha dos assassinatos como impedem sua individuação.

O *perfume de Narciso* não tem cheiro. O perfume, tanto de Narciso como de Grenouille, está à mercê do quanto cada um se conhece. E o auto-conhecimento está diretamente relacionado ao reflexo que recebemos ao longo da vida.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

The definition of a crazy person is
Someone that does the same thing, over and over
again
While expecting new results.⁸
(Regina Spektor: The definition of a crazy person,
2009)

A trajetória percorrida neste trabalho permitiu que o objetivo fosse alcançado: foi possível compreender as circunstâncias que levaram Grenouille a seguir a trilha dos assassinatos. No final da pesquisa, compreender Grenouille a partir da perspectiva das personagens secundárias pareceu uma forma interessante de ampliar a análise; porém, esta ampliação não foi feita.

Um dos recursos usados para a análise foi a conversa com Taboada (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009). Ele trabalhou durante quatro anos, na década de 1980, com crianças internas da FEBEM, tivessem elas ou não algum tipo de envolvimento, direto ou indireto, com atos violentos. A partir desta conversa, foi possível, numa primeira instância, ouvir histórias sobre crianças em situações análogas à de Grenouille: devido à(s) experiência(s) de abandono, as crianças desenvolviam uma frieza emocional que lhes permitia sobreviver frente à falta de calor humano.

Os relatos de Taboada (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009) possibilitaram uma aproximação com Grenouille que nenhuma das outras fontes de informação permitiu: os livros referentes ao narcisismo traziam poucos relatos de caso; o livro sobre psicopatia de Hare (1999) trazia casos interessantes – e muitas vezes um pouco assustadores -, mas ainda assim não me aproximaram de Grenouille; senti que as coisas começaram a ficar mais claras e mais próximas quando li o livro de Kalsched (2004) e me sensibilizei com os casos que ele relata. Mas foi apenas com a conversa com Taboada (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009) que consegui romper a barreira entre Grenouille e eu. É como se, ao ouvir histórias semelhantes a sua, eu conseguisse compreendê-lo e, assim, me aproximar dele. Talvez a diferença entre ler casos de

⁸ A definição de uma pessoa louca é/aquela que faz a mesma coisa vezes seguidas/Esperando novos resultados.

adultos que passaram por situações traumatizantes quando pequenos e ouvir relatos sobre crianças que desenvolveram traços psicopáticos diante de experiências de abandono tenha permitido esta ligação.

Acho interessante pensar nos movimentos da minha relação com Grenouille: num primeiro momento houve interesse da minha parte – caso contrário, eu não teria escolhido sua história como objeto de estudo. Mas, aos poucos, percebi que era muito mais a sua história que me chamava a atenção do que ele propriamente dito. Isso ficou mais claro quando comecei a tentar delinear a análise, isto é, quando eu precisei me aproximar dele. Ao mesmo tempo, eu não era capaz de identificar se ele me afastava ou se eu me afastava dele; talvez houvesse um pouco dos dois. A impressão que tenho é que me faltava algo que me aproximasse de Grenouille; e foi esse o resultado da conversa com Taboada (COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009).

Esta conversa não serviu apenas para romper a barreira entre Grenouille e eu. A partir dela também refleti sobre as pessoas que se relacionam com crianças que passaram pela experiência de abandono. Assim que entendi que características como frieza emocional e habilidade em mentir e manipular os outros são recursos que estas crianças têm para sobreviver, meu olhar sobre elas mudou. É claro que o incômodo e o desconforto, ao me imaginar numa relação com elas, permaneceram, mas meu olhar mudou. E, com a mudança do olhar, vem a vontade de ser onipotente para mudar a vida destas crianças, oferecendo o cuidado e o amor de que precisam.

Não é difícil de imaginar que boa parte das pessoas que começam a trabalhar em instituições como a FEBEM – hoje Fundação CASA – estão iludidas e talvez até infladas, com a melhor das intenções, querendo resgatar as crianças e os jovens do mundo das drogas, do crime, da prostituição infantil e do sofrimento. Mas as próprias crianças e adolescentes aprendem – cedo demais – que as coisas não são fáceis. As experiências de abandono e de viver na rua dão a eles uma inteligência, uma habilidade mental, que muitos de nós demoramos anos para conseguir, se é que conseguimos tanto (TABOADA, COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009).

Assim, os funcionários, um dia, engajados na mudança de cada uma destas crianças, se frustram e mudam completamente seu comportamento com elas; não sem razão. A expectativa frustrada de ajudar alguém que não só recusa ajuda, mas que faz uso da pessoa que oferece ajuda é um grande trauma. Desta forma, cria-se um ciclo traumatizante entre internos e funcionários que torna o ambiente cada vez mais aversivo para as duas partes.

Algumas alternativas surgem para tentar mudar a realidade destas crianças. Uma delas é a adoção. Qualquer casal interessado em adotar uma criança passa por uma bateria de exames, entrevistas e investigações. Mas, uma vez com a criança no

colo, as famílias adotivas são abandonadas pelo Estado. E, quando esta criança não reage de acordo com a expectativa dos pais, eles se frustram e, novamente, nos deparamos com um ambiente aversivo (TABOADA, COMUNICAÇÃO VERBAL, 2009).

Tudo isso porque estas crianças tiveram que aprender a não confiar em ninguém para sobreviver: elas foram traídas num estágio fundamental de suas vidas. Assim, elas não aceitam o amor como uma dádiva, sem segundas intenções, porque elas foram levadas, em sua experiência, a não acreditar na possibilidade deste amor. Muitas delas passaram por mais de uma experiência de vínculo rompido e, por isso, não se vinculam mais aos outros. Como consequência, elas obstruem nossas tentativas de salvá-las do mal que lhes foi feito.

Este trabalho permitiu uma reflexão sobre um problema social importante: o alto índice de crianças e jovens envolvidos com a violência. Imagino que muitas crianças que se encontram em situação semelhante à de Grenouille tenham tido nascimento igualmente semelhante: falta de preparo e falta de capacidade emocional e financeira destes pais, embora este não seja o único, e talvez nem o principal, fator para casos como o de Grenouille. Porém, se nada for feito a este respeito, acredito que serão cada vez mais comuns casos como o de Grenouille em nossa sociedade.

Outro ponto importante de frisar é que não somos tão poderosos quanto gostaríamos para que fosse possível ajudar estas crianças desta forma; nós também temos as nossas lacunas, nossos pontos cegos, feridas narcísicas, experiências de abandono, traços psicopáticos, esquizóides, sociais, etc. E, por mais que façamos terapia e por mais que nos envolvamos nas relações do dia a dia, estas características não desaparecem; são elas que nos tornam falhos e únicos. São elas que nos tornam humanos.

REFERÊNCIAS

ABRIL Coleções. *Atlas do corpo humano volume 3*. São Paulo: Abril, 2008.

ABUD, Cristiane C. *Dores e odores: vicissitudes do olfato*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1990.

BRANDÃO, Junito S. *Mitologia grega volume I*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009a.

BRANDÃO, Junito S. *Mitologia grega volume II*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

CASOY, Ilana. *Serial killers: louco ou cruel?*. São Paulo: WVC, 2002.

CAVALCANTI, Raïssa. *O mito de Narciso: o herói da consciência*. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Centauro, 2005.

FREUD, Sigmund. Sobre narcisismo: uma introdução. *Obras completas. Volume XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1969a.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas. Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.

GORDON, Rosemary. Narcissism and the self: who am I that I love? *Journal of Analytical Psychology*. 25 (3): p. 247-264. London, July, 1980.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. *Eros on crutches: reflections on psychopathy and amorality*. Texas: Spring Publications, 1980.

HARE, Robert D. *Without conscience: the disturbing world of the psychopaths among us*. New York: Guildford Press, 1999.

HOLANDA, Chico Buarque de. *Tantas palavras: todas as letras*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

JACOBY, Mario. *Individuation and narcissism: the psychology of the Self in Jung and Kohut*. London: Routledge, 1991.

KALSCHED, Donald. *The inner world of trauma: archetypical defenses of the personal spirit*. New York: Brunner-Routhledge, 2004.

METALLICA. *The unforgiven III*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/metallica/1330140/>>. Acesso em 02.11.2009a.

METTALICA. *Mama said*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/metallica/25886/>>. Acesso em 02.11.2009b.

METALLICA. *No remorse*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/metallica/25914/>>. Acesso em 02.11.2009c.

MONTELLANO, Raquel P. Narcisismo: considerações atuais. In: *Junguiana*, nº. 14, p. 86-91. São Paulo, 1996.

MONTELLANO, Raquel M. P. Transtornos de la personalidad narcisista. In: *Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica*. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana: 2006.

MORAES, Vinícius de. *Berimbau/Consolação*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/vinicius-e-toquinho/857684/>>. Acesso em 14.09.2009

NEUMANN, Erich. *A criança: estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

OLIVEIRA, Luisa de. *Coisas de menina: análise simbólica da personagem Buffy – a caça-vampiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. São Paulo: Madras, 2003.

PENNA, Eloisa M. D. *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário Junguiano*. São Paulo: Paulus, 2002.

RIBAS, Eliana Ribeiro de Souza. *Identidade e narcisismo: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SALLES, Maurício I.P. *A persona contemporânea: o consumista narcisista – uma leitura simbólica do filme Clube da Luta*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio. *As imagens no contexto clínico de abordagem junguiana: uma interlocução entre teoria e prática*. Tese (Doutoramento). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SPEKTOR, Regina. *The definition of a crazy person*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/regina-spektor/729117/>>. Acesso em 02.11.2009.

SÜSKIND, Patrick. *O perfume: história de um assassino*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

SWARTZ-SALANT, Nathan. *Narcisismo e transformação de caráter: a psicologia das desordens do caráter narcisista*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TAYLOR, Jill B. *A cientista que curou seu próprio cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

VON FRANZ, Marie Louise. *A interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 2005.

WHITMONT, Edward C. *Retorno da deusa*. São Paulo: Summus, 1991.